

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de formatura de 4.500 alunos do Pronatec e de inauguração de três novos campi do IFRN: Ceará-Mirim, Canguaretama e São Paulo do Potengi – Natal/RN

Natal-RN, 02 de outubro de 2013

Eu queria iniciar cumprimentando o Marco Antônio Rodrigues. O Marco Antônio, além de ter uma voz belíssima, fez um discurso, aqui, que honra vocês pronatequianos. Ele falou com o coração e a razão e, por isso, ele fez um discurso que me comoveu, e eu queria cumprimentá-lo por isso.

Queria cumprimentar também o Lucivaldo Tarquínio da Silva, que prestou juramento em nome de todos vocês. E quando eu cumprimento os dois, eu estou cumprimentando cada um de vocês.

Queria dizer uma coisa: nós somos, e temos orgulho disso, uma das maiores democracias do mundo. Nós somos um país e uma nação que tem uma característica, nós somos tolerantes. Nós aceitamos a diversidade, nós aceitamos a diferença de crença, de religião; nós aceitamos a diferença de etnias; nós somos um país que tem na sua diversidade a sua maior força. Nós somos índios, nós somos negros afrodescendentes, nós somos dos mais variados tons do branco. E eu queria dizer que, por isso, nós também respeitamos as pessoas. A gente pode discordar delas, mas a gente tem de deixá-las dizer o que pensam. Vamos respeitar a governadora que está aqui. Vamos, não, é feio, isso é feio.

Eu vou falar para vocês uma coisa: o reitor esteve aqui e falou em cidadania. Cidadania é respeito. Ninguém respeita quem não se respeita e não respeita os outros.

Por isso, eu cumprimento a governadora Rosalba Ciarlini.

Os ministros de Estado: Aloizio Mercadante, da Educação; ao cumprimentar o ministro Garibaldi Alves, que é daqui, eu queria reafirmar o compromisso do meu governo com o atendimento à população potiguar, e o governo está sob a coordenação do ministro Garibaldi, criando novas agências da Previdência. Estou falando isso porque agora, até o início do ano que vem, o ministro pretende inaugurar aqui, aqui em Ceará-Mirim, uma agência do INSS, e também mais 12 agências serão inauguradas aqui no Rio Grande do Norte.

Saúdo também a ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social.

O desembargador Aderson Silvino, presidente do Tribunal.

Os deputados Federais Betinho Rosado, Fábio Farias, a Fátima Bezerra, João Maia, a Sandra Rosado e o Paulo Wagner.

Quero saudar os prefeitos de onde nós estamos inaugurando os campi do Instituto Federal do Rio Grande do Norte: o prefeito aqui, de Ceará-Mirim, Antônio Marcos de Abreu Peixoto, e dizer para ele que eu vou olhar os pleitos dele com atenção e que eu estou acostumada, prefeito, é assim mesmo que tem que ser, depois que a gente faz uma coisa, tem de pedir outra, é assim mesmo, prefeito, pode ficar tranquilo; a prefeita, também, de Canguaretama, a Maria de Fátima Borges Marinho; e o prefeito de São Paulo do Potengi, José Leonardo de Araújo. Ao cumprimentar os três eu cumprimento todos os prefeitos.

Queria também dirigir um cumprimento especial ao senhor Belchior de Oliveira Rocha, nosso reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia aqui do Rio Grande do Norte. E eu cumprimento, através dele, todos os professores do Instituto Federal.

Queria cumprimentar a Ângela Maria Paiva Cruz, reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Queria dirigir um cumprimento especial – esse programa Pronatec, ele é um programa de parceria, parceria entre o governo federal e institutos federais de educação, as escolas federais técnicas, as escolas estaduais, quando existirem, e as entidades. Queria cumprimentar o José Vieira, do Senac; cumprimentar o Eudo Laranjeira Costa, do Senat; o Marcelo Fernandes de Queiroz, do Sesc-Senac; e queria cumprimentar o vice-presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, Pedro Terceiro de Melo. Queria cumprimentar os diretores dos campi aqui hoje inaugurados: o José Paiva, de Ceará-Mirim; o Valdelúcio Ribeiro, de Canguaretama; e o Edinaldo Pereira, de São Paulo do Potengi.

Minha querida Manoela Braga, presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas.

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,
Senhoras e senhores,

Primeiro, a característica principal desse ato, é um ato de formatura de vocês, do Pronatec. Ele se enche de significado, porque é um caminho que vocês construíram e que leva vocês a vários lugares. Principalmente aqueles lugares em que a força da dedicação de cada um permitiu que vocês adquirissem conhecimentos que vocês não tinham e, agora, vocês dão um passo no rumo de uma nova vida. Por isso, primeiro de tudo, parabéns a cada uma das brasileiras e dos brasileiros que, com seu esforço, conseguiram o diploma de cada um de vocês. Palmas para cada um de vocês. Em qualquer programa, a coisa mais importante são as pessoas, qualquer programa. De nada adianta todo o esforço da gente, das entidades parceiras, se o esforço de vocês não levou vocês ao sucesso. Por isso, o primeiro parabéns é de vocês.

Queria saudar também – eu sei que aqui tem vários municípios, me informaram que as pessoas são de Natal, queria aqui dar um parabéns para Natal; são de Parnamirim, parabéns Parnamirim; são de São Gonçalo do Amarante, parabéns; são de Maranguape. Não tem Maranguape? O “x” dele, gente, e o “r” dele, tinha de levar ele a fazer aquelas coisas que fazia antes, de caligrafia, você lembra de caligrafia? O x dele e o r são iguais. Afonso Pereira, Maranguape, Afonso Bezerra, aqui está escrito Canguaretama, é Canguaretama; agora é Ceará-Mirim, Currais Novos, São Paulo do Potengi, Santa Cruz, Macaíba, Taipu – ê, Taipu tá bom, hein? –, Riachuelo, Bento Fernandes, Touros, Rio do Fogo. Faltou alguma? Vera Cruz? Agora eu não estou escutando... João Câmara. Mais algum? Pureza. Vera Cruz, já falei. Pureza.

Bom, gente, e agora eu vou falar das escolas também onde vocês se formaram. Senai, Senac, Instituto Federal, Escola Técnica de Jundiá, Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Senat, Senar. Parabéns a todos vocês.

Eu quero dizer para vocês que eu também acho que tem uma outra razão para gente aqui estar comemorando, que é a construção desses campi do Instituto Federal do Rio Grande do Norte e dos dois outros que nós aqui também estamos inaugurando.

Mas eu queria hoje começar com uma homenagem aos pronatequianos. Eu agradeço muito a vocês se vocês seguirem aquilo que o Marco Antonio falou: se vocês trouxerem para o Pronatec mais pessoas, se vocês incentivarem e que vocês motivarem pelo exemplo de vocês. Porque hoje nós estamos aqui mostrando para o Brasil que aqui no Rio Grande do Norte 4,5 mil estudantes do Pronatec estão se formando. São estudantes que não estão no chamado ensino regular, são estudantes que se formam se capacitando profissionalmente, algo que o Brasil tem de valorizar, que muito precisa. Se beneficia vocês, beneficia muito mais ainda ao Brasil. Nós, para crescermos, para sermos uma nação desenvolvida, vamos precisar de ter estudantes trabalhadores, trabalhadores estudantes.

Nos países desenvolvidos, para cada um universitário nós temos 10, em torno de 10 com ensino técnico de alto nível. Nós queremos que os trabalhadores do nosso país tenham ensino técnico de alto nível. Por quê? Porque o ensino técnico de alto nível dá salário melhor, dá também maior perspectiva para as pessoas que fazem o ensino e para as suas famílias. Esse é o momento especial, o Brasil está fazendo um esforço para não só gerar emprego, mas gerar o melhor emprego possível. E o melhor emprego possível, sabe o que ele faz com o Brasil? Ele transforma o Brasil numa das economias mais importantes do mundo. Por isso, esse é um caminho onde cruza os interesses de vocês e os interesses de todo o país.

Eu queria dizer para vocês que tem uma pessoa aqui, no Rio Grande do Norte, e foi em Angicos, há 50 anos, que um homem chamado Paulo Freire aplicou, pela primeira vez, as diretrizes do seu método de educação de adultos. E hoje nós estamos aqui dando um passo além, muito além do que ele deu naquela época, mas o dele tem importância, porque era aquele passo decisivo, que é o primeiro. Naquela época, esse homem chamado Paulo Freire disse uma coisa: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem a educação tampouco a sociedade muda”. Se nós queremos mudar o nosso país, fazer com que as pessoas tenham oportunidades iguais – as pessoas são diferentes –, agora os brasileiros e brasileiras tem de ter as mesmas oportunidades. Os brasileiros e as brasileiras, todos tem de ter a mesma oportunidade.

E aí eu quero lembrar uma outra pessoa, que teve e dizia com muito orgulho: “Eu tive dois diplomas, um do Senai, outro de presidente da República”. É o Lula. E a oportunidade primeira que ele teve, que o levou à segunda, foi se formar no Senai. Então, eu quero dizer para vocês: valorizem, valorizem esse diploma e não parem aí. Nem presidente da República pode parar de estudar, tem de dar um jeito, sempre tem de dar uma estudada. A gente nunca pode parar de estudar, a gente nunca pode parar de aprender. A característica mais interessante do ser humano é essa imensa capacidade que a gente tem, de dar a volta por cima. E a gente dá a volta por cima quando a gente se esforça também para aprender, a gente aprende com o erro, a gente aprende com o acerto, a gente aprende com curso e a gente aprende com esforço, por isso eu dou meus parabéns mais uma vez a vocês.

E quero dizer para vocês que tem duas características que eu sempre digo que eu me entusiasmo, no curso do Pronatec. A primeira é o fato de que o Pronatec dá opção. As pessoas não são iguais, ela tem de ter opção. E ela dá cursos diferenciados, aqui são 32 cursos. Esses 32 cursos que são cursos que permitem que haja um gama de escolhas.

Vão de computação, passando por cursos importantes num estado bonito como esse, que tem no turismo, sem sombra de dúvida, uma das suas oportunidades, que são os cursos na área do turismo, os de hotelaria. Mas eu acredito que, sobretudo, também, a área de serviços, e aí eu vi a hora que o pessoal do Senac, eu chamei o Senac, apareceram muitos que se reconheceram como tal. Em qualquer hipótese, eu quero dizer para vocês que é uma parceria, um ensino técnico fazer 8 milhões em 2 anos e meio, que é o que nós, na prática, estamos fazendo, porque lançamos, em três anos, vamos dizer assim, é um esforço imenso, mas é um esforço... Por que nós estamos fazendo? Porque nós queremos também que os cursos não só sejam diversificados – e aí vem a segunda característica –, eles sejam bons, eles sejam cursos nos quais vocês aprendam.

Daí porque fizemos cursos com parcerias, tanto com a Federal, os institutos federais que, como mostrou o ministro, até o início do nosso governo, o governo federal não podia fazer escolas técnicas, e isso paralisou a oferta de oportunidade de estudo de todo mundo. Isso não está certo. Por isso que nós mudamos isso, não só mudamos, mas ampliamos o número de vagas para todo mundo. E, além disso, procuramos o que havia de melhor no Brasil em termos de ensino técnico. E o que é que tem de melhor no Brasil? O Sistema S. E fizemos parceria com o Sistema S.

Hoje, eu quero dizer para vocês que eu vou contar uma história de uma pessoa que não esteve aqui no palco, mas é ilustrativa à história. Várias pessoas aqui assinaram a sua carteira de trabalho. Eu vou contar a história de uma empreendedora, uma pequena empreendedora, ela chama Maria Janaína Cardoso da Silva. Ela deve estar por aqui hoje. E a Maria Janaína, a Maria Janaína... Ela tá aí? Bom, a Maria Janaína fez o curso do Senac de auxiliar de cozinha. O que ela queria? Ela tem um restaurante, ela queria melhorar o desempenho dela lá no restaurante, que é numa das cidades que todo mundo comenta, eu ainda vou vir aqui para passar as minhas férias, no dia em que eu tiver férias, que é São Miguel do Gostoso. E eu sempre ouvi dizer que é um dos lugares mais bonitos do Brasil. E ela, então, tinha um restaurante, ela trabalhava antes na cozinha de outros restaurantes e pousadas lá em São Miguel do Gostoso. Quando o marido dela ficou desempregado, em 2011, a Maria Janaína resolveu vender a casa e comprar um restaurante lá no terreno da mãe dela – dele, aliás, a mãe é dele – lá na beira-mar. E aí o que aconteceu? Eles botaram trabalho no restaurante, eles se esforçaram. No início desse ano, a Maria Janaína foi lá e se inscreveu como microempreendedora individual, para formalizar o negócio dela e contratar um funcionário, que era o seu primeiro funcionário, para substituir o marido que tinha ido trabalhar nas obras de ampliação do terminal rodoviário de Natal. Então, ela foi também fazer um curso no Pronatec. E aí o que ela conseguiu? Ela conseguiu melhorar ainda mais a qualidade do restaurante que ela tem, e com isso ela está melhorando a situação dela e do marido. Por que contei a história da Maria Janaína? Porque não é só na Carteira de Trabalho, ou seja, não é só no emprego, mas também é para melhorar o pequeno negócio que a pessoa tenha. Então, a história da Maria Janaína mostra muito o que é o Pronatec. O Pronatec é isso: é oportunidade de trabalho e também de virar uma empreendedora.

E eu queria dizer para vocês que tudo isso tem um segundo passo. O segundo passo é justamente o IFET, o segundo passo é o IFET. Porque vocês não vão poder trabalhar, parar de trabalhar e nem de estudar. Muitos de vocês vão ter um outro caminho, que é

entrar aqui no IFET, estudar, fazer um curso, continuar trabalhando e continuar estudando. E aí eu tenho orgulho de dizer que nós, em 2002, tínhamos 140 escolas em todo o Brasil, e que, no final de 2014, nesses 10 anos, um pouco mais de 10 anos, nós vamos chegar a 562 escolas. Saindo de 140 para 562.

Finalmente, eu quero dizer para vocês uma outra coisa: nós temos de valorizar o professor, o professor tem de ser valorizado, de tudo que aconteceu. Porque a gente, no Brasil é engraçado, a gente quer educação mais qualificada sem falar no professor? Não é possível, não é? Só pode ter educação de qualidade com professor melhor remunerado e também melhor formado, melhor capacitado e melhor formado. Para isso, o Brasil precisa investir na educação. Pois eu quero dizer para vocês que a grande novidade desse ano na educação é o fato de que nós aprovamos os *royalties* do petróleo e do Fundo Social para a educação. Porque vai ter de gastar dinheiro com professor, vai ter de gastar dinheiro com escola. E aí eu chego numa questão: o curso de vocês é gratuito, não é? Para vocês, para vocês ele é gratuito. Porque o governo paga R\$ 14 bilhões, para os oito vai pagar R\$ 14 bilhões para os oito milhões de alunos do Pronatec.

O que quero dizer é o seguinte: o Estado brasileiro tem de garantir os recursos para o Pronatec continuar. O Pronatec, quando nós aprovamos os recursos dos *royalties*, nós estamos de olho, de olho no fato de que o Pronatec precisa de dinheiro para continuar. E aí o que vai acontecer? Vai acontecer que nós vamos melhorar o Pronatec cada vez mais. Porque não foram só vocês que aprenderam. Aprendeu o Instituto Federal Tecnológico de Educação, aqui, aprendeu o Senai, o Senac, o Senat e o Senac. Aprenderam com quem? Com vocês, dando curso de formação profissional. Por isso que aprovar os *royalties* é importante. Nós precisamos de bons professores, como vocês, eu tenho certeza. E aqui eu queria que vocês se levantassem e dessem uma salva de palmas para os professores que formaram vocês.

E eu queria encerrar dizendo para vocês que amanhã é feriado aqui. É feriado porque no passado, aqui, um grupo de brasileiros e de brasileiras, dentro de uma igreja, foram massacrados.

E eu queria dizer para vocês, finalizando, que nós somos um povo que tem mostras de grande coragem, que diante da adversidade as pessoas se empoderam e se manifestam. Amanhã eu queria que vocês lembrassem que nós somos um país especial: nós não temos guerra, nós não temos perseguição religiosa, nós não temos, nós não temos, e ninguém tem direito, no Brasil, de falar sobre isso, nós não temos, este país não pode ter e se dar o direito de ter preconceito étnico e racial. Por que é que ele não pode? Porque nós somos o país que foi formado com a diferença de todas as raças. Falam muito da nossa diversidade ambiental quando a gente olha para a Amazônia e vê aquela riqueza toda; olha para a Mata Atlântica, para o litoral nordestino, para todo o cerrado brasileiro, para os pampas. Nós somos diversos, ambiental e climaticamente, mas, sobretudo, nós somos diversos porque nós somos um país formado por várias, várias correntes de seres humanos que para aqui se dirigiram para construir a nossa democracia tropical.

E aí, eu quero dizer para vocês. Amanhã nós lembremos também desses homens e dessas mulheres sacrificados porque eles foram sacrificados num momento em que aqueles que os mataram dentro da igreja olharam para eles como não humanos, e isso este país não pode fazer. Daí por que eu digo para vocês. Num mundo como este em que

nós vivemos, em que nós vemos só conflitos, nós vemos só repressão, este país ter dado o passo, ter criado o sistema de cotas nas universidades, este país ter dado o passo, não ter tido conflito com seus vizinhos em 140 anos é uma manifestação de grande civilidade, de grande força democrática e, sobretudo, nós somos capazes de construir uma sociedade com mais igualdade de oportunidades, e isso hoje vocês mostraram que não é um sonho, é uma realidade.

Parabéns para vocês!

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de máquinas e de assinatura das ordens de serviço da BR-158 e da BR-487 - Campo Mourão/PR

Campo Mourão-PR, 04 de outubro de 2013

Boa tarde. Eu gosto muito de aplausos, mas acho que vocês estão com a barriga vazia. Então, também eu tenho consideração e apreço pela fome de vocês todos.

Queria dizer para vocês e iniciar cumprimentando aqui... Eu tenho muito prazer de estar aqui em Campo Mourão, portanto, eu queria cumprimentar, primeiro, todos os moradores e as moradoras aqui, de Campo Mourão.

Mas dizer que estou muito feliz de estar aqui no Paraná mais uma vez, e estar aqui nesta região, e participar desta cerimônia.

E aí, eu tenho que iniciar cumprimentando aqui os nossos prefeitos, os prefeitos aqui e as prefeitas, porque eu vi muitas prefeitas, o que muito me orgulha ver que o Brasil crescentemente dá representação às mulheres. Porque é muito importante no nosso país que isso ocorra. Nós somos 50% da população, um pouquinho mais, não é, gente? E aí não tem... Eu vi aqui que teve, num primeiro momento, algum problema de dizer só as prefeitas? Não, as prefeitas, agora, os prefeitos não podem achar ruim, não, porque todo prefeito tem uma mãe, todo prefeito tem uma mãe e está todo mundo em casa.

Então queria primeiro dizer da importância que é o fato principalmente dos prefeitos e das prefeitas dos municípios de até 50 mil habitantes no Brasil, 50 mil habitantes. E nós sabemos que 90%, mais de 90% dos municípios têm até 50 mil habitantes no nosso país. Então, primeiro, eu cumprimento eles.

Depois eu queria cumprimentar, também, essa região, pela força aqui da agricultura. Da agricultura do grande, do médio e do pequeno produtor, da agricultura que tem uma tradição de cooperativas, que é muito importante no nosso Brasil. E fico muito feliz de estar aqui, também, discutindo tanto a infraestrutura, no que se refere a rodovias, quanto... porque armazenagem também é logística, armazenagem é uma questão estratégica para o nosso país.

Então eu queria aproveitar, cumprimentar vocês, iniciar cumprimentando o nosso governador do Paraná, o governador Beto Richa.

Cumprimentar o deputado, também do Paraná, o presidente em exercício da Câmara dos Deputados, André Vargas,

Queria cumprimentar os ministros: a ministra Gleisi Hoffmann, que é, de fato, falaram aqui que ela é minha mão direita. Ela é minha mão direita, minha mão esquerda, não é, Gleisi? É várias mãos.

Cumprimentar o nosso ministro dos Transportes, César Borges; cumprimentar o ministro também paranaense, o nosso querido Paulo Bernardo, das Comunicações; cumprimentar o ministro do Desenvolvimento Agrário, Pepe Vargas.

Ô gente, pessoal dos Correios, outro dia eu fui pedir para não vaiarem uma governadora, e aí o jornal deu o seguinte: “Presidente Dilma é vaiada quando tenta não deixar vaiar uma governadora”. Então, estou pedindo aqui para vocês, vou tentar impedir que vocês não vaiem o Paulo Bernardo. Então, vocês não me vaiem não, heim? Sabem por que eu estou pedindo, gente? Eu sei que a vaia é uma manifestação, mas estou pedindo porque nós estamos aqui num momento de... Não, nós estamos num momento de confraternização. Eu entendo e acho legítimo o pleito de vocês. Nós vivemos numa democracia, todo mundo tem direito, no nosso país, de pleitear, reivindicar, debater, discutir, não estou tirando a razão de ninguém. Mas, um abraço para todos vocês.

Queria também cumprimentar a secretária de Comunicação Social, a ministra que é chefe da Secretaria de Comunicação Social, Helena Chagas,

Dar um abraço à prefeita de Campo Mourão, Regina do Vale. E cumprimentar também seu marido, Laércio do Vale. Vale, não é?

Queria cumprimentar o Luiz Lázaro Sorvos, presidente da Associação dos Municípios do Paraná e prefeito de Nova Olímpia.

Cumprimentar o senador Sérgio Souza,

Os deputados federais Alex Canziani, o Edmar Arruda, Nelson Padovani, Odílio Balbinotti, Osmar Serraglio e o Zeca Dirceu.

Cumprimentar a todos os secretários estaduais,

Cumprimentar o José Aroldo Gallassini, diretor-presidente da Coamo, que, com muita honra, nós podemos dizer que é a maior cooperativa da América Latina.

Cumprimentar o Osmar Dias, vice-presidente do Banco do Brasil, e também uma liderança paranaense.

Cumprimentar o general Jorge Fraxe, do Dnit,

Cumprimentar os produtores Nório Tomita e Edson Tomita,

Cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu queria também dizer para a Regina que eu gostaria muito – viu, Regina? – de voltar aqui em algum momento e comer um carneiro no buraco. Nesse momento do dia, eu acho que todos nós sonhamos com um carneiro no buraco.

Eu queria iniciar dizendo para vocês o seguinte: eu acredito que esta cerimônia, ela tem muito a ver com a celebração da força da competitividade, da excelência produtiva, dos produtores rurais aqui do Paraná. Tem a ver também com a força que nós devemos reconhecer que as prefeituras de até 50 mil habitantes têm no nosso país. Um dos prefeitos, ou alguns dos prefeitos me disseram uma coisa que a mim toca muito, que é o fato que muitas vezes as pequenas prefeituras não têm a atenção que merecem ter. Eu tenho certeza que as prefeituras de até 50 mil habitantes ocupam um papel estratégico, não só na estrutura produtiva do país, mas também no atendimento da população brasileira, na questão social.

Por isso nós... eu quero começar explicando por que nós fizemos esse programa do kit. O kit motoniveladora, retroescavadeira e caminhão-caçamba. Nós fizemos por um motivo: pelo fato de que nós achamos que é fundamental que os prefeitos, além de tudo que o

Pepe falou, tenham autonomia, que os prefeitos possam, com o conhecimento deles, com o fato de eles viverem lá perto da população, de eles viverem os problemas do seu município, de eles terem alguns instrumentos para atuar e garantir condições para a sua população transitar.

Eu perguntei, enquanto recebia os prefeitos: “prefeito, quantos quilômetros de estrada vicinal tem seu município?” Recebi algumas respostas muito significativas. Tem município que tem mil quilômetros de estrada vicinal linear, tem município que tem 500 quilômetros. Isso significa que por ali, por essas estradas, elas são verdadeiras veias de alimentação do organismo econômico. Por isso que o governo federal resolveu fazer isso através de doação. Nós estamos doando, passando, como se diz, com papel assinado, esses equipamentos, porque achamos que muitos, também me disseram aqui e em outros lugares do país, que os equipamentos estavam sucateados. Na verdade, nós estamos fazendo um esforço para fornecer, para o Brasil inteiro – são 5.061 municípios, 5.061 municípios no Brasil inteiro, mais ou menos 90% de todos os municípios –, fornecer esse kit, dar esse kit aos prefeitos e dar máquinas e equipamentos de qualidade. Não é um equipamento qualquer, é um equipamento que nós procuramos o que havia de melhor, das melhores fábricas que produzem aqui no Brasil.

E por que é que tinham que ser fábricas que produzem aqui no Brasil? Porque um programa desses, que é feito com recursos que nós cobramos dos contribuintes, nós temos que sempre olhar como é que devolvemos para o contribuinte a melhor e o melhor efeito e condição. Por isso exigimos que fossem produzidos aqui e que gerassem aqui emprego, que garantissem... beneficiarão os municípios de até 50 mil habitantes, fundamentalmente zona rural, mas beneficiarão também a população urbana porque eles geram emprego. A demanda é de vocês, agora, ganha também a cidade porque vai ganhar em melhoria do emprego e aumento da produção.

Queria dizer para vocês que nós também olhamos para a questão dos 50 mil habitantes, até 50 mil, e modificamos as condições do Minha Casa, Minha Vida. Agora o Minha Casa, Minha Vida para municípios de até 50 mil habitantes é feito pela Caixa Econômica, é feito pela Caixa Econômica nas mesmas condições e regras dos municípios acima de 50 mil. No passado, houve uma determinação legal que fosse feito através de pequenas operadoras financeiras. Não deu tão certo como estava dando com as grandes cidades acima de 50 mil, por isso nós fizemos esse movimento para enquadrar também as prefeituras de até 50 mil nas mesmas condições do chamado Minha Casa, Minha Vida rural.

Quero também lembrar a vocês uma outra questão relativa a todos os municípios, que é a questão do Mais Médicos. O Mais Médicos, eu sempre escuto os prefeitos. Por que é que eu escuto os prefeitos? Porque é lá que está a população do país, ninguém mora na União, ninguém mora... “Onde você mora?” “Ah, eu moro no Federal.” Não tem isso, você mora no município, porque mora na cidade. Então escuto os prefeitos porque lá está a fala da população.

E eu queria dizer que uma das maiores reclamações, reivindicações, análises que eu escutei dos prefeitos, era falta de médico, a falta de médico. De outro lado, os governadores também falam a mesma coisa, os senhores governadores também, de outro lado, o Ministério da Saúde também fala a mesma coisa. De outro lado, se você

olhar as pesquisas, o que é que as pesquisas dizem? Ah, as pesquisas dizem o seguinte: o que é que a população quer? melhor saúde. E o que é que ela diz que é um problema para ela? “Eu quero que haja um atendimento médico para mim”, é isso que a pessoa responde. Ela quer ter acesso a um médico, e quer um tratamento humanizado. Isso em todas as pesquisas, qualitativas e quantitativas. Eu estou falando de pesquisas específicas de Saúde, não estou falando de pesquisa política. Específica de Saúde, contratadas por todos os órgãos que fazem análises sobre isso.

Então, nós criamos o Mais Médicos para: Como? Fazer o quê? Por quê? São as perguntas. Quando? Para, primeiro, ter mais médicos no Brasil, dando prioridade primeiro para aqueles médicos com diploma tirado e obtido aqui no Brasil. Mas, também, não olhamos com nenhum preconceito médico formado fora do Brasil. Ah, por que é que não olhamos? É porque nós, nós inventamos isso? Não. Vocês sabem que o Brasil tem um dos menores percentuais de médicos trabalhando aqui, que obtiveram diploma fora daqui. Para gente ter uma ideia, se pegar os Estados Unidos, a Inglaterra, o Canadá, e qualquer outro país desenvolvido, o que é que você vai constatar? Que entre 20 a 35% dos médicos que atendem nesses países obtiveram diploma fora desses países, e isso porque eles são ricos, e isso porque eles são ricos. Eles utilizam médicos formados fora do país numa proporção muito maior que a nossa, sabem quanto é a nossa? 1,78 [%]. Enquanto eles usam entre 20 e 35 [%], nós usamos 1,78 [%]. Isso não está certo. Nós temos que dar primeiro importância para os médicos formados aqui, por quê? Por um motivo muito simples: é com o esforço do Brasil que eles se formaram, é com os recursos do Brasil que eles se formaram.

Eu acho importantíssimo que haja mais faculdades de medicina e mais médicos formados através da especialização e residência médica. Até aplaudo, porque a prefeita briga, a prefeita vai à luta, vai lá e briga lá no MEC para ter uma faculdade de Medicina. Sabe por quê? Por que ela está certa? Porque todos os estudos demonstram que há uma tendência do médico de ficar onde ele faz a sua formação acadêmica e a sua residência. Então a prefeita está certa, ela tem que ir lá, batalhar mesmo para conseguir um médico, uma formação aqui. Nós também, nós vamos espalhar curso de medicina de qualidade no nosso país. Nós vamos aumentar em 11 mil as vagas da graduação, e na mesma quantidade, as de residências. Porém, no ínterim, nós precisamos de mais médicos, e trataremos esses médicos do exterior. Muitos municípios pleitearam uma quantidade determinada de médicos.

Hoje eu quero aqui explicar que nós vamos distribuí-los de acordo com o seguinte: população. Por que população? Porque nós queremos que a maior quantidade de pessoas seja atendida, daí o critério população. Quanto mais população, mais carência de médico, é ou não é? Segundo critério: pobreza. Nós somos um país que tem que focar na questão da pobreza, sim. Por isso, o outro critério é pobreza, porque a pobreza, ela não está em um lugar só do Brasil. O Brasil é um país que não tem a pobreza... que você fala, “olha, ela se localiza ali”, “ela se localiza lá”. Não, ela é bastante espalhada, e é... ela é territorialmente localizada, se a gente considerar o percentual, mas todo estado da Federação tem seus núcleos mais pobres. Nós sabemos que no Brasil ela se concentra mais no Norte e no Nordeste, porém nós sabemos que ela está nas grandes regiões metropolitanas, ela tem lugar no interior, e aí nós temos que usar o critério de pobreza

para distribuir. E o último critério, que a gente joga em cima desse, da escassez. Onde tem menos, tem prioridade; onde tem menos, tem prioridade. E isso nós começaremos a distribuir sistematicamente.

Quero alertar que esses médicos atuam na atenção básica, nos postos de saúde e nas UPAs. Recebem uma bolsa do governo federal. O governo federal paga essa bolsa integralmente e, além disso – de R\$ 10 mil reais para cada médico – e, além disso, mais R\$ 4 mil para sua equipe. O governo federal arcará com esses custos. Eu paro no Mais Médicos porque eu sei a importância que tem para a população ter um bom atendimento. Nós sabemos o que é uma mãe, e criança geralmente gosta de ter asma de madrugada, ou bronquite ou qualquer coisa, não é no horário comercial, criança tem... dá problema é de madrugada, então nós sabemos que não é possível haja municípios no Brasil onde não tem nenhum médico morando. São 701 municípios. Então esses municípios também terão prioridade.

Mas voltando à questão das pequenas prefeituras, dos municípios. Eu acredito que esse programa das retroescavadeiras é um programa de independência desses municípios. Queria também falar que junto com essa estrutura, como o ministro Pepe disse, por onde passa um caminhão com a safra, passa, eu gostaria de falar do ônibus escolar, passa o ônibus escolar. Por que é que eu falo primeiro do ônibus escolar? Porque eu acho que esteja... seja, seja urbano ou rural, seja agricultura, indústria ou serviços, nosso país só será um grande país se nós formos capazes de mudar a qualidade da educação no nosso país.

Eu escutei também de vários prefeitos, inclusive agradeço os convites que me foram feitos para as creches. Acredito que nós temos de aplicar na educação, da creche à pós-graduação, mas acho que esta lei que nós aprovamos no Congresso, dos *royalties* da educação, essa lei, ela é fundamental para o presente e para o futuro do país. Só com os *royalties* que já se recebe a partir de agora, nós teremos, de agora até daqui a 10 anos, são R\$ 112 bilhões que entrarão. É bom vocês saberem disso: R\$ 112 bilhões em 10 anos.

Mas não para aí. Se parasse aí já estava bom, mas não é o suficiente, mas não para aí não. Nós vamos, no dia 21 de outubro, licitar o Campo de Libra. E é sabido que 75% do Fundo Social que sairá de Libra, nós teremos também uma quantidade expressiva de recursos. Eles variarão, depende do que for o resultado do leilão, mas o valor da avaliação, para vocês terem uma ideia, é entre R\$ 300 bilhões e R\$ 700 bilhões arrecadados em 35 anos, só nesse campo, no Campo de Libra. É por isso que nós dissemos que esses recursos são nosso passaporte para o futuro. Porque ninguém aqui acredita que é possível fazer educação de qualidade sem professor. Ninguém aqui acredita. Nem os prefeitos, nem eu, nem o governador, ninguém. Mas todos nós, prefeitos, governador, e Presidenta da República, somos responsáveis. Sabemos que se não tiver esses recursos, como é que nós vamos melhorar o salário dos professores? Como é que nós vamos formá-los de forma cada vez melhor, porque é isso que vai dar qualidade para a nossa educação.

Agora nós temos dinheiro e é por isso que é passaporte para o futuro. Nós sabemos que o único jeito, com toda a política social que este governo fez, o governo do presidente Lula fez – Bolsa Família e Programa Brasil Sem Miséria –, para a gente garantir que a

nossa população nunca mais volte para a pobreza, nós temos que dar educação a ela. Por isso que é importantíssimo para os prefeitos, para nós, do governo federal, e para o governador, esse programa de *royalties* e Fundo Social do Petróleo. O petróleo um dia acaba. Se nós mudarmos a qualidade da educação do Brasil, os brasileiros e as brasileiras, os brasileirinhos e as brasileirinhas, pelas creches que nós estamos fazendo, e pelo fato de nós termos que dar muita importância para a professora que alfabetiza as crianças. Isso é o nosso futuro, e nós temos que agarrar isso com as duas mãos.

Ninguém vai poder ficar fazendo aquela... porque tem hora que tem isso. O cara faz demagogia, o cara ou a cara. Faz demagogia, diz “ah, eu tenho que melhorar o salário”, agora, não diz de onde a gente tira o dinheiro. Desse jeito, não, nós sabemos de onde está saindo esse dinheiro. Esse dinheiro é carimbado. Esse dinheiro é para a nossa... nós gastamos com isso, com educação. As crianças deste país, aos oito anos, elas têm que saber português, interpretar um texto simplinho, saber escrever um texto simples, ler um texto simples, têm que saber as quatro operações aritméticas elementares.

Nós temos que ter educação em dois turnos, e no segundo turno, eu, muitas vezes brinco, não é para aprender nem crochê nem bolo. É para aprender matemática, português, uma língua e ciências. Se nós queremos ser um país desenvolvido, é isso que nós temos que fazer, em qualquer circunstância.

E eu quero dizer também para os prefeitos e as prefeitas aqui presentes que é muito importante um programa do governo federal chamado Pronatec, Pronatec. A parte - e eu estou me referindo aqui a duas partes: à parte que é o chamado Pronatec Bolsa Família, ou melhor, Pronatec Brasil sem Miséria, e à parte chamada Pronatec capacitação profissional.

Eu tenho ido em várias cidades, e... outro dia estive em Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte, em uma formatura de 4.500 alunos. Estavam tendo um curso entre três a seis meses de capacitação profissional no Sistema S. E Estive também no Tocantins, em que a capacitação não era dada pelo Senai nem pelo Senac, era pelo Senar, o sistema ligado ao agronegócio e à agricultura familiar, mas basicamente ao agronegócio, em que estavam formando operadores de colheitadeiras, operadores de máquinas para a agricultura.

Então, eu quero dizer aos prefeitos: o governo federal tem muitos programas, agora, eu me orgulho muito de um programa, eu me orgulho muito do Minha Casa, Minha Vida. O Programa Minha Casa, Minha Vida, o governo federal só fez porque nós acabamos com uma visão errada de como se faz programa habitacional no Brasil. Até o Programa Minha Casa, Minha Vida, o Brasil achava que era possível fazer casa própria, que custa entre R\$ 45 mil a R\$ 60 mil – eu estou fazendo um intervalo – uma, ou apartamento, ou casa, para uma pessoa que ganha até R\$ 1,6 mil, sem subsídio. Não tem não. Ninguém que ganha até R\$ 1,6 mil tem como comprar uma casa de R\$ 50 mil, de R\$ 40 mil, não tem. A equação não fecha. Só tem um jeito de fechar, um único jeito, não tem dois: o governo federal bota nisso algo, como subsídio, de R\$ 120 bilhões. É isso que colocamos no Minha Casa, Minha Vida, para a população que ganha até R\$ 1,6 mil. Nós botamos o maior subsídio da história do país. Se vocês olharem lá qual é, o que nós gastamos em subsídio, é por aí. Depois tem a faixa dois. Na faixa um, a pessoa tem que dar um

percentual, tem que pagar um percentual, tem que pagar tipo R\$ 25,00, R\$ 50,00, dependendo da renda dela.

Mas, o que acho mais importante no Minha Casa, Minha Vida é o seguinte: nós estamos fazendo um programa para dois milhões e setecentas e cinquenta mil casas, nos quatro anos do meu governo. Nos dois últimos anos do Lula nós fizemos um milhão, contratamos. Uma parte foi feita no meu governo, outra parte foi feita no governo do Lula. Totalizamos, daquele momento que foi lançado o Minha Casa, Minha Vida, até 2014, nós teremos...nós vamos contratar tudo e vamos entregar em torno de 2,5 milhões, 2,7 milhões, até três milhões nós vamos conseguir entregar a chave.

Hoje eu só queria contar uma única coisa para vocês. Junto ao Minha Casa, Minha Vida, para as pessoas do Minha Casa, Minha Vida tem um programa que se chama Minha Casa Melhor. O Minha Casa Melhor é assim: você dá cinco mil reais em um cartão da Caixa Econômica Federal para aquele beneficiário do Minha Casa, Minha Vida. Esse beneficiário do Minha Casa, Minha Vida pega esse cartão, que é de cinco mil reais e tem direito, durante um ano, de comprar, com juro subsidiado e prestações que duram cinco anos, tem direito de comprar o quê? Fogão, geladeira, televisão de plasma, e para nós, mulheres, uma máquina de lavar automática. Não é tanquinho, é máquina de lavar automática. Tira a mulher do tanque. E eu estou de olho no tanque, viu, meninas? Tira a mulher do tanque. Pode comprar ou *tablet* ou computador, e móveis. Tudo isso beneficia... nós fizemos um acordo com o varejo, fizemos um acordo com o varejo, tem limite de preços, e as pessoas podem ter acesso a isso. Estou falando isso porque muitos de vocês... tem gente do Minha Casa, Minha Vida, então tem que ajudar a gente a divulgar o programa, avisar para a pessoa "olha, você tem direito a isso". Se você não tem colchão, você pode comprar colchão. Ele não precisa comprar tudo, pode comprar o que ele quiser e tem um ano, pode comprar devagar, tem um ano para escolher.

Finalmente, eu quero, antes de encerrar porque todo mundo está com fome, eu quero falar sobre esse programa... sobre três coisas. Primeiro, eu tentarei voltar aqui, lá em Maringá, para o Contorno Norte de Maringá, em novembro. Eu acho importantíssimo a gente fazer a Boiadeira. Darei o meu maior empenho, ficarei sempre disponível para que nós superemos todos os entraves que eventualmente possam ocorrer. E, terceiro, eu acredito que o Programa de Armazenagem é um dos programas mais importantes do meu governo. Eu incomodo todo santo dia o Osmar. Cadê o Osmar? Todo santo dia eu incomodo o Osmar, e todo santo dia ele me incomoda também. Então nós nos incomodamos por um objetivo muito bom, não é, Osmar? Nós queremos gastar, nós queremos... porque tem gente que não quer. O governo federal quer, nós queremos gastar, todos os anos, R\$ 5 bilhões e fazer armazéns por esse país afora. Hoje nós vimos, nós vimos dois momentos importantes para o Brasil. É bom que o Brasil veja que dois produtores, dois produtores tomaram dinheiro para fazer armazenagem. É um dinheiro baratíssimo, e com razão, tem que ser barato porque o Brasil, como o Osmar disse, tem um déficit de armazenagem. E essa região é uma das que mais sofrem com isso. Então, dois produtores tomaram dinheiro, o que prova que os produtores estão interessados em fazer armazenagem. Mas, também, outro fator importantíssimo: A cooperativa Coamo tomou o dinheiro pra fazer 16 armazéns. Eu acho que 16 armazéns, assim, soa muito,

mas é um primeiro passo. O pessoal sempre me alerta: a necessidade é muito maior que isso.

Então, eu tenho muito orgulho, porque todo mundo fala de logística e etc, mas armazém é algo fundamental para um país que tem, e para um estado que tem uma das melhores agriculturas do mundo, uma das melhores agriculturas do mundo, não só pela qualidade do solo, não só pelo clima, não só pela ensolação, nem pela quantidade da água, mas pela qualidade dos seus homens e mulheres que lidam na agricultura.

Um país que, esse ano, tudo indica, será o maior produtor de soja do mundo, por quê? Porque nós fizemos por onde, e os outros tiveram um certo azar climático. Mas é, de fato, pelo nosso esforço. E eu quero dizer isso porque nós temos que valorizar aquilo que é bom para o país. O nosso país tem que aprender a, inclusive, ter orgulho daquilo em que ele é excelente. Assim como nós somos bons no futebol, e ninguém duvida disso, nós somos muito bons na área da agricultura, nós somos bons pela qualidade dos nossos homens e mulheres, mas também porque esses homens e mulheres produziram não só a semente, não só plantaram, não só os alimentos, produziram tecnologia para tornar essa produção cada vez mais produtiva.

Daí porque eu quero encerrar dizendo o seguinte: aqui, hoje, nós, mais uma vez, mostramos que nós temos que acreditar em nós mesmos. Nós somos capazes, este país é um país de gente gigante, gigante não na sua estatura física, gigante no seu esforço, na sua capacidade de trabalho e na estatura moral.

Um beijo e um abraço a todos vocês.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil – Brasília/DF
Brasília-DF, 08 de outubro de 2013**

Eu queria iniciar quebrando um pouco o protocolo e dizendo para vocês da minha emoção ao escutar essa extraordinária orquestra tocando Tico-Tico no Fubá. Queria dar os parabéns para cada um deles e para cada uma delas. Esse negócio de levantar é muito bonito, viu!

Cumprimentando o diretor-geral da Organização Internacional do Trabalho, o senhor Guy Ryder.

Cumprimentando as senhoras e os senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo.

As senhoras e os senhores ministros de Estado que me acompanham: Tereza Campello, Alberto Figueiredo e Manuel Dias. A Tereza, do Ministério do Desenvolvimento Social; o ministro Luiz Alberto Figueiredo, das Relações Exteriores, e o Manoel Dias, do Trabalho e Emprego. Ao cumprimentar os três eu cumprimento os demais ministros aqui presentes.

Queria dirigir um cumprimento especial aos vice-ministros, aos ministros, aos chefes de delegações que nos honram com a sua presença nessa Conferência Global sobre Trabalho Infantil.

Queria cumprimentar aqui... cumprimentando todos os deputados, cumprimentar a deputada federal Sandra Rosado.

Cumprimentar também, cumprimentado todos os deputados, o deputado federal Paulo Teixeira.

Queria cumprimentar o ministro Carlos Alberto Reis de Paula, presidente do Tribunal Superior do Trabalho.

Queria cumprimentar o senhor Luís Antonio Camargo de Melo, procurador-geral do Trabalho.

E vou cumprimentar, cumprimentei no início a orquestra, agora vou cumprimentar o nosso maestro, o Edílson Ventureli. Cumprimento todos os integrantes, todas as pessoas que dão suporte a essa Orquestra Sinfônica Infante-Juvenil de Heliópolis.

E queria cumprimentar também os senhores jornalistas, as senhoras jornalista fotógrafos e cinegrafistas.

Em nome do governo e do povo brasileiro eu dou as boas vindas à Brasília aos integrantes dessa III Conferência Global sobre Trabalho Infantil. Esse evento representa um momento ímpar para o fortalecimento e globalização da luta contra um dos maiores desafios do nosso tempo: o trabalho infantil. Nós devemos às crianças uma infância sem violência, sem medo e sem exploração. Uma infância com carinho e acolhimento. Devemos, às que vão nascer, a garantia de um futuro de plena proteção, de desenvolvimento de direitos e, sobretudo, de auto-afirmação.

A erradicação do trabalho infantil exige compromisso de todas as nações. Ela só será possível pela ação articulada dos setores aqui representados: governo, trabalhadores, empregadores e sociedade civil. Ações articuladas para cooperar e construir soluções concretas é o que desejamos e queremos e lutamos por. A comunidade internacional avançou muito na proteção jurídica à criança e ao adolescente. Nós dispomos de um amplo conjunto de tratados, de convenções com elevado nível de ratificação pelos estados. A amplitude desse arcabouço legal contrasta, no entanto, com a dura realidade cotidiana de milhões de crianças. Quase 11% da população infantil mundial, um contingente, como disse o presidente da OIT, um contingente de 168 milhões de crianças, são vítimas da exploração do trabalho. Combater essa chaga é, talvez, uma das grandes tarefas morais, éticas, sociais e econômicas que nos cabe. É um imperativo moral, sim, pois as crianças são o segmento mais vulnerável e indefeso de nossa sociedade, e são sempre o nosso presente e o nosso futuro. É também um desafio global. E o trabalho infantil não corresponde a uma diferenciação, ou melhor, uma clivagem entre o Norte e o Sul do mundo, não há região do mundo, rica ou pobre que esteja totalmente livre desse problema. No entanto nós sabemos que a fragilidade da situação infantil tem uma situação muito mais perversa nos países mais pobres do mundo. Por isso, eu tenho certeza que a questão do trabalho infantil, ela é também uma questão de cada homem e de cada mulher desse nosso planeta.

Senhores delegados, senhoras delegadas,

O Brasil é um exemplo de que com vontade política e ações consistentes, ações continuadas e permanentes, é possível colocar em operação a força transformadora da cooperação que nos levará à erradicação do trabalho infantil. Entre 2000 e 2012, nós reduzimos em 67% o número de crianças entre 5 e 14 anos envolvidas em trabalho infantil. Esse ritmo foi um ritmo mais intenso do que a redução que ocorreu na média global, que foi de 36%. Tal resultado deve-se à articulação abrangente de políticas

setoriais de diferentes áreas do governo. Deve-se, principalmente, ao modelo de desenvolvimento inclusivo que adotamos e à prioridade que vimos conferindo à educação. Fizemos opção pelo desenvolvimento no qual o crescimento econômico ocorre acompanhado do emprego, da ampliação do emprego formal, da valorização do salário mínimo, do fortalecimento da agricultura familiar, do incentivo ao pequeno empreendedor. O modelo de desenvolvimento que incentiva também a nossa indústria e a inovação decorrente da necessidade de entrarmos na economia do conhecimento e que dá suporte a produtores de alimentos e de energia. Uma nação onde todos os brasileiros são parte dos projetos como beneficiários e atores ativos, mas que percebe que é fundamental focar e ter prioridades para aqueles mais pobres, mais vulneráveis.

Nesse modelo, a construção de uma robusta rede de proteção social permite ao estado garantir direitos e oportunidades a todos, permite, sobretudo, eleger a superação da miséria como prioridade, com importantes reflexos sobre o trabalho infantil. Porque se a miséria não é único determinante do trabalho infantil, ela é, certamente, um dos principais determinantes. Em apenas um ano, entre 2011 e 2012, reduzimos em 15% o trabalho infantil na faixa de 5 e 15 anos. E isso coincide, exatamente, com o período em que o programa Brasil Sem Miséria ampliou a renda das famílias com crianças que viviam na extrema pobreza.

Para essas famílias com crianças e que viviam na extrema pobreza, nós asseguramos, a cada uma das pessoas dessa família, uma renda mínima, um renda per capita mínima. Porque sem que suas famílias saiam da pobreza, as crianças não saem da pobreza. Iniciou-se assim um processo de retirada da miséria dos 22 milhões de brasileiros que ainda estavam na miséria e que estavam cadastrados no nosso programa nacional. Esses 22 milhões saíram da miséria porque nós estendemos o programa para todas as famílias brasileiras.

Um aspecto que nos orgulha muito da nossa política de transferência de renda é o fato dela ser acompanhada da obrigatoriedade de frequência das crianças na escola. E isso é submetido a um rigoroso acompanhamento e controle. As crianças devem estudar para que possamos evitar a repetição entre gerações do ciclo de pobreza.

Para nós, e essa é uma convicção profunda, o caminho que leva à superação da miséria para as crianças é renda e trabalho para os adultos da sua família e educação para elas. Esse é o caminho.

O Brasil já praticamente universalizou o acesso ao ensino fundamental para meninas e meninos. Agora, estamos priorizando a ampliação do acesso à educação infantil, com incentivos financeiros aos municípios para a inclusão de crianças de famílias de baixa renda, as mais pobres, nas creches e nas pré-escolas. Para essas creches e pré-escolas que têm uma participação dominante de crianças oriundas do programa Brasil sem Miséria Bolsa Família, o governo federal acrescenta 50% a mais de recursos.

Estamos também engajados na alfabetização na idade certa. As crianças têm que saber ler, interpretar e fazer as quatro operações aritméticas na idade certa, para que não acumulem um passivo na sua vida. E também na universalização da educação em dois turnos, em tempo integral, que hoje já abrange 50 mil escolas no nosso país.

No caso dos adolescentes, nosso desafio é ampliar seu interesse pelo processo educativo para mantê-los na escola. Um de nossos esforços está sendo expandir a oferta de cursos

técnicos e tecnológicos para que os jovens vivenciem no ensino médio, com uma perspectiva de futuro profissional. Estamos cientes, contudo, que outras referências precisam ser construídas para que o dinamismo do mercado de trabalho, com a oportunidade e a oferta de trabalho e renda no curto prazo, não leve os adolescentes a saírem antecipadamente para o trabalho. Alternativas como o acesso mais fácil à universidade através de programas específicos e, sobretudo, com a política de cotas para os mais pobres, os negros e os oriundos do ensino público, torna a chegada à universidade, mesmo para o estudante de baixa renda, uma nova e promissora perspectiva.

Senhoras e senhores delegados,

No Brasil o compromisso com a erradicação do trabalho infantil está também assentado em uma rede de instituições e em normativos que muito contribuem para orientar nossa ação. Temos um sistema de inspeção do trabalho que é referência internacional e tem tido e sido continuamente fortalecido. A participação ativa do Legislativo, do Judiciário e do Ministério Público do Trabalho nas políticas de combate ao trabalho infantil nos proporciona a certeza de que a lei será aplicada com rigor e agilidade.

O Brasil foi um dos primeiros países a ratificar a Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU, em 1990, e é signatário das convenções da Organização Internacional do Trabalho, organismo com o qual nós temos uma muito profícua parceria.

Desde 2011 está em vigência o Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente Trabalhador, elaborado por representantes do poder público, dos empregadores, dos trabalhadores, da sociedade civil organizada e de organismos internacionais. Políticas efetivas de combate ao trabalho infantil precisam ser adequadas a contextos específicos.

O trabalho infantil, senhoras e senhores, pode existir tanto em períodos de crescimento e prosperidade quanto em momentos de crise e estagnação. Seguramente ele é extremamente fragilizado em períodos de crise e estagnação.

O Brasil mudou muito nos últimos anos. Nós temos um desafio que é aprimorar constantemente as nossas políticas, a nossa vigilância, a nossa fiscalização e adequá-las às novas manifestações de trabalho infantil. Nós sabemos que não há fórmulas acabadas. O que deve ser permanente é a determinação política de enfrentar o desafio de erradicar o trabalho infantil. Hoje, é com orgulho que compartilhamos nossas experiências por meio da Cooperação Sul-Sul em benefício dos países da América Latina, da África e da Ásia.

Merece, senhores delegados, senhoras delegadas, nossa especial atenção uma das piores formas de trabalho infantil que atinge milhões de crianças em todo o mundo. Refiro-me à exploração sexual e à pornografia infantil que estão entre as mais abomináveis e perversas violações dos direitos humanos de crianças e adolescentes. O enfrentamento desses crimes apenas terá êxito com ação firme e coordenada de todos nós.

O III Congresso Internacional de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, realizado no Rio de Janeiro, em 2008, resultou na elaboração de importantes compromissos para combater a pornografia infanto-juvenil na internet e o tráfico de crianças e adolescente para fins de exploração sexual. Entre os países do Mercosul, nós criamos uma das principais iniciativas internacionais para coibir essas

práticas ilícitas e vergonhosas. A estratégia regional de luta contra o tráfico de crianças e adolescentes para fins de exploração sexual nas zonas de fronteiras comuns, já atende hoje 15 cidades vizinhas nas fronteiras entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

O Brasil realizou também importantes mudanças em sua legislação nacional para enfrentar qualquer resquício de impunidade aos crimes sexuais, em geral, e em relação às crianças, em particular. Aprimoramos a nossa capacidade e das polícias para identificar, desarticular, punir as redes de exploração sexual de crianças. Dispomos de um canal para o recebimento de denúncias e encaminhamento de medidas de proteção que funciona ininterruptamente.

Como me referi antes, senhores delegados, senhoras delegadas, o fim do trabalho infantil depende de oportunidades de emprego e de geração de renda para os adultos das famílias com as nossas crianças. Há pouco mais de um mês, na Cúpula de São Petersburgo, os líderes do G-20 reconheceram que a situação da economia mundial continua frágil, e uma das demonstrações dessa fragilidade são os altos níveis de desemprego. Os dados da OIT registram a existência de 200 milhões de desempregados em todo o mundo. Número que poderá seguir crescendo.

Nesse contexto, os principais efeitos da crise tendem a recair muito sobre as crianças, os jovens, justamente, a quem nós devemos os nossos maiores esforços de proteção. Desde a eclosão da crise em 2008, a mensagem do Brasil tem sido clara. A saída da crise não virá pela redução da renda dos trabalhadores, pela diminuição do emprego formal, pela restrição às liberdades sindicais ou pela degradação das políticas sociais.

Acreditamos e praticamos políticas consistentes com essa mensagem que é necessário assegurar uma política de aumento do crescimento e do emprego. O Brasil tem sofrido também, como todos os países do mundo, as consequências da crise. Mas nesse período nós geramos mais de 1 milhão de empregos formais, só no período de janeiro a agosto deste ano. E desde que tomei posse em 1º de janeiro de 2011, geramos 4,7 milhões de empregos.

Nós nos orgulhamos muito de chegar a esta conferência com o trabalho infantil decrescendo. E com essa rede de proteção às crianças e aos jovens.,

Quero senhoras e senhores, concluir lembrando uma das pioneiras na luta pelos direitos da criança, Eglantyne Jebb, a fundadora da ONG “Salve a Criança”, “Save the Children”, em 1919. Ela é autora de uma singela, simples constatação, mas uma constatação cheia de significado. Essa constatação é a seguinte, citando: “A única língua efetivamente universal é o choro de uma criança. Se os que precisam de nós falam em uníssono uma língua universal, é nosso dever também responder com uma só voz”. Que nosso idioma comum seja a erradicação do trabalho infantil em todas as suas formas e em todas as regiões do mundo.

Muito obrigada a todos, muito bem-vindos ao Brasil.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante abertura da exposição “Mulheres do Brasil”, da artista plástica Eliana Kertész – Brasília/DF
Palácio do Planalto, 08 de outubro de 2013**

Eu queria cumprimentar a Eliana, e dizer que, para mim, é uma honra ter aqui uma artista plástica do nível da Eliana, e nessa exposição “Mulheres do Brasil”.

Queria cumprimentar... Está baixo? Queria cumprimentar o Marcelo Pedroso, ministro de Estado interino da Cultura. E cumprimento todas as ministras aqui presentes.

Queria cumprimentar o nosso governador, Jaques Wagner, e a minha querida amiga Fátima Mendonça.

Queria cumprimentar a primeira-dama do Distrito Federal, a Ilza Queiroz.

Queria cumprimentar os senhores jornalistas, as senhoras jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Para mim, é uma grande alegria recepcionar esta exposição aqui, no Palácio. Hoje nós estamos, aqui, inaugurando – e eu tenho muita honra de estar fazendo isso – a exposição “Mulheres do Brasil”, da Eliana Kertész, que acredito que é uma exposição muito bonita, sobretudo neste mês que nós chamamos o mês do “outubro rosa”, é importante que nós tenhamos essa afirmação das mulheres.

Ela, a Eliana, é uma artista brasileira reconhecida internacionalmente. Eu tenho a honra de possuir duas esculturas dela, e eu considero as esculturas dela maravilhosas. Eu acho que nas curvas, como vocês vão ver, das esculturas da Eliana, tem a alma da mulher brasileira. E o mais interessante é que o padrão de beleza que ela mostra é um padrão de beleza que nos envolve e nos cativa. E, por isso, eu disse que são “gordinhas sexys”. Elas apresentam... elas têm um... elas são lânguidas, são lânguidas, mas elas também têm uma imensa alegria, uma imensa felicidade, e representam muito bem também o nosso... nós sermos uma cultura tropical. Elas têm uma alegria que sai de dentro. É uma escultura que sai... que tem uma alegria que sai de dentro. Eu não sei como explicar, sugiro que vocês vão ver, e eu tenho muito prazer de estar fazendo isso aqui hoje, transformando essa obra de arte, que é o próprio Palácio da Alvorada [Palácio do Planalto] – porque é uma obra de arte do nosso querido Niemeyer –, numa galeria de arte.

Então convido a todos vocês, e queria especialmente me referir à reunião que eu tive há pouco – e elas estão todas aqui – com as mulheres empresárias do nosso país, onde eu disse que fiquei muito, muito... para mim foi muito importante ver mulheres em situação de destaque nas suas empresas como CEOs, como diretoras, como presidentas, como membros... como integrantes de conselhos de administração.

Nada mais oportuno quando a gente olha essa exposição “Mulheres do Brasil”. Nós somos multifacéticas, nós somos variadas, nós representamos, aqui, as mulheres, tanto as empresárias, as presidentas da República, as deputadas, as ministras, mas também a mulher da rua, a dona Flor e seus dois maridos, porque tem uma dona Flor ali dentro. Nós representamos as mulheres... aqui, no caso, da Eliana, eu vou fazer uma homenagem à mulher baiana, mas ela representa, sobretudo, nós, mulheres brasileiras.

Um abraço a todos, e eu convido vocês a virem e verem essa inauguração... aliás, essa exposição maravilhosa.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de sanção da MP 615 – Brasília/DF
Aeroporto Internacional de Brasília – Brasília-DF, 09 de outubro de 2013

Eu queria iniciar cumprimentando a minha querida Maria do Bonfim Santana, a nossa Mariazinha. A Mariazinha e eu somos presidentas, não é, Mariazinha? A Mariazinha é presidenta do Sindicato e eu sou presidenta do Brasil. Mas me orgulha muito estar aqui com a Mariazinha, porque mostra que as mulheres também estão – não é? – liderando os taxistas. Obrigado a todos os taxistas aqui presentes. É isso aí, Mariazinha.

Querida cumprimentar o nosso governador em exercício, Tadeu Filippelli.

Cumprimentar o presidente do Senado Federal, Renan Calheiros.

Cumprimentar o presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Eduardo Alves.

Querida também cumprimentar, aqui, as ministras de Estado que me acompanham: a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; Ideli Salvatti, da Secretaria de Relações Institucionais; Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social, e Eleonora Menicucci, da Secretaria de Políticas para as Mulheres. Depois eu vou explicar para vocês porque tem todas as ministras mulheres aqui presentes. É porque nessa lei, além da questão dos taxistas, tem o problema da destinação dos recursos, o que é um ótimo problema que nós resolvemos. Destinamos recursos para, em cada um dos 27 estados da Federação, fazermos a Casa de Defesa da Mulher. Integra também essa lei, hoje.

Querida cumprimentar os senhores senadores aqui presentes. E já antecipar que os senadores e o Congresso, tanto a Câmara como o Senado, lideraram esse processo. Eu vou citar os senadores presentes e destacar alguns. Primeiro, vou começar – e aplausos de vocês – para o Gim Argello, relator da Comissão; o Clésio Andrade; o Eduardo Amorim; o Eunício Oliveira; o Inácio Arruda; o José Pimentel, líder do governo no Congresso, a quem eu também agradeço; o Romero Jucá.

Aos deputados federais presentes: André Moura, Anthony Garotinho, Arnaldo Faria de Sá, Diego Andrade, Dr. Carlos Alberto, Edson Santos, Luiz Pitiman, Osmar Serraglio, Paulão, Perpétua Almeida e Weliton Prado.

Cumprimentar as senhoras jornalistas, os senhores jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

A minha presença aqui hoje, gente, é um reconhecimento da importância que se atribui a 600 mil taxistas, talvez um pouco mais, esse é um número oficial, 600 mil taxistas por todo o Brasil. Obrigada.

Nós, queridos taxistas, aprovamos uma lei com o auxílio de todos nós aqui presentes – os sindicalistas, os parlamentares e o governo federal – que reconhecem direitos aos taxistas brasileiros e às suas famílias. A partir de agora vocês podem transferir aos seus herdeiros o direito de exploração do serviço de táxi pelo mesmo prazo original da outorga. E essa lei é uma lei que diminui e dirime qualquer dúvida jurídica. Não é uma transferência de permissão, é um direito de sucessão. Por isso não é possível haver questionamento de nenhuma ordem.

Significa, essa lei, que quando o taxista falecer, e isso ocorre tanto por razões naturais como, como disse a Mariazinha, pelos riscos que implica a profissão de taxista, os

herdeiros, a família, a mulher e os filhos, ou o marido e os filhos podem sucedê-lo na utilização do táxi, garantindo a renda para a sua família.

Eu queria destacar, mais uma vez, que essa luta resulta de uma longa luta da categoria e do apoio de muitos parlamentares aqui presentes. Eu queria destacar alguns, e isso não significa que... eu quero dizer a vocês: houve uma grande mobilização no Congresso abarcando todos os parlamentares. Vou destacar alguns. Vou destacar os senadores Renan Calheiros e Eunício Oliveira porque eles apresentaram os projetos de lei anteriores e que tinham alguns problemas, e nós todos nos empenhamos em resolvê-los, principalmente eles.

Aí entra a contribuição, que também eu sou obrigada a destacar pelo compromisso com a verdade, do deputado Garotinho que, numa reunião de líderes partidários, formulou essa nova proposta de sucessão e não de transferência de permissão. A sucessão, ela é mais robusta, é juridicamente mais correta. Por isso foi uma solução que só traz benefícios para os taxistas e suas famílias.

Nós devemos também agradecer muito ao Gim Argello, ao senador Gim Argello. Ele defendeu e relatou, com muita garra, essa medida provisória que dá origem à lei que eu acabei de sancionar. Isso mesmo! A gente tem de ser agradecido àqueles que lutam. Obrigada, Congresso Nacional, também.

Queridos taxistas e queridas taxistas. Eu quero dizer, então, mais uma vez, tudo isso é esforço de vocês, dos parlamentares, tanto os senadores como os deputados federais, e da participação também do governo, e acredito que nós mostramos, com essa lei, que é possível solucionar um problema, que é um problema complicado juridicamente, através de um caminho muito claro e transparente como é esse da sucessão.

Nós atendemos agora uma reivindicação histórica de vocês. Sabemos que vocês podem, agora, ter a certeza de que aquilo que já trouxe muita infelicidade para vocês e para suas famílias, que é aquela insegurança “O que vai acontecer com a minha família se eu, por algum motivo, falecer?”, e essa segurança decorre do fato de que, com tranquilidade, nós temos a certeza de que não fica dívida para as famílias. Fica a receita e a renda, e não a dívida.

Também, com essa lei, nós respeitamos a autonomia dos municípios. Nós não estamos interferindo na autonomia dos municípios. Nós estamos, o que a Constituição nos permite, legislando sobre uma situação que diz respeito ao patrimônio de vocês e a esse patrimônio ser transferido para a família de vocês. Então também não há nenhum problema em relação aos municípios.

Foi falado aqui pela Mariazinha que o táxi é um cartão, e talvez seja o primeiro cartão de visita que alguém, quando chega numa cidade, obtém. É por onde todo mundo se comunica com a cidade pela primeira vez. Mas não é só isso, não. O táxi é algo que está presente numa cidade não só na hora que a gente chega na cidade, mas quando a gente vive nela. Está presente no dia a dia das cidades e por todo o Brasil afora.

Então, a gente se pergunta “quantas crianças não nasceram num táxi por este país afora?” “Quantas pessoas não foram socorridas por um de vocês, um taxista?” Quantas mães, muitas vezes, não dependem daquele taxista – eu, pelo menos, isso já ocorreu comigo – que está ali no ponto da praça, porque em Porto Alegre tinha táxi na praça –

ainda tem – e aí a gente pedia para o taxista levar os filhos na escola, o que mostra a imensa confiança que a população tem também nos taxistas.

Quantas pessoas não mantiveram seus empregos, porque na hora que precisou chegar correndo no emprego tinha um taxi para levar. Quantas pessoas também não tomaram sua cervejinha com a segurança de que podia tomar um táxi e chegar em casa tranquilo, sem ter o risco de passar por um bafômetro. E aqui mesmo, quantas pessoas não chegaram a tempo e pegaram o avião, se não fossem os taxistas?

Nós podemos, aqui, citar infindáveis, infindáveis exemplos do que significa a presença do taxista na vida de cada um de nós. E saber o seguinte: o que nós estamos fazendo aqui é o reconhecimento de um direito legítimo. E nós queremos que o reconhecimento desse direito legítimo seja um direito absolutamente transparente e legal, o que agora ocorre.

Queria também dizer a vocês que o taxista – voltando à história do cartão de visitas – é, de fato, aquela pessoa com quem primeiro a pessoa, quem chega no Brasil tem contato. Vocês são sempre importantíssimos quando se trata de eventos internacionais, e agora nós vamos ter a Copa do Mundo.

Portanto, nós sabemos também que isso contribui para a impressão que o país dá para aquele que nos visita a primeira vez. Então, tem também muito mérito a relação de vocês com o turista. Vocês mostram aquele lado do Brasil, que é o lado que nós queremos que todos vejam: o lado gentil, alegre, receptivo e acolhedor.

Queria também dizer a vocês que – e vou aproveitar para lembrar de uma coisa: nós prorrogamos, no ano passado, até 31 de dezembro de 2016, a isenção de IPI para aquisição de táxi. Uma forma do governo ajudar vocês, também, na renovação da frota. E, obviamente, a renovação da frota é um benefício para vocês e para a população. E é mais segurança para vocês e para a população.

Quem ganha com tudo o que está acontecendo aqui hoje não são somente vocês, é fato que vocês ganham, mas a gente tem de reconhecer, pelo papel que vocês ocupam no nosso país: ganha o Brasil, ganhamos todos nós.

Muito obrigada, e parabéns para todos os que lutaram.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de formatura de alunos do Pronatec - Novo Hamburgo/RS Novo Hamburgo-RS, 11 de outubro de 2013

Obrigada, viu? Vocês dois estão entusiasmados aí.

Eu queria cumprimentar o Charles Luiz, que falou em nome de todos os formandos aqui, hoje. E também a Ana Gabriela, que prestou um juramento, um juramento muito bonito.

Queria cumprimentar também a todos os familiares dos formandos do Pronatec.

Mas queria, sobretudo, cumprimentar os homens e as mulheres trabalhadores, que hoje recebem esse diploma. Meus parabéns a cada um de vocês. Hoje o dia é de vocês.

Queria, também, agradecer as palavras e cumprimentar o nosso governador em exercício do Rio Grande do Sul, Beto Grill,

Queria agradecer a calorosa recepção que o prefeito de Novo Hamburgo, o meu querido Luis Laueremann e a senhora Jorgia Seibel nos deram aqui, hoje, a mim e à minha comitiva. Muito obrigada, viu, prefeito?

Queria cumprimentar os ministros que me acompanham hoje, aqui: o ministro da Educação, Aloizio Mercadante; os dois ministros gaúchos, o Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário, e a Maria do Rosário, da Secretaria dos Direitos Humanos.

Cumprimentar a Helena Chagas, secretária de Comunicação Social [ministra-chefe da Secretaria de Comunicação Social],

Queria dirigir um cumprimento, também, aos deputados federais aqui presentes: o Ronaldo Zulke, o Renato Molling, o Marcon, o Henrique Fontana e o Assis Melo.

Cumprimentar o presidente da Câmara de Vereadores de Novo Hamburgo, o vereador Antônio Lucas,

O ex-prefeito de Novo Hamburgo, Tarcísio Zimmermann,

Um cumprimento especial à Carla Comerlato, reitora do Instituto Federal Farroupilha,

Queria cumprimentar os dirigentes das entidades parceiras, porque esse Programa, o Pronatec, é um programa em parceria.

Queria cumprimentar o Luiz Carlos Bohn, do Sistema Fecomércio,

O José Zortéa, do Senai,

Gilberto Petri, que representa aqui a nossa Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul,

Queria dirigir um cumprimento especial, mas muito especial mesmo, porque além de hoje ser o dia dos formandos, é também o dia de satisfação, eu tenho certeza, de cada um dos professores e das professoras. Quero saudar todos os professores e professoras responsáveis pelos cursos de cada um de vocês.

Eu queria dirigir também uma saudação especial aos agricultores familiares que nos acompanham neste evento, ao pessoal da Fetraf,

Queria também cumprimentar aqui o pessoal da Ubes, eu vi o pessoal da UJS,

Agora, eu queria dirigir também um cumprimento muito especial aos nossos queridos companheiros catadores da Associação CataVida. Esse cumprimento é do coração porque, no fim do ano, eu sempre faço uma cerimônia muito importante com vocês. É uma cerimônia de conagração com os catadores, lá em São Paulo. Geralmente ela é em São Paulo, agora, se vocês organizassem, vocês podiam fazer um rodízio.

Queria cumprimentar aqui os senhores jornalistas, as senhoras jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Vocês sabem que, em linha reta, em linha reta, a distância entre Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, e Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte é de 3.200 km. Além da brasilidade, une esses dois estados, que estão em extremos opostos do país, um ponto de conexão: vocês, formandos do Pronatec.

A última formatura do Pronatec que eu estive foi lá em Ceará-Mirim: 4.200 formandos. Nesse longo caminho que vai aqui de Novo Hamburgo até Ceará-Mirim, lá no Rio Grande do Norte, você tem uma porção de estados, uma imensa diversidade cultural, uma diversidade econômica também, diversidade de sotaques. Mas é muito importante que entre esses dois estados extremos do Brasil tenha a unidade básica na educação. E eu me orgulho muito, como eu me orgulhei lá, de estar aqui hoje, nessa formatura.

O Pronatec, ele é um momento importante para o Brasil. O Pronatec, que o Programa Nacional de Ensino Técnico e Emprego, ele tem um objetivo fundamental, que é melhorar a vida de cada brasileiro e de cada brasileira que quer estudar, se capacitar para o

trabalho, ganhar um salário melhor para si e para sua família. Mas ele é um programa, além de ser um programa para cada uma das pessoas que está aqui, como era um programa para cada um dos potiguares que estavam lá no Rio Grande do Norte, ele é um programa para o Brasil. E ele é um programa para o Brasil porque o Brasil só vai ser grande se seu povo for grande. O Brasil só vai crescer se seu povo crescer com ele. O Brasil só vai ter realizadas as suas potencialidades se cada um dos homens e das mulheres deste país realizar plenamente seu potencial.

E eu garanto para vocês uma coisa. Nós temos várias ações, que são muito importantes. Por exemplo, eu acho que o Minha Casa, Minha Vida é muito importante. Eu acho que ter acesso à casa própria é algo que toda família deseja. Mas eu tenho certeza de uma coisa: o caminho mais importante de todos para o Brasil é a educação.

E quero dizer a vocês, hoje vocês deram um passo, um passo na vida de vocês. É um grande passo, e eu queria pedir para vocês: sempre que vocês tiverem oportunidade, deem um novo passo, deem um novo passo, procurem um curso, se aperfeiçoem mais. O Pronatec vai estar de portas abertas para vocês.

Hoje eu vim aqui como Presidenta da República participar desta formatura porque eu estou testemunhando, eu sou testemunha da vitória de cada um de vocês, do esforço que vocês fizeram e do resultado que vocês alcançaram. Eu sou testemunha desse passo, e queria dizer que essa é o tipo da festa boa. É uma festa de formatura de 1.152 gaúchos e gaúchas. Gaúchos e gaúchas que vêm de 22 municípios do nosso estado. A lista de municípios é longa, mas eu trouxe ela aqui para recitar, e se faltar, tenham a bondade de gritar quando eu acabar os nomes que eu, porventura, não tenha falado.

Eu quero homenagear os formandos de Novo Hamburgo, Alvorada, Bom Princípio, Cachoeira do Sul, Camaquã, Campo Bom, Canoas, Charqueadas, Esteio, Farroupilha, Feliz, Gravataí, Guaíba, Linha Nova, Montenegro, Pareci Novo, Passo da Areia, Sapucaia do Sul, Triunfo, Venâncio Aires, Viamão e Porto Alegre. São Leopoldo. Faltou outro? Vocês desculpem aí, então ajuda, né? Bom, aí você manda um bilhetinho, viu, porque não está dando para escutar, não.

Vamos continuar, gente: Dois Irmãos, São Sebastião do Caí. Agora deu.

E esse curso para 1.152 gaúchos, ele é um curso que tem três características importantes. Primeiro, ele é um curso de qualidade, porque nossos parceiros são de qualidade, é o que há de melhor no Brasil em matéria de ensino profissionalizante. E aí eu agradeço o Sistema S: o Senai, o Senac e o Senat; agradeço os Institutos Federais e as Escolas Técnicas Estaduais.

E quero dizer para vocês que tem uma segunda característica: é o fato de que nós temos 22 diferentes tipos de cursos aqui hoje. Essa diversidade que abrange um leque grande de alternativas e de diferentes oportunidades, ela é muito importante, porque o que as pessoas querem nem sempre são os mesmos cursos. Aqui nós temos, hoje, formandos no curso de mecânica de automóveis leves, mecânica de motores ciclo ottos, gente como o nosso orador, que se formou, o Luiz, que se formou em operador de empilhadeira, operador de retroescavadeira, agente de inspeção de qualidade, recepcionista de eventos, auxiliar de administração, auxiliar de padaria e confeitaria, enfim, uma gama de cursos dos mais variados.

Agora, a grande característica desses cursos, eu quero dizer para vocês, é a terceira que eu vou falar: é o fato de que vocês tiveram garra. Porque, no Brasil, é importante a gente registrar isso: as pessoas, quando têm oportunidade, elas vão, elas fazem e elas conseguem. Conseguem tanto um primeiro emprego, conseguem melhorar de emprego, conseguem evoluir na sua carreira. Por isso, mais uma vez, a todos vocês meus mais sinceros parabéns.

Cada uma das pessoas aqui, ao fazer esse curso, sonhou um sonho próprio. Eu desejo para todos vocês que esse sonho se realize, e desejo também para o Brasil. Como eu disse, no início, depende... o crescimento do Brasil depende, mas depende muito, de termos um país, cada vez, com brasileiros e brasileiras melhor formados.

No final deste mês, o Pronatec vai completar dois anos, dois anos de existência. Nós chegamos a [falha no áudio] jovens e trabalhadores, e vamos chegar aos oito milhões, que era nossa meta, no final do ano que vem.

Vocês sabem as características do Pronatec? 70% dos alunos do Pronatec são jovens até 29 anos. E 60% são mulheres. É interessante o fato de que o Rio Grande do Sul é um dos estados com maior número de formandos, em especial em um dos três tipos do Pronatec, que é o Pronatec Brasil Sem Miséria, que são um milhão de vagas. Mas o Rio Grande também é recordista em Pronatec, proporcionalmente, em Pronatec formação profissional. E eu queria dizer para vocês uma coisa. Muitas vezes as pessoas dizem assim: "o Pronatec é um curso de graça." Ele é de graça, sim, para quem? Para os estudantes do Pronatec, porque um dever do Estado brasileiro é assegurar aos estudantes o Pronatec, o acesso integral, sem diferenciação de renda, a uma boa formação profissional. Nós garantimos o transporte, garantimos a alimentação, garantimos as apostilas, garantimos os laboratórios e garantimos os cursos. O governo federal está usando R\$ 14 bilhões até o final de 2014 para o Pronatec, e quero dizer para vocês que esse curso, no que depender de nós, irá continuar. Por que é que vai continuar? No que depender de nós vai continuar por um motivo simplíssimo. Porque nós aprovamos, no Congresso Nacional, uma fonte para a Educação, para a Educação, principalmente para o ensino básico. Portanto, vai haver recursos de onde? Dos *royalties* do petróleo. Dos *royalties* do petróleo para a educação. E aí, sim, nós podemos dizer que o petróleo é nosso passaporte para o futuro, porque nós vamos utilizar os recursos de uma riqueza que um dia acaba para apostar numa riqueza eterna que é a educação.

Essa é a nossa aposta, e a aposta é a seguinte: 75% de todos os *royalties* que são atribuídos ao governo federal, mais metade de todo o Fundo Social do pré-sal, nós vamos gastar em educação. Aí você pode me perguntar. Vamos supor que ele, ali, que quer tirar uma foto comigo, me pergunte, vamos supor. Ele vai me perguntar assim: "Ah é, é? E quanto que é isso em dinheiro?" E eu vou dizer para vocês, para vocês terem uma ideia: os *royalties*, a parte dos *royalties* do governo federal, em 10 anos, dá R\$ 112 bilhões. Isso é conta exata, porque já existe essa riqueza. Então, R\$ 112 bilhões. Durante dez anos se distribui, mas não é aí só. Se fosse só isso não tinha muito dinheiro. No dia 21 de outubro nós vamos licitar o Campo de Libra. Todos os recursos que o governo federal, e são muitos porque o regime é de partilha, portanto, a parte... tem uma parte grande do dinheiro do petróleo que sair do Campo de Libra é do governo federal. 50% disso será destinado, 75% para a Educação, 25% para a Saúde. Esse é um dinheiro muito grande,

porque... o cálculo, a gente não sabe precisamente se sai de lá. Sabe-se só que é um grande campo. Mas sai algo, em 35 anos, entre R\$ 300 bilhões a R\$ 700 bilhões de reais. Portanto, o Brasil fundou as condições para ter educação de qualidade. Porque, para ter educação de qualidade tem que gastar dinheiro em educação, tem que botar dinheiro em educação. Primeiro, botar pagando professor, porque eu nunca ouvi dizer que é possível ter educação de qualidade sem formar bem o professor e sem pagar bem a ele. Por quê? Por um motivo muito simples, por um motivo muito simples: uma pessoa é atraída para uma profissão por vocação, mas ela é atraída também porque ela tem que manter a si e a sua família, ela é atraída também pela remuneração. E nós queremos as melhores pessoas ensinando os jovens e os adultos deste país uma profissão técnica, queremos as melhores professoras e professores formando os nossos filhos, queremos os melhores professores formando nossos cientistas, formando nossos técnicos, formando aquelas pessoas que vão inovar para este país.

Por isso, eu queria dizer para vocês isso: R\$ 14 bilhões é o que nós pudemos botar até agora. Nós vamos sempre propor a ampliação desse programa. Nós vamos melhorar. O ministro da Educação estava me dizendo que vai fazer uma pesquisa, mandar para vocês uma pesquisa. Vocês são uma das melhores fontes para a gente saber onde a gente tem de melhorar. Então, nós vamos perguntar para vocês: O que vocês acharam do curso? Que curso... como é que vocês sugerem? O que vocês viram que está certo e o que está errado? Isso é muito importante, porque nós vamos continuar fazendo esse curso.

E eu queria finalizar falando para vocês que o Pronatec... Eu escutei aqui um belo discurso do Luiz. Lá em Ceará-Mirim eu escutei também um belo discurso, se eu não me engano, ele chamava Marco Antônio, então, o Luiz e o Marco Antônio, na verdade, os dois dizem, você veja só, cada um em um estado diferente da Federação, os dois dizem que cada brasileiro que cresce faz o Brasil maior.

Muito obrigado.

Bom, esqueci, vocês me desculpem mas eu esqueci, e esta informação que eu tenho de dar é uma informação muito importante, que é de utilidade: o governo do estado preparou, com o Ministério do Trabalho, a Feira do Emprego, lá no lado de fora do Pavilhão. Lá vão estar as unidades móveis do Sine, oferecendo mais de cinco mil vagas de empregos para a Região Metropolitana, nas áreas de construção civil, supermercados, celulose e calçadista.

Obrigada, gente.

**Discurso da Presidenta da República durante cerimônia de inauguração de unidades de educação infantil - Novo Hamburgo/RS
Novo Hamburgo-RS, 11 de outubro de 2013**

Eu vou começar, gente, agradecendo a Ariane e ao meu querido Lucas, pela linda apresentação aqui. Mas, sobretudo, porque a vizinha da Ariane é linda, e o Lucas ficou ali, muito sério, segurando o microfone. Então, vou agradecer, e eu acho que essa cena, ela é muito simbólica da Semana da criança e, sobretudo, pelo fato que amanhã é o Dia da criança. Então, nós vamos aplaudir os brasileirinhos e as brasileirinhas de todo este país.

Queria cumprimentar o nosso governador em exercício do Rio Grande do Sul, Beto Grill, Cumprimentar o Luis Lauermann, prefeito de Novo Hamburgo, e a minha querida Jorgia Seibel,

Queria cumprimentar os ministros que me acompanham: ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social; a ministra Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos; e o nosso querido ministro da Educação, que é responsável pelo Ministério da Educação, nosso querido Aloisio Mercadante.

Cumprimentar a deputada federal, a batalhadora Manuela D'Ávila,

Queria cumprimentar os deputados federais Assis Melo, o Dionilso Marcon, o Henrique Fontana, o Renato Molling e o Ronaldo Zulke, que muito nos ajudam lá em Brasília, na Câmara Federal.

Queria cumprimentar o vice-prefeito de Novo Hamburgo, o Roque Serpa, O presidente da Câmara, o vereador Antônio Lucas,

Cumprimentar o ex-prefeito de Novo Hamburgo Tarcísio Zimmermann,

Queria cumprimentar aqui as diretoras Silvana Schaeffer e Catarine Tunê, diretoras das escolas municipais. E aqui eu queria saudar cada uma das professoras e dos professores, mas as professoras geralmente são maioria. Ao saudar as professoras, eu quero dizer que, no Brasil, o Dia da criança é um pouco também o Dia das mães e das professoras. Por isso, eu queria aproveitar e saudar também todas aquelas funcionárias que ajudam as escolas deste país afora a funcionarem e a prestarem esse serviço essencial para o nosso país.

Queria também cumprimentar a Liliana Quevedo da Silva. E, ao saudar a Liliana, eu saúdo todas as mães e os pais dessas crianças aqui de Novo Hamburgo, mas também homenageando as mães e os pais, que são essenciais para a vida do nosso país.

Cumprimentar os senhores jornalistas, as senhoras jornalistas, os senhores fotógrafos, senhores cinegrafistas.

Eu queria iniciar dizendo para vocês que eu estou aqui hoje, num dos programas da educação do nosso Brasil que é essencial, que são as creches. Mas nós sabemos que a educação é um todo, ela vai da creche à pós-graduação. Mas na creche e nas escolas de ensino infantil, nas chamadas pré-escolas, há um fato que é essencial para o Brasil, que é onde você começa a atacar a raiz da desigualdade. Mas não só a raiz da desigualdade. Começa-se também a encarar uma das questões centrais para o Brasil, que é compreender que o caminho da educação é o caminho que vai garantir duas coisas ao mesmo tempo. Primeiro, que o Brasil dá aquele passo definitivo para não ser mais o país da desigualdade nem o país que tem uma parte da sua população na miséria. Todas as pessoas que com os programas de renda nós tiramos da miséria e da pobreza têm a sua saída sustentada se nós dermos a elas acesso à educação.

Então, o segundo caminho que a educação conduz é para uma sociedade de conhecimento, uma economia baseada na agregação de valor do conhecimento e não simplesmente no trabalho ou na atividade econômica extrativa.

Eu queria dizer a vocês que esse caminho da educação leva à nação desenvolvida, e que para eles, para a gente transitar por ele, algumas questões são essenciais. Primeiro, professores mais bem formados e bem remunerados. Todos nós que defendemos qualidade na educação temos que lembrar que a educação é fruto de uma capacidade

dos seres humanos de transmitir para aqueles que são os mais novos, todos os conhecimentos, toda a história do conhecimento e da elevação do homem e da mulher à civilização.

Essa capacidade de transmissão, ela tem no professor, e na própria família, um dos elementos centrais. Por isso, um país não chega a ascender à educação de qualidade sem professores qualificados e sem que a sociedade, e aí não é o governo, não são os empresários, não são os trabalhadores, não é a academia, é toda a sociedade que dêem *status* ao professor. *Status* implica em remuneração adequada e reconhecimento integral ao professor, reconhecimento do papel dele, reconhecimento à professora e ao professor alfabetizador.

E aí eu quero dizer para vocês: eu sou presidenta da República, e aqui o meu querido prefeito, o Luiz Lauerman, ele e eu, e juntamente com o nosso governador em exercício, Beto Grill, nós sabemos que para ter uma modificação na educação no Brasil é preciso recursos. E aí vem a boa notícia: nós conseguimos aprovar na Câmara que os recursos dos *royalties* do petróleo e do Fundo Social do pré-sal vão para a educação. E nós temos de qualificar esses recursos.

E aí eu vou parar falando da creche. Eu acho que a creche ataca a raiz da desigualdade. Durante muito tempo eu falei que era fundamental que houvesse creche porque as mães precisavam trabalhar e ter onde deixar, num lugar de qualidade, onde deixar seus filhos. Eu ainda até falo isso, mas não é por isso que nós fazemos creches ou pré-escolas. Nós temos que fazer creches e pré-escolas é por causa deles, por causa das crianças, desses brasileirinhos e dessas brasileirinhas.

Hoje, o mundo evoluiu e sabe, pela neurociência, por vários outros conhecimentos adquiridos, que na primeira infância, tanto de zero a três anos, de zero a quatro, e depois de quatro a seis, se formam as condições que vão dar origem à maior capacidade das crianças de aprender.

Nós todos somos diferentes. Ninguém aqui, um é igual ao outro, nenhum de nós, mas as oportunidades têm que ser as mesmas, e aí as oportunidades iguais começam na creche. Por isso é que eu digo que a raiz da desigualdade lá está. Uma criança de classe média, cheia de incentivo, de jogos, acesso a livros, acesso a brinquedos pedagógicos, acesso aos estímulos da professora, com acolhimento, com carinho, ela se desenvolve com extrema rapidez. Quantos de nós aqui, mães, pais, avôs e avós, não sabem que o menino chega aos três anos, igual a esses daqui, e começa a bater um teclado de um Ipad que, para nós, levamos algum tempo aprendendo. Então, essas oportunidades, criar creches, e aí não é só o prédio, que é muito bonito. É nós sermos capazes de, dentro daquele prédio, colocar todas as oportunidades para os brasileirinhos e as brasileirinhas.

E aí eu fico muito feliz de dizer duas coisas. Nós resolvemos, viu, prefeito, um problema que tinha. A gente fazia a creche e levava um tempo para o dinheiro do Fundeb chegar. Agora, o governo federal banca esse tempo, concede os recursos antecipadamente, para dar qualidade para os prefeitos e as prefeitas.

Mas, tem mais, tem uma coisa que eu quero contar para vocês. Todas as creches, todas elas que têm crianças de famílias que recebem o Bolsa Família, portanto, crianças de famílias do Cadastro Único, que estão nos níveis de pobreza, todas essas creches têm

direito de receber mais 50% para poder enfrentar o fato de que essas crianças precisam de mais atenção, de mais cuidados.

Nós temos que ter essa consciência porque, na verdade, as professoras e os professores que estão aqui são construtores de futuro. Futuro das crianças, de cada uma... dessa aventura que é a vida de cada um deles. Mas eles são construtores, além do futuro de cada uma dessas crianças, constroem o Brasil. O Brasil, se a gente for olhar e pensar naqueles brinquedos que as crianças fazem, dos tijolinhos, o Brasil é construído pelas professoras e os professores que hoje nós devemos homenagear. E é por isso que eu disse que o Dia da Criança tinha de ser o dia das mães e dos pais e dos professores e das professoras, porque nós sabemos que é com isso que nós vamos construir uma grande nação desenvolvida. Não há... eu sempre digo isso muitas vezes, só fui mal interpretada. Eu disse que um país não se mede pelo PIB. Um país tem que se medir pela qualidade de vida da população, é por aí que ele tem que ser medido. Eu posso ter um PIB desenvolvido, como até já foi o caso no Brasil, e ter uma situação social que deixa a desejar. Na verdade, o que nós queremos é que o PIB e a vida das pessoas melhorem em conjunto e que isso resulte num Brasil cada vez mais rico. Um Brasil mais rico, mais rico porque sua população está cada vez mais rica.

E aí eu completo dizendo o seguinte. Eu saio daqui com muita alegria. Me disseram que eu sou a primeira presidenta eleita a vir aqui em Novo Hamburgo. Muito me orgulha esse fato, até porque aqui eu estou em um estado que eu adotei. Eu tenho o estado onde eu nasci, me criei e do qual eu gosto muito, e tenho um estado que me acolheu e quando eu precisei, me adotou, e que eu adotei. Então eu fico muito feliz também de estar aqui.

E, finalmente, queria dizer para vocês, vejam só que boa agenda eu tenho aqui. Eu saio daqui e vou lá... dar a formatura, participar da diplomação de mais de mil alunos do Pronatec, que é um programa que eu tenho muito orgulho, a formação técnica e profissional de pessoas, adultos, jovens querendo o primeiro emprego, pessoas querendo melhorar de emprego, pessoas querendo se aperfeiçoar, pessoas que percebem que na vida a gente começa a estudar na idade deles e a gente nunca vai poder parar.

Um abraço a cada um dos meus amigos e das minhas amigas que estão aqui hoje, e a certeza, para cada um dos brasileirinhos, que este país, este século, esta década e todos os anos a partir de agora são os anos das crianças e dos jovens do nosso país.

Um grande abraço.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de anúncio de investimentos do PAC Mobilidade Urbana e entrega de 57 máquinas motoniveladoras - Porto Alegre/RS
Porto Alegre-RS, 12 de outubro de 2013**

Obrigada, muito obrigada. Obrigada.

Eu, primeiro, queria dirigir um cumprimento aqui aos nossos prefeitos e às nossas prefeitas, e dizer que muito me honra a presença deles aqui hoje. E, em especial, uma vez que eu estou aqui nesta cidade tão querida que é Porto Alegre, cumprimentar o nosso prefeito Fortunati e a querida, a primeira-dama Regina Becker. Principalmente porque, se hoje é o Dia das Crianças, ontem eu disse que criança... o dia da criança é dia da mãe, do

pai e das professoras, mas também é o dia dos animais. Sempre que você olha uma criança, há sempre uma figura oculta, que é um cachorro atrás, o que é algo muito importante. Então, cumprimento também pela sua dedicação, Regina, a essa causa.

Queria cumprimentar o governador, meu querido governador Tarso Genro.

E agradecer ao deputado Pedro Westphalen, presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e, em nome dele, cumprimentar todos os deputados aqui desta Casa, na qual eu trabalhei.

Queria também cumprimentar os beneficiados, os prefeitos beneficiados: Sergio Maciel Bertoldi, de Alvorada; o Jairo Jorge, de Canoas; o Sergio Munhoz, o Henrique Tavares e o Valdir Bonatto.

Queria cumprimentar também todos os prefeitos, ao cumprimentar o prefeito de Tupanciretã. Cumprimentar os prefeitos que receberam as máquinas.

Queria agradecer também a recepção tão calorosa que eu recebi ontem aqui do prefeito de... o nosso querido prefeito, porque eu estive no Vale, falando sobre creches e Pronatec. Então, o prefeito de Novo Hamburgo, quero agradecer a ele.

E cumprimentar os ministros que me acompanham: o ministro Pepe Vargas, o ministro Aguinaldo, a ministra Helena e a ministra do Rosário, Maria do Rosário. São dois ministros gaúchos que me acompanham hoje aqui. O Aguinaldo está ficando, pela sua adaptação, ao frio, acelerada, está ficando bastante gaúcho e agora já conhece o Hino. Porque saibam vocês que o estado do Rio Grande do Sul é o único estado do Brasil que depois do Hino Nacional toca o Hino do Rio Grande do Sul. Tanto é assim que eu não fiz nem o primário, nem... na minha época era primário, era ginásio. Eu só estudei aqui na faculdade e eu conheço o Hino de cor, de tanto que eu cantei. Então, eu acho importante essa naturalização gaúcha do Aguinaldo, que vem lá da Paraíba.

Queria cumprimentar também os deputados federais: o Assis Melo, o Dionilso Marcon, o Fernando Marroni, o Henrique Fontana, o Paulo Ferreira, o Renato Molling e o Ronaldo Zulke, e agradecer a todos eles, sempre, a parceria lá no governo federal.

Queria cumprimentar meu querido amigo, ex-ministro do Desenvolvimento Agrário Miguel Rossetto, atual presidente da Petrobras Biocombustíveis.

Cumprimentar a Emília Fernandes, ex-ministra da Secretária Especial de Políticas para as Mulheres.

O vereador doutor Thiago Duarte, presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre.

O vice-prefeito, Sebastião Melo.

Cumprimentar também o Gilmar Rinaldi, presidente da Granpal, associação dos prefeitos da grande Porto Alegre.

As lideranças comunitárias.

Cumprimentar aqui algumas pessoas com quem eu convivi no passado, fazer um destaque a elas. Primeiro, ao secretário Motta, ao nosso querido Afonso Antunes da Motta; ao Kalil, secretário Kalil; e ao Elói Guimarães, ex-vereador aqui de Porto Alegre, não é, Elói?

Cumprimentar também... escolhi dois empresários aqui presentes e cumprimenta-los... o Busnello, da Toniolo Busnello, e queria cumprimentar o Cláudio Bier, do Simers.

Agradecer a todos vocês a presença aqui hoje neste sábado.

E, finalizando, cumprimentar o senhores jornalistas, as senhoras jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Eu acredito que hoje é um momento muito especial: nós estamos lançando aqui o metrô de Porto Alegre. E eu queria dizer para vocês um pouquinho essa história de metrô como é que é. Primeiro eu quero situar a situação... situar o que nós vivemos hoje. Nós vivemos um momento em que o governo federal, além de investir 90 bilhões desde 2011 até junho de 2013, abriu um outro investimento de 50 bilhões a partir dos pactos que nós fizemos com os governadores, os prefeitos, o Supremo Tribunal Federal e o Congresso. Os cinco pactos pós manifestações de junho. O Pacto pela Estabilidade Econômica, o Pacto pela Mobilidade Urbana, o Pacto pela Saúde, o Pacto pela Educação e o Pacto pela Reforma Política.

Eu vou aproveitar este momento e fazer um breve balanço dos pactos... do Pacto pela Mobilidade Urbana. O Pacto pela Mobilidade Urbana é um pacto que leva em conta o fato de que o Brasil cresceu aceleradamente nos últimos dez anos e que as pessoas pedem serviços públicos de qualidade. É isso que as pessoas querem. Elas não querem voltar ao passado, elas querem avançar para o futuro.

Nós, do governo federal, sempre achamos que toda conquista é apenas um começo, porque toda conquista sempre tem de exigir maior conquista. Não há hipótese de uma visão democrática, republicana, mas também uma visão comprometida com a soberania e também comprometida com o desenvolvimento social e a construção de um país mais igual que não olhe qualquer conquista como um patamar a partir do qual você tem de avançar. Então, os pactos, eles representam, mais do que tudo, uma direção para o avanço.

No caso específico da mobilidade urbana, é o reconhecimento de que nosso país, durante 30 a 40 anos não investiu em mobilidade urbana de forma, eu diria assim, adequada, necessária e sistemática. Por que é que não investimos? Primeiro porque tínhamos... havia no Brasil determinadas concepções que consideravam que metrô era coisa de país rico. Como nós não éramos um país rico, nós não podíamos investir em metrô e devíamos investir em corredor de ônibus, só. Essa era a visão dominante no início dos anos 80. E isso implicava numa visão também que eu digo que é uma visão... o Nelson Rodrigues seria um gênio se tivesse escrito em inglês. Agora, ele é um gênio para nós que falamos a língua portuguesa, o brasileiro, como eles dizem que a gente fala, no exterior. Porque falam assim: "O brasileiro eu entendo, o português de Portugal eu não entendo, não." Então, nós que falamos e escrevemos em português, nós temos de saber que tem uma descrição sobre Copa do Mundo, do Nelson Rodrigues, que é brilhante: o complexo de vira-lata. O complexo de vira-lata que atingia o nosso país, quando a gente estava prestes a ganhar a Copa, uma porção de especialistas em futebol dizia que a gente ia perder. Esse é o complexo de vira-lata. Você nunca acha que você vai ganhar, nunca acha que o país precisa de mais, nunca aceita que ele precisa de mais. E naquela época não aceitaram que tinha de fazer metrô. Aí, pressionados, aceitaram em algumas cidades. Os metrôs foram feitos improvisadamente, daí por que, Fortunati – não tinha muito projeto –, daí por que encalhou tudo. E a pior coisa que tem para um gestor é consertar o que está mal feito. Não tem nada pior... se alguém aqui dirige prefeitura,

estado, sabe que tem um problema, conserta o que foi mal feito para ver o tempo que você gasta, conserta.

Então, o que é que acontece? Acontece que havia esse problema. Primeiro um problema de concepção. Talvez o problema de concepção fosse ligado ao fato de que, naquele período de 80, 90, início de 2000, nós não investíamos, nós não investíamos. Não tinha grandes investimentos em infraestrutura. 90 milhões em infraestrutura no Brasil... Eu sou da época, em 2005, que um funcionário do governo, alto funcionário do governo – e naquela época a gente ainda estava dependendo do Itamaraty – entrou na minha sala e disse: “Comemoremos, Ministra, nós conseguimos investir no Brasil 500 milhões de reais.” Hoje nós investimos 500 milhões de reais numa pequena cidade, numa pequena cidade.

Então, eu quero dizer: além disso, não tinha dinheiro. Além de não ter dinheiro, nós não tínhamos engenheiros, não, porque se não tinha obra, não se formavam engenheiro no nosso país. A primeira vez que engenheiro passou advogado foi este ano, em termos do número de formandos. Em 2003, quando nós estávamos tentando fazer plataforma, as plataformas da Petrobras aqui, disseram para mim que nós não éramos capazes de fazer casco. Sabe de que é o casco da plataforma? É feito... é sofisticado, mas é uma sofisticação, eu diria, simples, contraditoriamente, porque você faz o casco e solda. Não tem nenhuma tecnologia. Como é que nós não conseguíamos fazer casco, e nós fomos o oitavo produtor de navios em [19]80?

Então tinha um processo no Brasil, e esse processo é pesado. Eu acredito que há um esforço hoje. Nós colocamos na pauta, a partir de 2011, nós colocamos na pauta mobilidade urbana e demos prioridade a metrô. Por que é que fizemos isso? Por uma concepção: é impossível, com as nossas cidades crescendo – São Paulo com 11 milhões; o Rio com 8 ou 9; Belo Horizonte com um similar; Porto Alegre com os seus 2 milhões – é impossível não construir metrô. Se nós não construirmos metrô agora, nós teremos, na frente, o problema que hoje São Paulo enfrenta.

Então, a nossa prioridade é construir metrô. Prioridade em que termos? Nos termos das grandes cidades e é garantir para as cidades médias uma estrutura de transporte que seja a mais adequada possível no seguinte sentido. Quando tiver possibilidade de integrar diferentes modais, ônibus, se tiver um monotrilho, se tiver um aeromóvel, fazer uma integração e caminhar em direção ao bilhete único, esta é a forma mais racional.

Eu estou muito feliz de estar aqui porque acho que o Fortunati fez um grande esforço nesse processo. Ele não é um processo simples. Talvez, das obras, entre as obras complexas que estão em andamento no Brasil, o metrô tenha grande complexidade porque ele está sendo feito sobre uma cidade construída. É esse o problema: tem uma cidade e você vai fazer o metrô em cima dessa cidade. E aí é que todas as questões têm de ser olhadas devidamente.

Eu tenho visto os prefeitos, os governadores – porque varia, às vezes é o governador, às vezes é o prefeito, e às vezes é como aqui, o prefeito e o governador – participarem desse imenso esforço para construir metrô. Nós estamos vendo isso ocorrer em Belo Horizonte e em Salvador. Terça-feira eu vou assinar, em Salvador, o início da construção desse trecho novo do metrô que eles vão fazer lá. Todos eles tiveram dificuldades técnicas, todos eles adequaram e aperfeiçoaram cada vez mais seus modelos. Isso é

absolutamente natural no momento em que nós estamos, porque agora os funcionários da prefeitura tem hoje um conhecimento que eles não tinham antes, eles adquiriram. É aquilo que os ingleses chamam de aprender fazendo. Tem uma parte, nós temos de aprender fazendo.

E aí eu queria destacar algumas coisas. Primeiro, a necessidade que nós tivemos... eu falo nós porque eu acho que o Fortunati tem toda a razão: uma obra desse porte só sai se o Rio Grande pegar junto, mas também se o Brasil pegar junto. É importantíssimo que nós todos participemos disso de forma completamente republicana. Nós não podemos olhar o prefeito, o governador ou o prefeito da capital e perguntar: “De que partido você é?” Nós temos de fazer projetos que estejam para além das diferenças partidárias e que sejam aqueles que beneficiam as cidades deste país onde vive a nossa população.

Eu fico muito feliz também de não ser só metrô... Nós fazemos metrôs... para você ter ideia, metrô são 259 km que nós fazemos hoje no Brasil. VLT... em que o governo federal está metido, né? VLTs, que são os veículos leves sobre trilhos, são 171 km. O monotrilho... tem monotrilho no Rio, principalmente, mas tem outro monotrilho também que eu não estou lembrando onde, 53 km. Trem urbano, que é muito importante, 45 km, como é o caso do... eu, de fato, fiquei impressionada com o estágio das obras do trecho São Leopoldo-Novo Hamburgo. E o aeromóvel, 28 km. Nós... Isso sobre trilhos. Sobre rodas, BRTs, são 567 km. Corredor são 1.536 km. E vias são 209 km, tendo 11 km de fluvial no Recife.

Então há um grande esforço nosso para assegurar uma coisa. Por que é que nós fazemos isso? Nós queremos que o tempo das pessoas seja, sobretudo, delas, que elas se apropriem do tempo, e você, numa grande cidade, para se apropriar do tempo, precisa de transporte urbano de massa, transporte coletivo, transporte público. Se você não tem transporte público, você não se apropria do tempo. Não! Você quem? O morador da cidade, principalmente o morador daquela região mais distante da periferia, o trabalhador, a trabalhadora, o estudante que vem lá de longe para estudar. Ele tem de se apropriar do tempo. A reforma, uma reforma urbana, o que está em questão numa reforma urbana é segurança e tempo, qualidade de vida.

E aí o transporte tem um papel fundamental, por isso que ele construía o quinto pacto. E por isso que dentro desse transporte é... o que nós pretendemos é dotar as grandes cidades deste país de metrô, garantir que as pequenas e... primeiro, que as médias cidades não transitem por um caos urbano e tenham acesso a isso que se chama interligação de modais. Sempre quando for necessário, trilho, porque trilho é ininterrupto. Trilho garante um percurso rápido. E em segundo lugar, interligar para quê? Para baratear o custo do transporte para a população. Esse é tudo o que nós procuramos, tudo o que nós queremos estruturar, e garantir que as pequenas cidades também tenham acesso a um tipo de transporte.

E aí, vocês vejam que hoje nós combinamos aqui as pontas do sistema. Nós combinamos desde metrô, que é um transporte de trilho mais, eu diria assim, mais complexo, juntamente com uma coisa que é fundamental, que é nós entregarmos o kit motoniveladora, retroescavadeira e caminhão-caçamba para os prefeitos de cidades até 50 mil habitantes. Tem de focar em cidades até 50 mil habitantes, e cada cidade deste país tem de ser olhada no seu problema. Eu sempre pergunto, quando eu entrego a

chave para o prefeito: “prefeito, quantos quilômetros de estrada vicinal o senhor tem?” Aí eles falam assim para mim: “Tem... Eu já escutei 500, já escutei 700, mas aqui eu escutei, duas vezes, 2000, 2000 km de estrada vicinal. Nós temos, portanto, de dar tudo o que nós pudermos, conceder, na relação federativa, dar condições para o prefeito ter autonomia e tratar das suas estradas vicinais.

Esse kit, uma moto, uma retro e um caminhão-caçamba, ele é um kit que tem por objetivo dar autonomia para o prefeito tratar da sua estrada vicinal. Com o passar do tempo nós podemos, inclusive, desenvolver outro tipo de política complementar a isso, mas eu acho que esse é o ponto de partida fundamental, porque nós queremos que o prefeito tenha o que tiver de melhor nesses três equipamentos. E, obviamente, tem uma coisa que eu não sei se o Pepe falou desta vez, mas ele fala em todas. É importante perceber que nós exigimos que haja fornecimento de trabalho e renda pelas empresas fornecedoras dos equipamentos aqui no Brasil. Então, usamos as margens de preferência na compra, o que é muito importante porque uma parte desse kit que está sendo entregue para todo o Brasil, porque quase 90% das prefeituras do país são prefeituras de até 50 mil habitantes. Então, a grande maioria... uma parte é na serra gaúcha, é interessante notar esse fato. Uma parte é fornecida aqui no Rio Grande do Sul. Não só no Rio Grande do Sul, mas eu acredito que uma grande parte. Então, nas duas pontas hoje é essa cerimônia.

E eu queria dizer mais uma coisa para vocês sobre a questão dos cinco pactos. Eu acho muito importante o fato do Brasil ser um dos poucos países em que manifestações não foram demonizadas e colocadas como um alvo... um inimigo público número um, porque nós temos escutado a voz das ruas, porque nós temos entendido a necessidade de avançar. E, sobretudo, que nós tenhamos, com isso, uma relação democrática. Acredito também que a população brasileira não apoia atos de vandalismo nem destruição de patrimônio privado e público.

Agora, para nós, há um resultado muito importante desse processo de pactuação. O primeiro nós estamos passando aqui hoje, mas eu acredito – e ontem eu falei bastante sobre isso – que a destinação dos royalties do petróleo para a educação foi uma grande conquista assegurada por esse momento político. Por duas vezes eu mandei para o Congresso, por duas vezes eu mandei para o Congresso a destinação de cem por cento dos royalties do petróleo e não consegui aprovar. Agora nós aprovamos a destinação de uma forma que eu acho bastante correta, por sugestão até, por iniciativa dos parlamentares, que é 75% para a educação e 25% para a saúde.

É importante isso porque nós temos... com esses cinco pactos... tem três pactos que dizem respeito diretamente a serviço público. Há esse avanço em mobilidade, concretamente, porque os prefeitos se mobilizaram... você vê, junho, agosto, setembro, o Fortunati está assinando isso em outubro, está assinando uma complementação da obra. A obra é viável com essa complementação, com esse traçado, e isso é algo que eu acho fundamental que seja reconhecido politicamente para que nós possamos ter essa atitude mais pró-ativa, porque na discussão do copo meio cheio e do copo meio vazio, tem ganhado muito o copo meio vazio. Vamos tentar dar um pouquinho de vitória para o copo meio cheio, porque, caso contrário, ele não enche nunca, nunca.

Mas, voltando, eu acredito também que o Mais Médicos é uma sensibilização... o Mais Médicos nós estávamos trabalhando há mais de um ano quando nós lançamos e ele é, eu

considero, algo muito importante para o país. Algo muito importante para o país porque nós sabemos perfeitamente que é necessário equipamentos, hospitais, UPAs, postos de saúde. Estamos investindo nisso e vamos acelerar cada vez mais o investimento. Mas que nós precisamos de médicos, e eu queria aqui só dar dois numerozinhos antes de encerrar a minha fala. Primeiro, o fato de que médicos formados no exterior, por países, país desenvolvido: Inglaterra, 37% dos médicos são formados fora da Inglaterra; Estados Unidos, 25% dos médicos se formam fora dos Estados Unidos; Austrália, 22%; Canadá, 17%. No Brasil, se forma fora do Brasil 1,78%. Isso é um número importante de perceber. Eu estou falando de país desenvolvido, com essa taxa de formação.

Nós estamos fazendo esse imenso esforço para trazer os médicos para cá. Conseguimos e agradeço ao Congresso a aprovação, mesmo que a gente não concorde com tudo o que está aprovado, mas concordamos com o básico. A aprovação no Congresso Nacional do Mais Médicos na Câmara e, agora, ele agora vai para o Senado e nós acreditamos que esse processo de entrada dos médicos se acelere e se faça a ponto de beneficiar aquela parte da população que não tem acesso a médico, que não... Tem uma parte que não tem médico permanente. A gente sabe o que é criança adoecendo de madrugada que, aliás, criança adora adoecer de madrugada. Nunca vi criança adoecer no horário comercial. Adoece às duas, às três, e a febre começa de madrugada. O horário comercial eles não respeitam, é bom pai e mãe saberem disso. E eu fico sempre muito sensibilizada quando eu escuto que tem 700 municípios do país onde não tem um médico morando. Você imagina só se acontece uma coisa dessas. Esse projeto é para isso. Então, esses três pactos, que são os pactos básicos no que se refere a serviço público, eles estão todos encaminhados.

No que se refere ao Pacto da Reforma Política, foi encaminhado por um conjunto de partidos o Pacto pela Reforma Política com o plebiscito. Obviamente que isso não depende o Executivo. Depende, agora, do Parlamento, mas depende, sobretudo também do interesse do nosso país em ter uma reforma política que dê mais transparência, mais qualidade, mais... de fato, uma espécie de ajustamento ao fato que nós já somos uma democracia experiente. Outro dia eu assisti, na Câmara dos Deputados, a comemoração dos 25 anos da Constituinte. Era um país despertando para a democracia, era um país experimentando a democracia. Agora nós somos um país que viveu a democracia, que está vivendo a democracia, que amadureceu nesse processo. E até eu fico muito confortável de estar falando aqui neste plenário porque o papel da Assembleia Legislativa no processo de resistência e de transformação e de transição para a ditadura é um papel que a gente sempre deve homenagear e nunca esquecer. Esta Casa deu guarida às oposições, à livre expressão, e isso é algo que deve orgulhar os gaúchos.

E, finalmente, eu queria dizer a vocês que nós também estamos honrando o Pacto pela Estabilidade. O Brasil hoje é um país com grande estabilidade macroeconômica. É um país que tem a sua inflação sob controle, que tem a menor relação dívida sobre PIB. Todos os países do mundo, a começar dos Estados Unidos, mas passando pelos países europeus e muitos dos próprios emergentes têm um endividamento muito elevado quando considerado o seu Produto Interno Bruto, ou seja, o conjunto do valor aportado pela sua economia. A nossa relação é muito baixa, é 35%. Em agosto estava 33,4%. Eu não vou citar 33,4%. Vai oscilar, vai para 34, não sei disso. Agora, é um dos menores do mundo,

ou seja, o endividamento do Brasil é bastante baixo. Dois, nós continuamos com 378 bilhões de dólares de reservas. Se você olhar o ranking dos países em valor de reserva, ou seja, o que eles têm lá no colchão, cada país, escondido debaixo do colchão, você vai ver que nós estamos entre o quinto... no mínimo, o quinto país. Se você olhar também a nossa taxa de desemprego, é uma das menores do mundo. Nós estamos conseguindo enfrentar a pior crise desde [19]29. Ela é pior, tanto no que foi a profundidade dela, mas também em relação à permanência. Agora, melhorando. Nós estamos numa situação em que está melhorando, mas todos os países têm enfrentado flutuações pesadas no crescimento do seu Produto. E nós temos saído disso com um desemprego, numa situação bastante confortável. Nós temos hoje 5,3% de taxa de desemprego, que é uma das menores taxas de desemprego do mundo.

Por isso estamos fazendo até o Pronatec. O Pronatec tem a ver com isso, com o fato de que precisamos assegurar uma qualidade maior na nossa força de trabalho para podermos dar um salto de produtividade.

Então, eu quero dizer para vocês que o copo está meio cheio com viés de alta. É isso que está o copo, inclusive o copo do metrô. Ele foi lançado hoje. Por que o viés de alta? O viés de alta do copo do Fortunati e do Tarso é porque nós temos uma visão, primeiro, das dificuldades de construir. Ninguém acha que isso é fácil. Ele vai ter, não só de desapropriar, mas ele vai ter de combinar tecnologia de *shield* ou, como ele chamou, de tatzão, que abre por baixo com uma máquina que tem uns três metros, eu acho, de altura e ela vai, ao mesmo tempo, construindo os arcos. Mas ele não pode só fazer isso. Então tem discussão hoje em todos os estados, viu, Fortunati? Como é que faz? Tem gente, Fortunati, dizendo que você faz a estação A e a final B, e que as estações intermediárias, você procure interessados porque tem gente pagando para fazê-las. Ou seja, a estação intermediária, ela é extremamente lucrativa, principalmente num estado como este que tem um nível de renda maior.

Então há várias discussões, e o que é que vocês têm? Vocês têm hoje uma concepção. Vocês testaram, vocês olharam no PNI. É muito importante perceber que essa história é o seguinte: atrasou 90 dias. Tem dois riscos geralmente uma obra de infraestrutura. Um é de engenharia, o outro é de demanda. De demanda essa obra não tem risco. De engenharia, qualquer obra de engenharia tem risco. Não é impossível que, mesmo você tendo feito a melhor sondagem, o melhor estudo geológico... aqui neste estado ocorreu uma coisa inesperada num risco de engenharia, vocês podem olhar. Numa hidrelétrica, uma das três daquelas, eu não sei qual... eu não lembro mais qual delas foi, mas teve um risco inesperado de engenharia numa obra de hidrelétrica, mesmo tendo sido feito sondagem anterior.

Então, não é possível tratar essa questão... Eu fiquei até meio impressionada, viu, Fortunati, com o que eu li. Não é possível tratar essa questão do metrô como se fosse uma trivialidade, algo que você aperta um botão e sai fazendo. Não é possível. Agora, eu cumprimento vocês. Todos nós avaliamos que você tem feito um imenso esforço para garantir que esse metrô ocorra.

E eu queria encerrar dizendo: é dessa determinação, dessa teimosia, dessa insistência que a gente sabe que é feita a melhor das vontades políticas. E aí, a sua vontade política

e a do governador Tarso Genro combinam isso: insiste, insiste e insiste. E é assim. Eu venho insistindo com tanta coisa que vocês nem imaginam, então eu falo como irmã. Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração da fábrica de transformadores de corrente e de potencial da Balteau S/A – Itajubá/MG
Itajubá-MG, 14 de outubro de 2013

Eu queria começar cumprimentando o governador de Minas Gerais, Antônio Anastasia. Cumprimentando os ministros de estado mineiros que me acompanham hoje: Fernando Pimentel, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, e Antonio Andrade, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Queria cumprimentar o senhor vice-governador de Minas Gerais, Alberto Pinto Coelho. Cumprimentar o nosso querido Robson Andrade, presidente do Grupo Orteng, e a senhora Cristiana Parisi de Andrade.

Queria cumprimentar o senhor Ricardo Vinhas, presidente do Grupo Balteau, e senhora Marina Vinhas.

Cumprimentar o senhor Rodrigo Imar Martins Riera, prefeito de Itajubá, por intermédio de quem cumprimento todos os prefeitos da região. E, prefeito, não se acanhe, a prática é essa. Depois da inauguração tem de ser sempre um pleito. É assim mesmo, viu prefeito.

Cumprimento os deputados federais: Domingos Sávio, Geraldo Tadeu, Odair Cunha.

Cumprimento o vereador Robson Vaz, presidente da Câmara Municipal de Itajubá.

Senhoras e senhores empresários e industriais aqui presentes.

Meus caros Luciana Vieira Lima, cantora, com uma voz muito bonita; Marcelo Nébias e Vito Duarte, integrante do trio Vila Rica.

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores.

Essa nova planta da Balteau, ela evidencia o desafio que reside nessa nova etapa de desenvolvimento da indústria brasileira. Uma etapa baseada na produção de inovações e na incorporação dessas inovações aos processos produtivos e aos produtos. Essa fase tem uma âncora que é investir em educação, no desenvolvimento científico e tecnológico e, a partir daí, gerar inovação.

Aqui nós vamos produzir transformadores de alta tensão com potência de até 550 kV desenvolvidos em um projeto apoiado pela Finep (Agência Brasileira da Inovação), financiado pelo BDMG (Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais). A Finep, nossa agência de inovação, tem por objetivo, justamente isso, dar suporte e apoio ao desenvolvimento de produtos e de processos. Expressamos aqui, também, um princípio e um compromisso: o da parceria entre o setor produtivo e os diferentes níveis de governo, para acelerar o desenvolvimento tecnológico e a inovação em nosso país. Essa parceria, ela permite que nós ampliemos a produtividade da nossa indústria, da nossa agricultura, do setor de serviços e, assim fazendo, nos capacitarmos para ter maior competitividade, especialmente, no nosso caso hoje, da nossa indústria e da nossa economia.

A Balteau mostra hoje que tem uma aposta desafiadora que é, com esse investimento, ter uma inserção ainda maior no mercado internacional. E isso foi o que o presidente Robson nos mostrou ao evidenciar a quantidade de países que já demandam os produtos da Balteau. Sabemos que, com a incorporação de inovações nos processos produtivos, nós vamos obter maior solidez do nosso crescimento. Um dos maiores fatores de aumento de produtividade está justamente nesse aspecto.

Uma vez que se trata de investimento de uma empresa de capital 100% nacional, para nós é um imenso prazer estar aqui hoje. Principalmente porque sabemos, não só da demanda do país nas diferentes áreas de transmissão, distribuição e geração, mas também na capacidade que a Balteau tem hoje de exportação, como já evidenciamos. Nenhum empresário investe se não tiver confiança de que terá retorno de seu investimento, se não acreditar que a demanda por seus produtos será crescente. Essa planta industrial expressa, portanto, a confiança da Balteau na continuidade do crescimento da indústria e da economia do nosso país.

E, neste caso, não se trata de uma aposta. Empresas como a Balteau, que produzem equipamentos para o setor de energia, dispõem hoje de bases objetivas para projetar sua demanda, porque nós retomamos o planejamento da expansão da oferta de energia no Brasil. Nada melhor para uma indústria que dispor de um horizonte de 10 a 20 anos para as necessidades de investimento no setor no qual ela fornece os produtos.

Senhoras e senhores, ser parceiro da indústria nacional no seu desenvolvimento e na sua expansão é um dos grandes objetivos do meu governo. Temos cuidado da solidez macroeconômica e mobilizado instrumentos para estimular a produção industrial e fomentar o desenvolvimento tecnológico e a inovação. Tudo com o objetivo de elevar a competitividade da nossa indústria para que ela prossiga crescendo, gerando empregos e gerando renda.

Quero lembrar mais uma vez, que pelo 10º ano consecutivo, a inflação vai fechar o ano dentro da meta. Nosso compromisso com o rigor fiscal não se alterou, como mostra o fato de termos transitado pela mais grave crise da história desde [19]29, com as nossas metas de endividamento sob rígido controle. Hoje, a nossa dívida líquida do setor público sobre o PIB é uma das menores do mundo. Elevamos os nossos níveis de reserva internacional para US\$ 376 bilhões. Defendemos e praticamos uma política de flexibilidade cambial, o que tem nos permitido também fazer face a esse novo momento em que o mundo transita para uma modificação das políticas monetárias, notadamente da política monetária americana. Isso nos permite procurar sempre dar, dentro da variabilidade cambal, maior estabilidade ao país.

Nós temos esse compromisso com a robustez econômica, mas também desenvolvemos, paralelamente a esse cuidado, toda uma política de redução de custos para a indústria. Reduzimos o custo da energia e desoneramos a folha de pagamentos, dois importantes fatores a impactar o custo de todos os segmentos econômicos, a saber, o custo do trabalho e o custo da energia elétrica. Com o plano Brasil Maior nós ampliamos nossas linhas de financiamento ao setor industrial, especificamente ao investimento produtivo. Em todas as medidas que adotamos, no âmbito de nossa política industrial, considero especialmente a política de sustentação do investimento e as novas legislações de conteúdo nacional e de compras públicas, que estão nos permitindo fazer do tamanho e

do dinamismo do nosso mercado interno um diferencial em favor de nosso crescimento. Aqui em Itajubá temos uma experiência de como esse tipo de política pode ser importante.

Com o Plano Inova Empresa, que lançamos no início deste ano, estamos mobilizando – e o fazemos pela primeira vez no Brasil – [R\$] 32,5 bilhões para fomentar a inovação. Lançamos editais para projetos inovadores nas áreas de pecuária, energia elétrica, petróleo e gás, complexo da saúde, complexo aeroespacial e defesa, tecnologia da informação. Nesses seis setores, os projetos montam a R\$ 19 bilhões. Queremos que parcerias como a firmada entre a Finep e Balteau se tornem cada vez mais comuns e cada vez mais bem-sucedidas. Os resultados que obtivemos com os primeiros editais que lançamos são muito promissores e confirmam a disposição do setor privado em investir, e em investir em inovação.

Não poderia deixar de falar de um dos programas que mais me orgulho, o Pronatec. O maior programa de formação profissional que o Brasil já teve. E esse programa é uma parceria bem-sucedida entre o governo e o setor privado. Estamos investindo juntos e estamos procurando capacitar profissionalmente os nossos trabalhadores e a nossa juventude. O governo federal está investindo R\$ 14 bilhões para oferecer, até 2014, a oito milhões de jovens e trabalhadores a oportunidade de fazer um curso técnico ou de qualificação profissional. Junto com o Sistema S, com as escolas técnicas federais e com as escolas técnicas estaduais, já oferecemos cursos a 4,6 milhões de jovens e trabalhadores em 3.200 municípios do Brasil, aqui em Itajubá, inclusive. Todos nós sabemos como é importante a boa formação profissional dos trabalhadores.

E aqui eu faço um reconhecimento: nós fazemos parceria com todos os diferentes organismos do Sistema S, o Senai, o Senac, o Senat e o Senar. Mas, eu quero reconhecer a decisiva atuação do presidente da CNI (Confederação Nacional da Indústria), Robson Andrade, nosso anfitrião aqui hoje. O presidente da CNI não só participa como o representante da CNI, mas participa também por desenvolver os centros tecnológicos, por desenvolver os laboratórios, por ser parceiro nesse que é um dos programas mais ousados. Quando nós lançamos esse programa, e aí o Robson sabe disso, muitas pessoas disseram que nós não íamos conseguir formar esse número de pessoas, inclusive dentro do governo, e nós hoje estamos conseguindo.

As três características desse programa que fazem com que ele seja um sucesso são necessárias de ser mencionadas. A primeira, o fato de o Brasil, de os brasileiros pegarem as oportunidades com as duas mãos, verdadeiramente agarrarem as oportunidades. Segundo, o fato de eles fazerem isso porque reconhecem a qualidade dos cursos. Os cursos dados são o que há de melhor disponível no Brasil. E, terceiro, a variedade dos cursos. Os cursos são adaptados às diferentes demandas das diferentes regiões do Brasil, adaptados às demandas dos diferentes setores nos quais a mão de obra passa a ser uma necessidade diferenciada, principalmente num quadro de desemprego bastante baixo como é o nosso, de 5,3% agora em agosto.

Nós consideramos que é obrigação do governo criar as melhores condições para o investimento produtivo. Produzir e inovar são tarefas dos empresários brasileiros e nós temos certeza que todos os brasileiros sabem do esforço dos nossos empresários nessa direção. Sabemos também que é papel do governo dar suporte para essas iniciativas.

Meus amigos e minhas amigas, há poucas décadas atrás, nenhum mineiro, por mais otimista que fosse, imaginaria que o sul de nosso estado abrigaria um grande polo industrial. Em especial um polo industrial em que a pesquisa, o desenvolvimento tecnológico e a inovação teriam tamanha importância.

O sul de Minas mostra que com os instrumentos adequados, com as iniciativas dos empresários, com investimento em educação, a Unifei está fazendo 100 anos e é, sem dúvida nenhuma, uma das universidades federais de qualidade no nosso país, com o estímulo à inovação.

Portanto, com a criação de ambiente propício aqui no sul de Minas, o Brasil dá mais um passo e entra em uma nova fase do seu desenvolvimento. Nessa fase, a competitividade da nossa economia vai se basear cada vez mais no conhecimento e, portanto, na educação. O grande esforço que o país tem que fazer na área de educação tem que ser uma realidade para cada um de nós. Mais que uma realidade, um compromisso inegociável.

Nós precisamos, da creche até a pós-graduação, dar um salto de qualidade que a nossa educação precisa. Estou muito feliz pela aprovação da destinação dos royalties, da parte dos royalties do governo federal, e de 50% do fundo social do pré-sal para a educação.

Nós sabemos que os recursos do petróleo são finitos e que aplicá-los em educação é uma forma de torná-los perenes. A conquista de um país na área de educação é uma conquista do futuro. No Brasil nós precisamos de creches de qualidade por todas as razões apontadas pela neurociência quando se trata de perceber que a capacidade de desenvolvimento de uma criança é decisiva nos primeiros anos da infância. Precisamos alfabetizar os brasileiros na idade certa. Não é possível admitir que as crianças brasileiras com dez anos não dominem o português, a matemática, de forma simples. Mas nós achamos que não é aos dez anos, é aos oito. Portanto, alfabetizar na idade certa é garantir também um processo de formação das capacidades dos nossos jovens e das nossas crianças, e aí nós teremos que investir em educação em tempo integral. Hoje, 50 mil escolas no Brasil têm educação em tempo integral. Mas, sabemos também que a nossa educação em tempo integral tem que buscar, cada vez mais, aperfeiçoamento em ciências, matemática e português, e uma língua estrangeira, principalmente usando o segundo período para maior reforço.

De outro lado, vem o ensino técnico, que nós sabemos e falamos. O acesso a universidade de cada vez maior qualidade e a expansão do Ciência sem Fronteiras, garantindo que brasileiros e brasileiras tenham acesso às instituições mais qualificadas do mundo em ciências exatas, em engenharia, matemática, biologia, ciências médicas, ciência da computação, química, física, enfim, ciências exatas. É esse o caminho da economia do conhecimento. Ele passa por uma grande via, que é a via da educação de qualidade. E um dos gastos fundamentais da educação há de ser a melhoria da remuneração e da formação dos nossos professores. Esse é um caminho que nós teremos que trilhar.

Ele, aqui em Itajubá, mostra como experiências que criam esse ambiente são bem-sucedidas. Por isso, aos trabalhadores da Balteau e a todos aqueles aqui dessa comunidade, da comunidade de Itajubá, que colocaram esse projeto de pé, aos empresários e a todos, parabéns. Aos prefeitos, que tornaram isso possível.

Agora, para finalizar, mãos à obra, pois o Brasil conta com o trabalho de vocês.
Obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de entrega de 1.740 unidades habitacionais dos Residenciais Acácia, Ipê, Pau Brasil e Jequitibá, do Programa Minha Casa Minha Vida II - Vitória da Conquista/BA
Vitória da Conquista-BA, 15 de outubro de 2013**

O Hereda, presidente da Caixa, vai contratar o governador para em todos os lançamentos do Minha Casa, Minha Vida falar tão bem sobre o cuidado que a gente tem de ter com os apartamentos. Então, governador, esteja contratado pelo Hereda.

Bom, eu vou iniciar cumprimentando a Ana dos Santos, a moradora da unidade habitacional da casa que eu visitei, e também a dona Elvira. E, por meio das duas, eu quero cumprimentar cada uma das moradoras, dos moradores e das crianças que vão residir aqui nesses residenciais em Vitória da Conquista. E eu cumprimento com muito carinho porque eu sei que é um momento especial quando a pessoa chega na sua própria casa. A alegria da dona Elvira e de todas as pessoas que me disseram aqui: “Olha, eu vivi de aluguel durante 40 anos, 40 anos eu vivi de aluguel e não via a hora de ter um lugar para mim morar”. Essa alegria é a que nós hoje compartilhamos aqui entre nós.

Queria também cumprimentar o nosso querido governador Jaques Wagner.

Cumprimentar os ministros: Aguinaldo Ribeiro, das Cidades; César Borges e Helena Chagas. César Borges é nosso ministro baiano, como vocês sabem, dos Transportes.

Queria cumprimentar o Guilherme Menezes, esse prefeito que nos recebe hoje aqui com tanto carinho. Esse prefeito que é um grande parceiro junto com o governador Jaques Wagner em todos os programas do governo federal.

Queria também cumprimentar a primeira-dama, a Josete.

Cumprimentar o deputado federal Waldenor Pereira.

Cumprimentar o presidente da Caixa Econômica Federal, que é a pessoa responsável pela execução do Minha Casa, Minha Vida.

Cumprimentar a secretária nacional de Habitação, Inês Magalhães.

Cumprimentar o presidente da Câmara Municipal, o Fernando Jacaré.

Cumprimentar o senhor Luiz Carlos Sampaio de Carvalho. O empresário, diretor da Cubo Engenharia Ltda, que é o empresário responsável pela obra.

E cumprimentar também o outro empresário, diretor da Gráfico Empreendimentos, que é o Carlos Henrique Passos.

Um cumprimento especial e muito caloroso para o Idelzito Rocha, representante da coordenação do Movimento Unificado da Associação dos Moradores.

Quero saudar os agricultores assentados da reforma agrária, dos movimentos dos trabalhadores rurais sem terra de Vitória da Conquista.

Cumprimentar também os jornalistas, as jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Eu quero dizer para vocês que eu como presidenta estou muito feliz de estar aqui em Vitória da Conquista. Sempre que eu olho para o nome Vitória da Conquista, eu acredito que as pessoas que nascem aqui, que moram aqui, são pessoas que têm uma grande vantagem na vida. Uma cidade com esse nome, um nome para cima: vitória e conquista.

São dois nomes muito fortes, dois nomes que devem inspirar o Brasil porque tem uma imensa vontade de conquistar e de ser vitorioso. É o que o Brasil precisa. O Brasil precisa desse espírito de vitória, e não aquele espírito de derrota ou aquele espírito que olha para o copo e fica discutindo se ele está meio cheio ou meio vazio.

Então, eu primeiro começo saudando esse nome “Vitória da Conquista”, como sendo um exemplo para o Brasil. As pessoas que começaram aqui, olharam e disseram: “Olha, nós vamos conquistar. Olha, nós vamos ser vitoriosos”.

E eu queria dizer para vocês que também eu me emociono muito quando se trata do lançamento do Minha Casa, Minha Vida. O Minha Casa, Minha Vida é o primeiro programa de grande envergadura, um imenso programa na área da construção de moradias para as pessoas que mais precisam no Brasil. Aquelas que vivem de aluguel, aquelas que são obrigadas a viver com as suas famílias e compartilhar espaços bem reduzidos, aquelas que não têm um cantinho seu. Um país como o nosso tem de perceber que nós podemos e devemos governar para todos quando somos eleitos presidentes. Mas temos de olhar primeiro para aqueles que mais precisam, e olhar para os que mais precisam é perceber que não tinham onde morar, e ter um cantinho de seu é algo precioso. Quem de nós não quer a segurança de ter uma casa sua, onde você crie seus filhos, receba seus amigos, estabeleça suas relações afetivas, tenha vizinhos? E como disse uma moradora, para quem eu entreguei a chave, ela me disse uma coisa muito forte: “Agora eu tenho um endereço, eu tenho um endereço.”

Isso é um valor que constrói um país, que fortalece uma nação. Quando a gente fala em segurança, a primeira segurança básica de cada um de nós é se proteger, é ter onde morar, é saber que ali é o seu lugar, o seu lugar de descanso, de recomposição das suas forças, o lugar para onde e a partir de onde você enfrenta o mundo.

Por isso eu estou muito feliz de estar aqui com vocês. E digo para cada um dos moradores: Meus parabéns! Meus parabéns! Essa casa é um novo começo. Essa moradia é um novo começo para cada uma das famílias, e principalmente para as crianças e para os jovens, que vão ter também todo o conforto de ter um lar. Porque a casa não é concreto armado, não é o vidro, não é o alumínio. A casa é isso, a casa é um lar.

E queria dizer para vocês, acrescentando a lista do Jaques, eu quero acrescentar mais um fator. Como o dinheiro que nós asseguramos, porque a conta não fechava. Se a pessoa ganha até R\$ 1.600, e o apartamento custa até 60 mil, não tem como a pessoa, com R\$ 1.600, pagar essa conta. Então, o governo federal vai e coloca o dinheiro para permitir que vocês possam pagar só com uma parte da sua renda, até 5% do que você ganha. Ninguém pode ser cobrado além de 5%, ninguém. Essa é uma das regras que quero acrescentar ao que o governador falou. Mas tem uma segunda, que eu chamo a regra da dignidade. É que ninguém pode chegar para você e falar assim: Olha, vocês ganharam a casa. Então, me faça esse favor aqui porque eu que ajudei. Não pode falar isso, não. A casa é um direito de vocês que vocês obtêm na relação com a Caixa Econômica. É uma relação como qualquer outra pessoa tem de crédito. Não tem intermediário entre vocês e esse recurso, que como disse bem o governador, é todos os brasileiros. O dinheiro que financia essas casas é o dinheiro dos impostos. Se alguém perguntar: Onde vai o dinheiro dos impostos? Vai para pagar a casa de vocês. Vai para

pagar essa casa. Portanto, é o povo brasileiro que assegura isso. Portanto esse é o dinheiro da dignidade e da cidadania. É um dinheiro de vocês. Vocês estão pagando de outra forma, que não através das prestações, também essa casa.

E queria acrescentar outra coisa. Quando nós lançamos esse plano, lá atrás, foi em 2009. Ele foi lançado no finalzinho de 2009, nós falamos que a gente ia contratar 1 milhão... vamos fazer 1 milhão de moradias. Muita gente disse que a gente não ia conseguir fazer 1 milhão, nem ver. Mas, sobretudo, disseram que esse programa não era um programa para valer. Que ele era um programa que nós não íamos fazer, que tínhamos lançado só para enganar, e portanto que ele não ia dar certo.

Pois bem, nós conseguimos até o final de 2010, no governo do presidente Lula, contratar 1 milhão. Construímos uma parte desse 1 milhão no meu governo. Como a gente já tinha aprendido como é que podia fazer rápido as casas, nós decidimos primeiro que íamos fazer mais 2 milhões no meu governo, quando eu fui eleita presidenta, que a partir de 2011 até 2014 nós íamos fazer 2 milhões. Aí, nós percebemos que conseguiríamos fazer 2,4 milhões. Agora vamos nós vamos fazer 2,750 milhões moradias até o final do ano que vem.

Porque eu estou contando isso? Para dizer para vocês o seguinte: Nós agora temos de olhar duas coisas: Primeira coisa, nós estamos nos esforçando para cumprir essa meta dos 2,750 milhões e acho que agora nós cumprimos sem problema.

Por isso, eu quero anunciar aqui em Vitória da Conquista: nós já estamos pensando em deixar pronta uma nova fase. Porque não basta fazer 2,750 milhões de casas no Brasil do programa Minha Casa, Minha Vida. Nós vamos ter de repetir a dose. Tem de repetir a dose. Quem vier depois de mim tem de repetir a dose. Por isso nós vamos avaliar uma nova quantidade de habitações e vamos colocar a viabilidade dessas habitações bem clara. Eu li no jornal outro dia, esse programa Minha Casa, Minha Vida tem de se esforçar muito para atender o déficit habitacional do Brasil. O que é o déficit habitacional do Brasil? Déficit habitacional do Brasil é a diferença entre a quantidade de casas que a gente precisa construir e as casas que existem.

Pois muito bem, eu quero dizer para vocês que nós temos, o Brasil tem de ter o compromisso de construir essas casas, porque os brasileiros precisam dessas casas, para que nós possamos ser uma nação desenvolvida. Por isso vocês tenham certeza, isso é minha responsabilidade como presidenta da República, dizer para todos vocês: não só é possível enfrentar esse déficit habitacional, como nós temos todas as condições para fazê-lo.

A segunda questão que eu quero dizer para vocês é que hoje é o Dia do Professor, e nós temos que cumprimentar os professores, porque os professores são muito importantes para as nossas crianças e os nossos jovens. E quero dizer mais uma coisa: como esses professores que hoje têm seu dia, eu queria falar para vocês sobre uma coisa que está ligada ao Minha Casa, Minha Vida, em termos de melhoria de vida, que é a educação.

O Brasil, para ter um caminho de crescimento sustentável, seja quando se trata da melhoria de vida das pessoas mais pobres, seja para ser uma economia desenvolvida, precisa da educação. E obviamente, no Dia do Professor, nós temos de comemorar com eles dizendo o seguinte: agora nós passamos uma lei que determina que os royalties do petróleo, os recursos do petróleo do fundo social, metade deles e 75% dos royalties, nós

vamos gastar em educação. Isso é um passaporte para o futuro. Por que é um passaporte para o futuro? Porque nós sabemos que assim como precisamos de casas, nós precisamos também de ter educação de qualidade, creche para as crianças. Eu estou vendo ali muitas crianças. Por que creches para as crianças? Eu antes achava que a gente tinha de ter creche, vocês sabem, porque as mulheres têm de trabalhar, então tem de ter um lugar para colocar seus filhos. Mas não acreditem que é só isso, não, porque não é não. A creche, sabe quem ela beneficia mais? A criança. Está provado que a criança na primeira infância, ela forma a sua capacidade de aprender. E quando ela forma essa capacidade, ela tem de ter acesso ao que há de melhor na educação.

Hoje uma criança de classe média tem estímulos, tem jogos, tem acesso a uma série de atividades, livros, enfim, ela tem acesso a uma quantidade imensa de informação. Uma criança das famílias mais pobres desse país tem de ter a mesma oportunidade, a mesma. Tem de ter oportunidade igual, porque a gente pode ser diferente, cada um de nós nasceu de um jeito, ninguém é igual ao outro, porém um governo tem de olhar se as oportunidades são iguais. As oportunidades têm de ser as mesmas. Um brasileiro e uma brasileira não podem ser selecionados porque a família chama A ou B, ou tem a renda tal. Todos têm de ter a mesma oportunidade. Para isso tem um caminho e uma arma, a educação em tempo integral para todas as nossas crianças, acesso a educação técnica, acesso à pós-graduação, à graduação, à universidade, enfim. O caminho que nós devemos trilhar para tornar esse país um país desenvolvido é a educação.

E eu queria também falar para vocês sobre o Mais Médicos, eu sei que todo mundo aqui, os prefeitos inclusive, sabem que uma das maiores, dos maiores pleitos, das maiores reivindicações em todos os lugares, em todos os municípios, nos bairros, nas vilas, é uma questão: melhor tratamento, melhor assistência, melhor atendimento de saúde. Por isso o governo fez o programa Mais Médicos. Eu queria também aproveitar e dizer para vocês: nós temos meta nesse programa. A nossa meta é chegarmos a ter 12 mil médicos no Brasil até... mais 12 mil médicos até março, abril de 2014. Primeiro são médicos brasileiros, formados aqui no Brasil que nós selecionamos. Não tendo esses médicos, nós traremos médicos de outros países. Muita gente vai falar para mim: "mas isso é um absurdo". Muita gente, não. Hoje é pouca gente. Até porque as pesquisas apontam que 70% da população apoia o Mais Médicos.

E eu queria contar para vocês uma coisa: Vejam bem, os países mais desenvolvidos do mundo, aqueles mais ricos como os Estados Unidos, o Canadá, a Inglaterra, a Austrália, a participação dos médicos formados fora desses países, nesses países varia entre 22% dos médicos até 35% dos médicos. Então, de cada 100 médicos que estão trabalhando, entre 22% e 35% são formados fora daqueles países. Sabe quantos são formados fora do Brasil? 1,78%. Por isso que não tem nenhum problema em fazer isso, quando não tem número de médicos suficientes. Porque leva tempo para formá-los. Você traz médicos, quando você consegue formar, você diminui a quantidade de médicos estrangeiros que você traz.

Então, é essa ideia. É a mesma ideia do Minha Casa, Minha Vida. Nós temos de tratar aquilo que nós mais precisamos. E aquilo que nós mais precisamos é aquilo o que o povo mais precisa. O povo precisa de moradia, então tem de ter moradia. O povo precisa de médico, então tem de ter médico. Agora, nós todos temos de ter uma obsessão. O que é

uma obsessão? Uma ideia fixa. Sem educação de qualidade, nós não damos um salto. Precisamos da educação de qualidade para dar um salto. Que salto? Salto para um país desenvolvido. E o que é um país desenvolvido? Um país desenvolvido não é um país em que o PIB cresce, em que você meça a qualidade de vida das pessoas pela quantidade de produtos. Um país desenvolvido você mede a qualidade de vida pelo conforto que as pessoas têm, pelo acesso que elas têm à casa própria, pelo emprego que elas conseguem, pela qualidade da saúde que ela recebe, a qualidade da educação que ela recebe. Quando nós tivermos esses índices melhores, quando nós tivermos melhor educação, melhor saúde, melhor atendimento médico, nós seremos uma nação desenvolvida. É óbvio que a gente precisa que a economia, é óbvio que a gente precisa que o PIB cresça. Mas no Brasil nós temos a experiência passada em que o PIB crescia e a renda se concentrava na mão de uns poucos. Nós queremos que o PIB cresça, mas que a renda seja distribuída. Por isso fizemos o Bolsa Família, por isso fazemos o Minha Casa, Minha Vida, por isso vamos fazer o Mais Médicos, e por isso vamos, sem sombra de dúvidas, brigar, lutar, nos empenhar por ter a melhor educação possível para os nossos jovens e para as nossas crianças.

Muito obrigada. E, Vitória da Conquista, o meu abraço.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de anúncio de investimentos do PAC Mobilidade Urbana e assinatura dos contratos de metrô e de corredores – Salvador/BA
Salvador-BA, 15 de outubro de 2013**

Boa tarde a todos, mesmo que a gente não tenha almoçado, viu, Jaques, que agora não tem jeito, são dez para as duas. Então é boa tarde.

Eu queria cumprimentar o meu querido governador da Bahia, meu amigo, meu parceiro a quem eu respeito muito pelo seu espírito republicano, pela sua capacidade de construir consensos.

Queria cumprimentar também os ministros e as ministras: o ministro Aguinaldo Ribeiro, das Cidades, responsável pela mobilidade urbana; o ministro baiano, César Borges, responsável pelos transportes; e a ministra Helena Chagas, da Comunicação Social.

Queria cumprimentar um outro grande parceiro, junto com o Jaques Wagner, que é o vice-governador Otto Alencar.

Cumprimentar também o prefeito de Salvador, que tem sido um excepcional parceiro do governo estadual e do governo federal, o Antônio Carlos Magalhães Neto.

Queria cumprimentar a senadora Lídice da Mata.

Cumprimentar os deputados federais Alice Portugal, Daniel Almeida, José Nunes, José Rocha, Luiz Alberto, Nelson Pellegrino, Valmir Assunção e Waldenor Pereira.

Cumprimentar o Jorge Hereda, presidente da Caixa e executor deste projeto.

Cumprimentar o Márcio Paiva, prefeito de Lauro de Freitas.

Cumprimentar o senhor Renato Alves Vale, presidente do Grupo CCR.

O Harald Peter Zwetkoff, diretor-presidente da CCR Metrô Bahia.

Cumprimentar a minha querida amiga Angela Gutierrez e o senhor Luiz Roberto Ortiz Nascimento, membros do Conselho de Administração da CCR.

Cumprimentar a presidente da União dos Municípios da Bahia, Maria Quitéria e, em nome dela, eu queria também saudar os prefeitos aqui presentes.

Cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Uma obra do porte do metrô de Salvador – nós estamos falando, como disse o ministro das Cidades, numa obra de quase 5 bilhões de reais – ela exige muito aço, muito concreto, trilhos, exige equipamentos e exige os trens, enfim, tudo aquilo que envolve o metrô. Mas ela exige também vontade política, expressa em acordos, consensos políticos e também requer vontade política para estruturar. Porque a vontade política estrutura projetos, ela estrutura como é que nós conseguimos os recursos para fazer tal obra, e por isso requer que essa vontade política priorize os interesses públicos e construa as condições para levar a cabo um projeto dessa envergadura.

Eu acredito que aqui na Bahia se chegou ao momento político no qual essas condições estavam dadas, de um lado porque articulamos uma parceria governo federal, governo estadual. A prefeitura, a partir deste ano, entra com as suas condições e com seus projetos, e ao mesmo tempo se estrutura uma parceria com a iniciativa privada, uma PPP. Eu tenho estado em vários estados da federação. Sexta-feira... sábado eu estive em Porto Alegre lançando, justamente, o metrô de Porto Alegre. O metrô de Porto Alegre está numa fase um pouquinho anterior a esta aqui do metrô da Bahia, que está mais avançado uma vez que deu certo as estruturações e deu certo a engenharia financeira e, sobretudo, a licitação foi muito bem sucedida ganhando a empresa CCR com um deságio de 5%.

Por que eu estou dizendo isso? Aqui nessa obra, o governo federal vai participar com algo em torno de R\$ 2,3 bilhões. E eu acredito que essa obra mostra um novo momento no tratamento da mobilidade urbana do nosso país. Aqui nós temos muitos líderes como o ex-governador César Borges, o ex-governador Waldir Pires, várias pessoas com grande experiência na vida administrativa e política da cidade. Durante muito tempo as condições para essa parceria não estavam dadas porque o governo federal não tinha os recursos suficientes para aportar aqui. Hoje vocês viram o Hereda assinando o papel, e a gente dizendo se o ministro das Cidades não assinar, não tem o OGU. Porque essa obra tem recursos do orçamento da União. A União tira dinheiro do seu orçamento e coloca nessa obra, e ao mesmo tempo a União permite e autoriza que os bancos públicos financiem a obra. Essas duas condições durante muito tempo não existiram. A prefeitura não participava dos projetos complementares que são estratégicos, nem o estado tinha a iniciativa de promover essa junção, até porque é uma novidade, as PPPs no país, a participação pública e privada num processo de concessão. Então as condições, digamos assim, institucionais, não estavam dadas. Mas tinha outra coisa também. Tem aí uma questão de concepção. Durante muito tempo no Brasil o metrô foi obra de poucos ou para poucos, ou era visto como uma obra de país rico. Nós devíamos nos contentar com sistema de ônibus, e ponto. Ora, o que nós verificamos é o seguinte: as cidades cresceram, as pessoas foram morando nas periferias, principalmente, as pessoas mais pobres. E o transporte público, como exigia e exige um volume de reforço significativo, foi sendo relegado. E por que não se fez o metrô? Não se fez metrô porque metrô era coisa de país rico, e o Brasil não sendo, na cabeça dessas pessoas, um país rico, não devia fazer metrô, nós mudamos essa concepção. Metrô é coisa de país continental com grandes cidades espalhadas por todo o país, e Salvador é uma grande cidade, e,

portanto, essas cidades exigem uma estrutura de transporte público urbano sem a qual os processos e os problemas vão se somando, se agregando e as cidades se transformam num caos urbano.

Nós temos consciência de que é necessário, sim, fazer metrô nas cidades mais populosas do nosso país. Por isso, na nossa visão de mobilidade urbana, nós temos um centro: metrô para essas grandes cidades. Por que é que eu começo com metrô? Porque a obra urbana, trilho é uma obra fundamental, seja ela metrô ou VLT ou seja o que for. Trilho é um transporte que não é interrompido facilmente. Ele anda num determinado... como o nome diz, num trilho e, portanto, a interrupção não é possível e isso permite reduzir o tempo das pessoas no transporte urbano, porque é disso que se trata: tirar essa perda de tempo que as pessoas têm, quando elas levam quatro horas da sua casa até o centro de uma grande cidade, quando elas perdem o tempo que elas podiam compartilhar com a sua filha, com o seu filho, com o seu neto, o tempo de lazer, o tempo de descanso, enfim, o tempo de desfrutar a alegria da vida. A mobilidade urbana é a garantia de que o tempo... que nós olharemos o tempo das pessoas como algo extremamente vantajoso, valoroso, necessário de ser preservado. Essa é a primeira questão do transporte público.

A segunda é que nós olharemos também as condições em que as pessoas são transportadas, se elas são transportadas com qualidade, segurança, rapidez e conforto. E tem uma terceira, que nós temos de olhar a questão da modicidade tarifária, ou seja, se as pessoas estão pagando adequadamente, se elas não estão pagando a mais, sobretudo a mais, porque dificilmente as pessoas pagam a menos.

O que vem acontecendo no Brasil é que nós temos de ter uma concepção de transporte urbano de massa. Primeiro, o metrô em grandes cidades é fundamental, e essa discussão se é transporte de rico ou não é uma discussão que nós devemos jogar no lixo da história passada deste país.

A segunda questão é que todas as modalidades de transporte, sejam os corredores de ônibus, sejam os VLTs, seja o monotrilho porque tem cidade que usa monotrilho, seja a barca porque têm cidades que usam barca, todas essas modalidades têm de ser integradas. Por isso que eu achei muito bom a apresentação aqui mostrando a integração do ponto de vista dos diferentes tipos de transporte, mas também uma outra questão fundamental, que é uma cidade sempre ela é um campo em que as desigualdades sociais aparecem. Geralmente tem uma parte da cidade que não fala com a outra, geralmente é a parte mais pobre. Então, fazer transporte transversal que permita que todos os bairros, que todas as regiões sejam acessíveis é fundamental para o transporte urbano.

Finalmente, eu queria falar sobre a tarifa. Por que é que se integra transporte? Porque tem de buscar sempre chegar naquele momento em que as condições para implantar o bilhete único ocorreram, e o bilhete único significa poupar, do ponto de vista financeiro, do ponto de vista do dinheiro, aqueles que moram mais longe, têm de tomar mais e diferentes tipos de transporte, mais transportes e diferentes tipos, poupá-los de terem um pagamento excessivo.

Essa é a nossa ideia da mobilidade urbana. É nisso que nós estamos empregando R\$ 89,6 bilhões, R\$ 90 bilhões, e que agora passamos à segunda etapa, acrescentando mais R\$ 50 bilhões no Pacto da Mobilidade Urbana.

Eu falei aqui das grandes cidades, mas nós temos projetos para as cidades, como é o caso aqui dessa integração Salvador-Lauro de Freitas, integração de populações da grande... das regiões metropolitanas e também das médias e das pequenas cidades. Chegamos, de um lado, ao metrô, de outro lado, o governo federal para os municípios com menos de 50 mil habitantes tem entregado um kit chamado... aqui no Nordeste é o kit anti-seca, porque nós demos para os prefeitos, estamos em processo de doação, algumas já chegaram, cinco tipos de máquinas: uma retroescavadeira, uma motoniveladora, um caminhão-caçamba, um caminhão-pipa e uma pá carregadeira. Para esses municípios que... no Brasil inteiro são quase 90% dos municípios com população até 50 mil habitantes, nós temos... eu vou dizer uma palavra, um orgulho de estar entregando, através de doação, esses equipamentos que têm um valor de mercado aproximado de 1 milhão e 500 mil reais. Esses equipamentos são, sobretudo, para garantir mobilidade dentro de municípios com menos habitantes. Geralmente esses municípios têm uma quantidade de quilômetros de estrada muito grande, e eles também precisam ter mobilidade. Não só a mobilidade do transporte das pessoas, mas, por essas estradas desses municípios passam ônibus escolares, passa a ambulância, passa a safra também.

Eu estou também muito feliz de estar aqui entregando esses projetos e me comprometendo, já contratando essas obras. Eu queria destacar que, além dessa linha, do complemento da Linha 1, mais a Linha 2 do metrô, que vai ligar a Rota do Abacaxi a Lauro de Freitas, passando pelo aeroporto, e que eu quero crer que cada centavo dos R\$ 2,3 bilhões que o governo federal autorizou nessa obra, eu tenho absoluta certeza que cada um dos centavos vale a pena, vale a pena porque é a população de uma das... – da primeira capital do Brasil, não é? – da primeira capital do Brasil que está usufruindo disso. Eu quero dizer que nós também vamos oferecer aqui os soteropolitanos mais duas... eu queria destacar duas ações. A primeira é com a prefeitura de Salvador, que nós vamos realizar obras para melhorar o transporte coletivo aqui na região metropolitana, implantando, não é, prefeito, o BRT Lapa-Iguatemi. São 13 quilômetros bem na região populosa, necessária para o transporte e vamos aportar 600 milhões, uma parte com o dinheiro do Orçamento da União e outra parte assegurando o financiamento.

A outra, a outra obra também que eu queria destacar é com o governo da Bahia, é a implantação do VLT metropolitano, que é Comércio, Calçada, Paripe e São Luís, Jaques Wagner, e a construção também do BRT Águas Claras-Paripe. Eu estou falando dessas três ações porque elas três são extremamente complementares. Eu acho que é, de fato, um momento histórico. Eu acredito que os projetos... ele me chamou de fada madrinha o governador. Eu acho que a vara de condão é ele e o prefeito, porque a vara de condão é o trabalho braçal, viu, gente, é o trabalho braçal que é necessário para se fazer esses projetos, porque é aquela história, a vara de condão era aquela que se batia, assim, plim, e aparecia. Esse é o tipo de projeto que não é assim de jeito nenhum. Você tem de brigar todo dia, olhar todo dia, resolver problema todo dia. É por isso que eu atribuí aos dois a varinha de condão, não é, eles trabalharão no sentido de garantir...

E, finalmente, a Alice me deu uma ideia. Ela disse que, nesse caso, a gente podia saudar, nesse caso nós podemos saudar os conterrâneos e os subterrâneos, porque os subterrâneos é o metrô. Só fazendo esse aparte aqui.

E, finalmente, eu queria dizer a vocês que vocês podem ter muito orgulho, muito orgulho porque o projeto do metrô e das obras aqui são consistentes, são de alta qualidade, o caminho está traçado, a empresa parceira é uma empresa experiente, e eu acredito que nós, finalmente, pegamos a pá, fomos lá, subterraneamente, desenterramos a cabeça do jegue, e tenho certeza que, de agora em diante, ninguém vai olhar para ninguém e falar: “Xi, o metrô da Bahia, xi.” Eu também escutei várias vezes. Eu tenho certeza que agora nós vamos falar assim: “Ah, o metrô da Bahia é um exemplo”.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, no lançamento do Plano Brasil Agroecológico durante a 2ª Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – Brasília/DF

Centro de Eventos Brasil XXI - Brasília-DF, 17 de outubro de 2013

Boa tarde a todos. Muito boa tarde.

Primeiro eu queria saudar os organizadores, queria saudar os organizadores desta Conferência, principalmente porque não é sempre que se vê... aliás, é uma realização inovadora e fantástica no Brasil: ter uma conferência paritária de gênero. Uma conferência na qual 50% dos participantes são mulheres. Quando a gente conquista uma transformação como essa, nós temos de sempre sublinhar, se manifestar e dizer, sobretudo, que isso é um avanço para o país. Então, eu queria me congratular com os organizadores de uma conferência que nasce de baixo para cima e tem essa presença de mulheres. Primeiro, as mulheres estão de parabéns, porque se assumiram como sujeito, e depois os nossos companheiros homens, que assumiram como parceiros.

Queria cumprimentar também a conferência pelo fato dela mostrar que é importante ter uma participação de jovens. Obviamente o Brasil tem que ser representado com todas as faixas etárias, mas é muito importante que os jovens participem.

E aí, eu queria continuar dizendo que eu vou quebrar o protocolo e dizer, principalmente, vou saudar primeiro o nosso Zumbi, o Elson Borges dos Santos. Por quê? Porque ele representa a subcomissão temática de produção orgânica e mostrou uma perfeita qualidade na sua exposição a respeito da importância da agroecologia e dos alimentos orgânicos.

Quero cumprimentar também a Maria Verônica, a Maria Verônica, nossa representante do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste. A Maria Verônica, que mostrou que a agroecologia é, de fato, um compromisso com alimentos saudáveis, sobretudo é um compromisso com a vida. Então, cumprimento a Maria Verônica. E cumprimento a cada um dos homens e das mulheres que aqui estão participando.

Vou saudar os ministros aqui presentes: o Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário; o Gilberto Carvalho, da Secretaria-Geral; o Luiz Alberto Figueiredo, embaixador do Ministério das Relações Exteriores e um dos grandes organizadores da Rio+20 junto com a ministra Izabella Teixeira, do Meio Ambiente; o ministro Antônio Andrade, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Manoel Dias, do Trabalho e Emprego; e a Tereza, a Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Queria também cumprimentar as senhoras e os senhores senadores aqui presentes: a senadora Angela Portela e o senador Wellington Dias.

Queria dirigir um cumprimento muito especial à deputada, à nossa querida companheira Luci Choinacki, presidente da Frente Nacional da Agroecologia e Produção Orgânica.

Cumprimentar aqui os deputados e as deputadas presentes, que sempre nos ajudam nessas questões: Alessandro Molon, Jesus Rodrigues, Jô Moraes, José Geraldo, Paulo Teixeira, o Paulão, o Valmir Assunção.

Queria também cumprimentar a Francisca Cristina do Nascimento. Eu cumprimento a Francisca Cristina do Nascimento porque esse programa Água para Todos, ele tem uma grande parceria com a ASA. Então, eu dirijo um cumprimento especial a ela. Nós, nesse programa Água para Todos, temos um compromisso com a construção de cisternas para consumo humano e as cisternas de produção, essas 60 mil que foram mostradas pelo Pepe. E a ASA tem sido uma das nossas melhores parcerias na questão das cisternas.

Queria cumprimentar e agradecer ao Osmar Dias, vice-presidente do Banco do Brasil. Eu cumprimento todas as empresas que são parceiras do Brasil Agroecológico, cumprimentando ele, e o cumprimento também pela execução do programa Agricultura de Baixo Carbono, o programa ABC, que é executado pelo Banco do Brasil.

Cumprimento os senhores integrantes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável.

Queria cumprimentar aqui aqueles três representantes dos Ministérios que são essenciais para nós, que a gente tem que cumprimentar os funcionários dos Ministérios que nos ajudam a fazer, junto com vocês, o programa de Agroecologia. Eu cumprimento a todos esses funcionários. Mas cumprimento aqui, em especial, saudando a eles, o Selvino Heck, o Rogério Pereira Dias e o Valter Bianchini, que muito contribuíram para o lançamento do Brasil Agroecológico.

Queria cumprimentar tanto as mulheres quanto os homens da Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, e também todos os companheiros que estão na Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica.

Queria agradecer e falar que são muito bons os nossos companheiros que participaram do filme da NBR, que estão aqui sentados, ali na frente: a Inês Silva, a Marinalva, o Belarmino e o Eusébio. São artistas de vocês, saídos do meio de vocês e que nos ajudaram a transmitir essa mensagem. Obrigada... eles são da Paraíba. Muito obrigada.

Queria cumprimentar os jornalistas, os fotógrafos, as jornalistas, as fotógrafas e os cinegrafistas.

Queria avisar para vocês que tem um problema comigo: eu não enxergo de longe com acuidade, então... dá trabalhadeira vocês botarem cartazes e eu aqui tentando ler. Aperto o olho e não consigo ler. Então, não adianta, eu não estou lendo. Queremos... Está certo. Eu aguardo depois que alguém me passe a mensagem. Eu tenho de explicar isso: eu não enxergo de longe bem. Obrigada. Principalmente quando é pequenininho, viu, gente? Se for pequenininho, aí é que eu não enxergo mesmo. Agora eu entendi. Obrigada.

Queridas e queridos amigos aqui presentes.

Queria dizer para vocês que esta 2ª Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário, ela, não só pelo fato de ter paridade de gênero e a presença de jovens, mas ela é um espaço muito importante no nosso país. O nosso país tem dado

passos significativos na construção de um padrão de desenvolvimento sustentável, e acho que esse momento hoje é um momento especial. Em todo o mundo, e aqui o Zumbi mostrou isso, em todo o mundo, há uma coisa que acontece: a consciência cada vez maior da importância da agroecologia, da agricultura orgânica e do acesso e da proteção, não só dos alimentos, mas também da água. Isso é uma consciência crescente no Planeta. Tem a ver também com aquela consciência que nós encontramos na Rio+20, que levou a gente a construir aquela frase: é possível, é possível um país crescer. É possível que esse país que cresce distribua renda e inclua, e é possível que esse país que cresce, distribua renda e inclua, ele seja um país que conserva e protege o meio ambiente. E agora eu vou acrescentar... eu vou pedir licença e acrescentar mais uma palavra: e é possível produzir com qualidade alimentos orgânicos da agroecologia. É possível isso.

Eu acredito que, além disso, há aqui uma pluralidade de participantes, pluralidade de compreensões, pluralidade de visões entre os participantes desta Conferência, o que é muito importante. Aqui tem agricultores familiares, assentados da reforma agrária, camponeses, extrativistas, aquicultores... porque tem uma senhora ali preocupadíssima... Isso, pescadores, aquicultores, que criam peixe também, não só os que pescam, mas os que criam... sim, mas aí nós estamos num outro patamar. Ele me chamou a atenção que tem deficientes, e eles representam também uma visão de mundo e uma necessidade de participar, não só desta, mas de todas as áreas, de todas. Até porque nós defendemos o programa Viver sem Limites. Mas tem povos indígenas, pescadores artesanais, quilombolas, povos e comunidades tradicionais, mulheres, eu já disse, jovens, representantes do poder público e da sociedade dos 26 estados e do Distrito Federal.

Eu queria dizer para vocês... ribeirinhos! Agradeço... eu quero primeiro agradecer o empenho e a participação de todos vocês, porque todos vocês têm um objetivo construtivo aqui, que é uma outra característica desta Conferência, um objetivo construtivo. Qual é o objetivo construtivo? É discutir o futuro do Brasil rural e o seu papel no desenvolvimento nacional. Aliás, lembrando uma história dos ribeirinhos, que foi falado ali atrás, numa das conferências eu achei muito interessante a definição que um companheiro ribeirinho lá do Amazonas deu de conferência. Esse companheiro ribeirinho do Amazonas, perguntado o que era uma conferência, ele foi muito claro na resposta. Ele disse: uma conferência é para conferir se tudo está nos conformes. Não há uma definição mais perfeita de uma conferência. Esta, além de conferir se tudo está nos conformes, vai olhar o futuro do Brasil na área rural, na produção de alimentos e no acesso à água.

Então, eu saúdo a todos nós que fomos capazes de construir, o governo de um lado, os movimentos todos participaram construindo esta Conferência e esse Plano de Agroecologia. Ele é perfeito? Ele não é perfeito, não. Se ele fosse perfeito, ele não era produto nosso. Como ele é nosso produto, nós temos que olhar ele com muito carinho e aperfeiçoá-lo sistematicamente. Ele nasce muito bom, porque ele nasce fruto da participação de todos vocês, mas nós vamos ter que aperfeiçoá-lo sempre. E eu falo isso porque, muitas vezes, as pessoas acham que as coisas nascem prontas. Nem nós nascemos prontos, nós vamos evoluindo ao longo da vida, e também um plano, produto nosso, vai ser assim.

Eu queria dizer que nós temos que dar os parabéns ao fato de que se não fosse a consciência de cada um aqui, se não fosse a elevação dessa consciência na

compreensão, nós não teríamos sido capazes de elaborar esse plano. Então, esse plano é fruto também de um avanço no Brasil. E ontem foi o Dia Mundial da Alimentação, que também marcou a criação da FAO, a Organização das Nações Unidas para os Alimentos. Então, é muito significativo que hoje nós estejamos aqui lançando esse plano a milhares de mãos, para não dizer milhões de mãos.

Bom, então eu queria dizer para vocês que nós temos que avançar aqui no trabalho de conscientização sobre a alimentação saudável. Eu estava vendo que aqui nós temos muitos produtores, mas também nós temos para os consumidores, aquelas pessoas que vão atrás das feirinhas de produtos agroecológicos para comprar esses produtos. E essas pessoas são o suporte, também, desse plano de agroecologia. Então, falar da consciência é falar que nós somos aqueles que, ao invés de dividir, temos que incluir. Nós temos que trazer as pessoas para essa consciência e não separá-las de nós.

Há dois anos eu tive, e tenho sempre muito prazer, e honra, e orgulho de participar da Marcha das Margaridas. Lá na Marcha, lá na Marcha das Margaridas, eu assumi o compromisso de lançar a Política Nacional de Agroecologia. Muita gente pode falar assim – você sabe que aparece muita gente para falar – pode falar assim: “Olha, mas levou tanto tempo”. É óbvio que leva o tempo necessário para que todos participem, para que esse Plano não saia da cabeça de três ou quatro pessoas, que resolvem que é desse jeito e que ninguém dá palpite. Então, eu quero dizer que, para mim, é muito significativo que de lá para cá isso tenha sido construído.

Também eu quero dizer que a participação de todos os ministérios – e vocês viram que são todos – vai exigir de nós uma grande capacidade de articulação. Alguns programas estão prontos, outros nós temos que implantar. Os que estão prontos, por exemplo, o Água para Todos está pronto, as cisternas estão já distribuídas. Nós sabemos quem faz, que hora que entrega e como entrega. Não, distribuídas para serem feitas, meus caros. Ah, vocês pensam que é isso? Quem é que é responsável por fazer? Ali estava escrito, vocês não viram: o Bndes. Tinha lá o pessoal que é responsável, distribuídos, quem faz, como faz e em que tempo faz. Porque depois é a distribuição das cisternas. Ou seja, é feito um processo junto com toda a comunidade. Agora a parte – vocês podem saber, essa é a parte mais fácil – a parte difícil é saber quem faz, quem vai lá e constrói uma, coloca ela lá de pé. Tem outras partes que nós temos que implantar. O crédito, tem toda uma tradição, do MDA, com o Banco do Brasil, na liberação do Pronaf. Agora, a assistência técnica é fundamental que seja colocada em prática. Aí, o ministro do MDA e o ministro da Agricultura serão aqueles que vão garantir que isso ocorra.

Por isso, eu quero dizer para vocês que nós vamos olhar este programa para executar os R\$ 8,8 bilhões, R\$ 7 bilhões de crédito e R\$ 1,8 bilhão de programas vários, nós vamos ter todo o empenho na execução. Esse é um compromisso meu com o meu governo e com o povo brasileiro, mas é um compromisso, sobretudo, com vocês e com a Marcha das Margaridas, com quem eu assumi, primeiramente, esse compromisso.

Eu quero dizer para vocês... eu não vou aqui ficar novamente... eles botaram todos os textos aqui do programa. Eu não vou repetir tudo que o Pepe falou. Aliás, o Lula sempre dizia: é difícil falar por último, porque eles falam tudo antes da gente falar, e chega na hora da gente falar, não sobra nada. Mas eu queria dizer para vocês agora, não sobre o que o Pepe expôs, porque eu vou considerar o plano do Pepe... o plano exposto pelo

Pepe, o Plano de Agroecologia. Eu vou falar para vocês de alguns pontos. Eu acho fundamental a gente... alguns pontos só... vou pegar alguns pontos do Plano que eu acho estratégicos. Eu considero importantíssima a assistência técnica porque nós temos... nós temos que assegurar duas coisas: que a assistência técnica difunda o conhecimento que nós temos sobre agroecologia; segunda coisa, fundamental para garantir uma produção agroecológica é a qualidade dos insumos. É outra questão que é fundamental. E uma terceira questão: essa rede de ensino e pesquisa de agroecologia, que difunda e amplie o conhecimento. Acho que o crédito é a quarta questão, e eu quero dizer para vocês, a quinta é a demanda que o PAA tenha o foco na questão da agroecologia.

Outro dia perguntaram... sempre que possível, obviamente, porque onde não tiver produto e nós tivermos que comprar, aí vai comprar os produtos existentes porque a gente tem que dar sustentação para o PAA. E eu quero acrescentar aqui uma coisa. Outra dia me perguntaram, e também não entendi por quê, mas, nessa época do ano tem, agora, algumas perguntas estranhas, se o PAA ia continuar. Eu quero dizer para vocês que nós não pretendemos só continuar o PAA, como ampliá-lo. O que não é... Eu agradeço as palmas, mas isso não é novidade, porque o PAA vem sendo ampliado sistematicamente, ano a ano, ano a ano.

E, mais, por que o PAA é importante? Sabe por que o PAA é importante? Porque nós, o Brasil, fomos capazes de construir tecnologias de inclusão. Vou dar alguns exemplos de tecnologia de inclusão. O primeiro é o PAA. O PAA é uma tecnologia de inclusão tão importante como qualquer outra tecnologia. Através do PAA nós somos capazes de garantir a demanda para o pequeno produtor rural deste país, para sustentar a pequena produção, para sustentar a produção do pequeno agricultor, do assentado, enfim, de todas as populações, do quilombola, de todas as populações que têm necessidade de ter o acesso ao mercado, e que se não tiver acesso ao mercado, ela tende a desaparecer. O PAA é uma das nossas melhores e maiores tecnologias de inclusão no meio rural. Nós garantimos a demanda.

Hoje, uma das formas de a gente priorizar a agroecologia é colocar para o PAA uma previsão de compra de produtos orgânicos. Isso significa tecnologia de inclusão e de direcionamento para aquelas melhores práticas. A gente sabe que a agricultura orgânica é uma das melhores práticas, e é isso que nós fazemos. Assim como o Bolsa Família é uma tecnologia de inclusão, porque o Bolsa Família implica, primeiro, em perceber que nós temos que dar a renda para a mulher, para a mulher, porque a mulher é que cuida dos filhos. Nós temos um cartão, isso tira o intermediário que podia capitalizar o Bolsa Família como sendo algo que alguém deveria agradecer a uma pessoa, e não ao conjunto do país, porque o dinheiro do Bolsa Família é dinheiro de imposto, portanto, dinheiro de todo mundo, e não de uma pessoa.

Enfim, eu quero dizer, então, que o PAA fica. Tudo isso que eu estou falando é para dizer que se expande sistematicamente. Nessas épocas do ano tem sempre essas perguntas estranhas. Peço a vocês que vejam que isso não é... isso é um absurdo. Bom, além disso, eu queria dizer para vocês uma coisa: esse Programa, esse programa nosso, esse plano nosso, de agroecologia e agricultura orgânica, ele também tem um primo, o primo é a agricultura de baixo carbono. Por que o Plano de Agricultura de Baixo Carbono é importante? Porque ele está baseado em algumas características fundamentais. Ele está

baseado na rotação lavoura-pecuária-floresta, está baseado no plantio direto, por exemplo, sobre palha, está baseado na fixação do nitrogênio no solo, está baseado em todas as práticas sustentáveis de agricultura. E esse Plano, chamado Agricultura de Baixo Carbono, que é primo do Brasil Agroecológico, ele é um Plano que está em andamento. Nós financiamos, nessa safra de 2013/2014, mais de R\$ 4,5 bilhões para esse plano ABC, através lá do Banco do Brasil. Por isso, eu queria falar isso para vocês, porque é importante que a gente tenha conhecimento que isso está ocorrendo em nosso país.

E eu queria também dizer para vocês uma outra questão: está aqui a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira. A ministra Izabella Teixeira iniciou aquilo que está previsto no Código Florestal, que é o Cadastro Ambiental Rural. Ela está tornando disponível para todos os estados da Federação um sistema de cadastramento e regularização ambiental das propriedades agrícolas. Então, até o final do ano ele vai estar disponível em tudo quanto é estado. E nós estamos, com esse cadastro, mostrando isto também: que é possível ter uma produção rural compatível com o meio ambiente. É isso que nós queremos, isso que nós queremos. Aquele ali eu enxergo, viu? Quilombola. Aquele eu enxergo. Fizeram maior, aí eu enxerguei, está ótimo.

Bom, e finalmente, gente, eu quero dizer que nessa equação que nós queremos estruturar aqui, que é a parte do crescer, incluir... crescer, distribuir renda, incluir, proteger e conservar, nós queremos também essa ação, e como toda ação, ela é extremamente... ela tem que ser uma ação forte, uma ação assertiva, uma ação que faz sim, nós queremos também uma produção agroecológica. Todo mundo quer criar seus filhos, quer alimentar seus netos com a melhor alimentação possível. Por isso, os consumidores são também aliados dos produtores. Isso eu acho que é uma consciência que nós temos que ter: o grande aliado do produtor de agricultura orgânica é o consumidor cada vez mais consciente.

E, finalmente, eu quero tratar de um assunto que o Pepe falou no final do discurso dele. Eu quero informar a vocês que o ministro Pepe Vargas e seu Ministério assumiram comigo o compromisso de ter 100 decretos – ele tem um pouco mais, mas ele vai assumir um pouco menos, porque... sim, ele tem um pouco mais de decretos, mas pode dar problema em um e em outro, você pode estar no meio do decreto e, naquele decreto, dar um problema. Mas, então, ele assumiu 100 decretos líquidos, ou seja, 100 decretos já vendo os eventuais problemas que possam ocorrer. Cem decretos de desapropriação até dezembro. Ele, o ministro, tem um mérito, o ministro tem um mérito: o ministro avançou no método de fazer decreto de desapropriação. Ele não explicou aqui, não, mas tinha que ter explicado. Hoje, ele faz o decreto de desapropriação já garantindo a sustentabilidade. E outra coisa, é que há condição da pessoa que receber a terra, da família, se sustentar com aquela terra. Essa avaliação produtiva é a inovação do ministro Pepe. É que hoje se exige isso, porque, muitas vezes, decreto de desapropriação no nosso país, que se assentou famílias em lugares que as famílias não tinham como se sustentar. Nós sabemos disso. Então, eu considero que o ministro está fazendo um grande esforço para melhorar a qualidade do decreto. Essa é uma questão que não só eu apoio, mas é uma questão que eu exijo, porque nós não temos o direito de colocar pessoas, famílias, vivendo em um lugar onde elas não têm de onde tirar sua renda.

Finalmente, eu vou falar agora, aqui, a respeito da minha palavra empenhada. Eu, quando assumo um compromisso, eu cumpro. E eu tenho muito orgulho disso, principalmente com as minhas Margaridas. Quero dizer, Margaridas, hoje, nós todas aqui estamos em um momento especial. Nós todas, porque vocês participaram disso de forma extremamente ativa. Nós cumprimos um compromisso que nós assumimos conosco e com todo o povo brasileiro. E eu queria dizer para vocês: nós vamos seguir trabalhando juntos, cada um com a sua visão, por uma agricultura mais sustentável, por uma vida mais saudável, por um campo onde as pessoas gerem renda e emprego, possam criar seus filhos e onde os jovens podem se manter.

Por isso, eu quero dizer a vocês... Ô, gente, R\$ 7 bilhões de crédito rural e ele está me pedindo crédito rural? Ah, creche rural? Também concordo com creche rural. Mas aqui, vocês peçam isso no próximo programa, está bom? Peçam isso, porque tem creche, é bom vocês saberem. Tem seis mil creches. O governo está fazendo seis mil creches. As creches estão sendo distribuídas. Nos municípios tem creches. Então, se vocês querem creches, têm que dizer para quem, onde e quando. Onde e quando. E creche, creche não é um lugar em que você guarda criança, creche é outra coisa, creche é o seguinte: Antes, nós do Movimento de Mulheres – porque eu já fui do Movimento de Mulheres – a gente achava que creche era lugar para você deixar criança. Creche não é isso não, creche é outra coisa. Creche é uma instituição fundamental de educação. Por que é que ela é uma instituição fundamental de educação? Porque ela ataca a raiz da desigualdade. Onde está a raiz da desigualdade? Está no fato de que uma criança de família de classe média, média média ou média alta, tem tudo quanto é estímulo que você pensar: ela tem acesso a jogos, ela tem acesso a livros, ela tem acesso a estímulos pedagógicos, ela aprende a apertar o botão do 1, do 2, do 5, ela sabe... ela tem acesso a várias coisas.

O que é uma creche para o meu governo? Uma creche, para o meu governo, é um lugar em que se dá, para as crianças deste país, a mesma oportunidade. Mas que oportunidade? A gente forma as crianças, principalmente das famílias mais pobres, com o padrão mais rico que tiver. Por que isso? Porque está provado pela neurociência, que as crianças adquirem, as crianças adquirem a capacidade de aprender, que elas vão ter ao longo de toda a vida delas, até... aliás, não é até, nos primeiros anos da infância. Por isso que a creche é uma coisa que não é simplesmente dar o dinheiro e a pessoa resolve fazer uma creche. Tem que ter professor de boa qualidade, tem que ter tecnologia de padrão, e ela é, sobretudo, um ataque à raiz da desigualdade.

Porque a desigualdade é a seguinte: nós todos somos diferentes, eu sou diferente dele e ele é diferente de mim, cada um é de um jeito. Agora, as nossas oportunidades devem ser as mesmas. É isso que nós temos que garantir com a creche. Por isso, creche é algo que se discute com padrão, eu quero padrão de creche, não é creche para largar criança, não é para isso. Creche é para a criança. A gente, mãe, usufrui disso, mas a creche é primeiro para a criança e, depois, para as mães. Muito cuidado quando a gente tratar de creche.

Por isso, eu queria dizer para vocês uma coisa: nós vamos aperfeiçoar esse Plano Agroecológico. Esse Plano Agroecológico diz respeito à alimentação, ao acesso à água e o incentivo nosso, absoluto, à produção orgânica. Os planos relativos às questões de educação no campo, os planos relativos à creche, os planos relativos à saúde, porque a gente podia estar aqui discutindo Mais Médicos para população do campo, porque lá não

tem médico. Ontem nós aprovamos o Mais Médicos. E eu quero dizer para vocês onde vai ter médico, vai ter no campo. Eu asseguro a vocês que vai ter médico no campo.

Por isso vamos seguir trabalhando juntos, vamos lutar por uma agricultura sustentável, vamos lutar por uma vida saudável e garantir que esse projeto seja uma conquista e uma vitória nossa.

Muito obrigada.

Pronunciamento da Presidenta da República em rede nacional sobre o leilão do Campo de Libra 21 de outubro de 2013

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

No dia de hoje o Brasil deu um grande passo: começou a se tornar realidade a exploração em larga escala do nosso pré-sal. E passamos a garantir, para o futuro, uma massa de recursos jamais imaginada para a educação e para a saúde em nosso país.

A fabulosa riqueza que jazia nas profundezas dos nossos mares, agora descoberta, começa a despertar. Desperta trazendo mais recursos, mais emprego, mais tecnologia, mais soberania e, sobretudo, mais futuro para o Brasil e para todos os brasileiros e brasileiras.

O sucesso do leilão do Campo de Libra – que é o primeiro mega campo do pré-sal a ser licitado em regime de partilha – vai permitir uma parceria da Petrobras com as empresas Shell, Total, e as chinesas CNOOC e CNPC. São empresas grandes e fortes que vão poder explorar, nos próximos 35 anos, um montante de óleo recuperável estimado entre 8 a 12 bilhões de barris de petróleo e 120 bilhões de metros cúbicos de gás natural.

Só para vocês terem uma ideia do que isso significa, basta lembrar que a produção total do Brasil, em 2013, deverá ficar próxima de 2 milhões e 100 mil barris de petróleo diários, enquanto o Campo de Libra vai alcançar, no seu pico de produção, 1 milhão e 400 mil barris de óleo por dia. Ou seja, daqui a uma década, Libra pode representar, sozinha, 67% de toda produção atual de petróleo do Brasil.

Porém, ainda há números mais impressionantes e importantes para os brasileiros. Por favor, prestem bem atenção ao que vou explicar agora. Nos próximos 35 anos Libra pagará os seguintes valores ao Estado brasileiro: primeiro, R\$ 270 bilhões em royalties; segundo, R\$ 736 bilhões a título de excedente em óleo sob o regime de partilha; terceiro, R\$ 15 bilhões, pagos como bônus de assinatura do contrato. Isso alcança um fabuloso montante de mais de R\$ 1 trilhão. Repito: mais de R\$ 1 trilhão.

Por força da lei que aprovamos no Congresso Nacional, grande parte destes recursos será aplicada em educação e saúde. Isso por que todo o dinheiro dos royalties e metade do excedente em óleo que integra o Fundo Social, no valor de R\$ 736 bilhões, serão investidos, exclusivamente, 75% em educação e 25% em saúde.

Mas não param por aí os benefícios sociais diretos de Libra. Porque o restante dos rendimentos do Fundo Social, no valor de R\$ 368 bilhões, será aplicado, obrigatoriamente, no combate à pobreza e em projetos de desenvolvimento da cultura, do esporte, da ciência e tecnologia, do meio ambiente, e da mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

Minhas amigas e meus amigos,

Bastaria a aplicação correta destes recursos para Libra produzir, nos próximos anos, uma pequena revolução, benéfica e transformadora, em nosso país. Mas há ainda muitos outros benefícios que este mega campo irá trazer. A política que traçamos exige que as plataformas para a produção de petróleo do pré-sal tenham elevado conteúdo de fabricação nacional.

Somente para a exploração de Libra serão necessárias entre 12 a 18 super-plataformas. Além delas, todos os outros equipamentos de produção, como os gasodutos, as linhas de produção, os barcos de apoio, os equipamentos submarinos serão também fabricados no Brasil. Isso vai gerar milhões de empregos e contribuir para o desenvolvimento industrial e tecnológico do nosso parque naval e de nossa indústria de fornecedores de equipamentos e de prestadores de serviços, sem esquecer que o volume de óleo produzido vai elevar em muito nossas exportações e, assim, aumentar o saldo de nossa balança comercial.

Queridos brasileiros e queridas brasileiras,

As etapas de viabilização do pré-sal têm acumulado, até agora, grandes vitórias. As etapas futuras vão trazer, sem dúvida, novos desafios. Mas eu tenho certeza que o Brasil responderá à altura.

Além da vitória tecnológica que foi a descoberta, pela Petrobras, destas gigantescas jazidas, o modelo de partilha que nós construímos significa também uma grande conquista para o Brasil. Com ele, estamos garantindo um equilíbrio justo entre os interesses do Estado brasileiro e os lucros da Petrobras e das empresas parceiras. Trata-se de uma parceria onde todos saíam ganhando.

Pelos resultados do leilão, 85% de toda a renda a ser produzida no Campo de Libra vão pertencer ao Estado brasileiro e à Petrobras. Isso é bem diferente de privatização. As empresas privadas parceiras também serão beneficiadas, pois, ao produzir essa riqueza, vão obter lucros significativos, compatíveis com o risco assumido e com os investimentos que estarão realizando no país. Não podia ser diferente. As empresas petroleiras são parceiras que buscam investir no país, gerar empregos e renda e, naturalmente, obter lucros com esses investimentos. O Brasil é – e continuará sendo – um país aberto ao investimento, nacional ou estrangeiro, que respeita contratos e que preserva sua soberania.

Por tudo isso, o leilão de Libra representa um marco na história do Brasil. Seu sucesso vai se repetir, com certeza, nas futuras licitações do pré-sal. Começamos a transformar uma riqueza finita, que é o petróleo, em um tesouro indestrutível, que é a educação de alta qualidade. Estamos transformando o pré-sal no nosso passaporte para uma sociedade futura mais justa e com melhor distribuição de renda.

A batida do martelo do leilão de Libra, hoje, foi também a batida na porta de um grande futuro que se abre para nós, para nossos filhos e para nossos netos.

Que Deus continue abençoando o Brasil! Obrigada e boa noite.

Address by President Dilma Rousseff on the Libra Oil Field Auction

Delivered on Brazilian national radio and television networks

21 October 2013

Dear Brazilians,

Today, Brazil has taken a major step forward: large-scale exploration of the Pre-salt layer is beginning to become a reality. And we have now ensured our future generations will have an unprecedented wealth of resources for education and healthcare in our country.

This tremendous wealth, previously dormant in the depths of our seas, now discovered, begins to awaken. It awakens bringing more resources, more jobs, more technology, more sovereignty, and, above all, a better future for Brazil and all Brazilians.

The success of the auction for the Libra Field - which is the first mega-field of the Pre-salt layer auctioned under the production sharing model - will allow the creation of a partnership between Petrobras, Shell, Total and the Chinese companies CNPC and CNOOC. These are large, strong companies that will now be able to explore an estimated 8 to 12 billion barrels of oil and 120 billion cubic meters of natural gas over the next 35 years.

Just to give you an idea of what this means, Brazil's entire production in 2013 is expected to be close to 2.1 million barrels of oil per day. The Libra field alone will reach, at its peak, 1.4 million barrels of oil per day. In other words, Libra alone has the potential to represent 67 percent of Brazil's oil production.

However, there are even more impressive and important figures for the Brazilian people. Please pay close attention to what I am about to explain. Over the next 35 years, Libra will pay the following amounts to the Brazilian State: first, R\$ 270 billion in royalties; second, R\$ 736 billion of "minimum profit-oil" given for the government to sell under the production sharing model; third, R\$ 15 billion paid as a signing bonus for the contract. This adds up to the tremendous amount of more than R\$ 1 trillion. I repeat: over R\$ 1 trillion.

Under the law we have approved in Congress, most of these proceeds will be invested in education and healthcare. That's because the entire proceeds from royalties and half the minimum profit-oil proceeds will become part of the Social Fund (to the amount of R\$ 736 billion), 75 percent of which will be invested in education and 25 percent in healthcare.

But the direct social benefits of exploring Libra do not stop there. The remaining income from the Social Fund, in the amount of R\$ 368 billion, will be mandatorily invested in the fight against poverty and in development projects in the areas of culture, sports, science and technology, the environment and mitigation of and adaptation to climate change.

My dear friends,

The proper investment of these resources will be enough to allow Libra proceeds to create a small, beneficial and transformative revolution in our country over the next years. But there are still many other benefits that this mega-oilfield will bring us. The policy we outlined requires that the pre-salt oil platforms have a high degree of domestically manufactured infrastructure.

Twelve to eighteen super-platforms will be required for the Libra field alone, and besides these, all other production equipment, such as pipelines, production lines, support boats and subsea equipment will also be manufactured in Brazil. This will generate millions of jobs and contribute to the industrial and technological development of our industrial park and our shipbuilding equipment manufacturing industry, as well as the service providers

that work with them. Not to mention that the volume of oil produced will dramatically raise our exports and thus increase the surplus on our balance of trade.

Dear Brazilians,

The steps for enabling exploration of the Pre-salt have, so far, accumulated great victories. Future steps will undoubtedly bring new challenges; but I'm certain Brazil will rise to the occasion.

Besides the technological victory of the discovery of these giant deposits by Petrobras, the production sharing model also means that we have produced a great achievement for Brazil. With it, we are ensuring a fair balance between the interests of the Brazilian State and the profits of Petrobras and partner companies. It is a partnership where everyone wins.

As a result of the auction, 85 percent of all income to be produced in the Libra field will belong to the Brazilian government and to Petrobras. This is quite different from privatization. The private partner companies will also benefit. The significant profits they will make from the exploration of this resource are consistent with the risk they assume and the investments they are making in our country. And so it should be. The oil companies are partners seeking to invest in our country, generating jobs and income and, of course, profiting from their investments. Brazil is - and will remain to be - a country open to investment, domestic or foreign, which respects contracts and preserves its sovereignty. For all these reasons, the Libra auction represents a milestone in the history of Brazil, and its success will certainly be repeated in future Pre-salt auctions. We have begun to transform a finite source of wealth, which is oil, into a treasure that is indestructible: high-quality education. We are transforming the Pre-salt into our passport to a future society that is fairer and that better distributes its income.

The gavel strike that settled the Libra auction today was also our knock on the door to a great future, a door that is now open for us, our children and our grandchildren.

May God continue to bless Brazil.

Thank you and good night.

Discurso de la Presidenta de la República en la red nacional sobre la subasta del Campo de Libra

Queridas brasileñas y queridos brasileños:

Brasil ha dado hoy un gran paso: ha empezado a hacerse realidad la exploración a gran escala del presal. Y hemos pasado a garantizar para el futuro una masa de recursos jamás imaginada para la educación y la salud en nuestro país.

La fabulosa riqueza que yacía en las profundidades de nuestros mares, ahora descubierta, empieza a despertar. Despierta aportando más recursos, más empleo, más tecnología, más soberanía y, sobre todo, más futuro para Brasil y para todos los brasileños y brasileñas.

El éxito de la subasta del Campo de Libra —que es el primer megacampo del presal que se licita en régimen de participación— va a hacer posible una asociación de Petrobras con las empresas Shell, Total y las chinas CNOOC y CNPC. Son empresas grandes y fuertes, que van a poder explotar, en los próximos 35 años, una cantidad de crudo recuperable

estimado entre 8.000 y 12.000 millones de barriles de petróleo y 120.000 millones de metros cúbicos de gas natural.

Para que ustedes tengan una idea de lo que eso significa, basta recordar que la producción total de Brasil, en 2013, rondará los 2,1 millones de barriles de petróleo diarios, mientras que el Campo de Libra alcanzará, en su pico de producción, 1,4 millones de barriles de petróleo diarios. O sea, de aquí a una década, Libra puede representar, por sí solo, el 67 % de toda la producción actual de petróleo de Brasil.

Sin embargo, hay cifras aún más impresionantes e importantes para los brasileños. Por favor, presten atención a lo que voy a explicar ahora. En los próximos 35 años Libra pagará al Estado brasileño las siguientes cifras: primero, R\$ 270.000 millones en regalías; segundo, R\$ 736.000 millones a título de excedente en crudo bajo el régimen de participación; tercero, R\$ 15.000 millones, pagados como prima de firma del contrato. Eso supone una cifra fabulosa de más de un billón de reales. Repito: más de un billón de reales.

Gracias a la ley que aprobamos en el Congreso Nacional, gran parte de esos recursos será destinada a educación y salud. Eso es debido a que todo el dinero de las regalías y mitad del excedente en crudo que integra el Fondo Social, por valor de R\$ 736.000 millones, serán invertidos exclusivamente en educación (75 %) y en salud (25 %).

Pero los beneficios sociales directos de Libra no terminan ahí. Porque el resto de los rendimientos del Fondo Social, por valor de R\$ 368.000 millones, será destinado, obligatoriamente, al combate a la pobreza y a proyectos de desarrollo de la cultura, el deporte, la ciencia y tecnología, el medioambiente y la mitigación y adaptación a los cambios climáticos.

Queridas amigas y amigos:

Bastaría invertir correctamente esos recursos para que Libra produzca, en los próximos años, una pequeña revolución, benéfica y transformadora, en nuestro país. Pero hay otros beneficios que traerá este megacampo. La política que hemos definido exige que las plataformas para la producción de petróleo del presal sean en buena parte de fabricación nacional.

Solo para la exploración de Libra, serán necesarias entre 12 y 18 súper-plataformas. Además de ellas, todos los demás equipos de producción —como los gasoductos, las líneas de producción, los barcos de apoyo, los equipos submarinos—también se fabricarán en Brasil. Eso generará millones de puestos de trabajo y contribuirá al desarrollo industrial y tecnológico de nuestro parque naval y de nuestra industria de proveedores de equipamientos y de prestadores de servicios, sin olvidar que el volumen de petróleo producido elevará considerablemente nuestras exportaciones y aumentará así el saldo de nuestra balanza comercial.

Queridos brasileños y queridas brasileñas:

En las etapas para hacer una realidad el presal hemos cosechado grandes victorias. Las etapas futuras plantearán, a buen seguro, nuevos retos. Pero estoy segura de que Brasil estará a la altura.

Además de la victoria tecnológica que supuso el descubrimiento, por parte de Petrobras, de esos gigantes yacimientos, el modelo de participación que hemos construido significa también una gran conquista para Brasil. Con él garantizamos un equilibrio justo

entre los intereses del Estado brasileño y los beneficios de Petrobras y de las empresas asociadas. Se trata de una alianza en la que todos saldrán ganando.

Por los resultados de la subasta, el 85% de todo los ingresos que se generará en el Campo de Libra pertenecerá al Estado brasileño y a Petrobras. Eso es algo bien diferente de una privatización. Las empresas privadas aliadas también resultarán beneficiadas, pues, al producir esa riqueza, obtendrán beneficios significativos, compatibles con el riesgo asumido y con las inversiones que realizarán en Brasil. No podía ser de otro modo. Las empresas petroleras son aliadas, que buscan invertir en Brasil, generar empleos e ingresos y, naturalmente, obtener beneficios con esas inversiones. Brasil es —y seguirá siendo— un país abierto a la inversión, nacional y extranjera, que respeta los contratos y que preserva su soberanía.

Por todo eso, la subasta de Libra representa un hito en la historia de Brasil. Su éxito se repetirá, sin duda, en las futuras licitaciones del presal. Hemos comenzado a transformar una riqueza finita, como el petróleo, en un tesoro indestructible, como una educación de alta calidad. Estamos convirtiendo el presal en nuestro pasaporte hacia una sociedad futura más justa y con una mejor distribución del ingreso.

El sonido del martillo de la subasta de Libra, hoy, ha sido también la llamada a la puerta de un gran futuro que se abre para nosotros, para nuestros hijos y para nuestros nietos. ¡Que Dios siga bendiciendo a Brasil! Gracias y buenas noches.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de sanção da Lei que institui o Programa Mais Médicos – Brasília/DF
Palácio do Planalto, 22 de outubro de 2013**

Primeiro eu quero cumprimentar o Juan. Não apenas pelo fato de ele ter sofrido um imenso constrangimento quando chegou ao Brasil, o que, do ponto de vista pessoal e em nome do governo, e eu tenho certeza, do povo brasileiro, eu peço nossas desculpas a ele. Mas também pelo fato de nós estarmos aqui hoje, e eu queria cumprimentar cada um dos médicos e das médicas aqui presentes. Eles representam – eu conversei com eles antes – eles representam muito bem a grande nação latino-americana. Por isso que quando nós nos olhamos, é como se nós víssemos os brasileiros representados em cada um deles, como eu vejo todos os latino-americanos, os argentinos, eu vejo os salvadorenhos, eu vejo os cubanos, eu vejo os venezuelanos, eu vi bolivianos, equatorianos. Então, eu queria saudar, primeiro, esses médicos que vieram de longe para ajudar o Brasil a ter uma política de saúde que levasse esse serviço essencial a todos os brasileiros.

Queria também saudar os médicos brasileiros, e saudar do fundo do coração esses médicos, porque eles representam uma parte generosa e competente do nosso país. Portanto, hoje, nesse momento que eu trago aqui a minha assinatura para sancionar o programa Mais Médicos, eu começo cumprimentando aquele profissional que todas as pessoas, principalmente quando estão fragilizadas por uma doença, elas procuram e que precisam do carinho, da atenção, do atendimento, da mão amiga, do conselho, e esperam por ele.

Eu queria dizer a todos vocês que uma das profissões mais generosas do mundo é a profissão do médico. Essa capacidade de atender, confortar, de dar conselhos e de virar

quase uma pessoa da família quando vive muito perto de nós. A todos vocês, então, que são o centro desse programa Mais Médicos, médicos brasileiros e médicos formados fora do Brasil, médicos de outras partes do mundo, mas médicos latino-americanos também. Queria dizer a todos vocês uma palavra muito simples: muito obrigada.

Cumprimento o nosso querido vice-presidente da República, Michel Temer. O presidente do Senado Federal, senador Renan Calheiros. O presidente da Câmara dos Deputados, deputado Henrique Eduardo Alves.

Queria cumprimentar os ministros de Estado que participaram dessa grande iniciativa e ação que é o programa Mais Médicos. Cumprimentar, primeiro, o ministro Alexandre Padilha e sua equipe. A ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil, que coordenou esse processo que envolve vários ministérios. O ministro Aloizio Mercadante, da Educação.

Queria cumprimentar a ministra Ideli Salvatti, das Relações Institucionais, que deu o seu suporte para o trânsito desse processo no Congresso Nacional.

Cumprimentar também o ministro Celso Amorim, e ao cumprimentá-lo, dirijo meu cumprimento aos comandantes da Aeronáutica, do Exército e da Marinha, que nos ajudaram, e nos ajudaram de forma muito efetiva na implantação desse programa.

Queria cumprimentar o ministro das Relações Exteriores, o ministro Figueiredo, que foi essencial na articulação da vinda dos médicos de fora para o Brasil.

Queria cumprimentar, em nome deles, todo o ministério.

Dirigir um cumprimento ao Tadeu Filippelli, governador em exercício do Distrito Federal. E ao governador do Acre, meu companheiro Tião Viana.

Queria cumprimentar e agradecer os senhores relatores da Medida Provisória 621, senador Mozarildo Cavalcanti e o deputado Rogério Carvalho, que foi o relator também dessa matéria e a quem eu agradeço.

Cumprimentar o deputado Francisco Escórcio e o senador João Alberto Souza, respectivamente, presidente da Comissão e vice-presidente, que analisou a Medida Provisória.

Cumprimentar todos os senadores aqui presentes: José Pimentel, líder do governo no Congresso Nacional; Ana Rita, senadora Ângela Portela, senador Antonio Carlos Valadares, senador Benedito de Lira, senador Eduardo Amorim, senador Eduardo Suplicy, senador Eunício Oliveira, senador Humberto Costa, senador João Ribeiro, senador Jorge Viana, senador Romero Jucá, senador Valdir Raupp, senador Vicentinho Alves e senador Wellington Dias.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores deputados ao cumprimentar o líder do governo na Câmara Federal, o nosso querido Arlindo Chinaglia.

Queria também cumprimentar o prefeito Fortunati, de Porto Alegre.

E cumprimentar o prefeito de Granja, Romeu Aldigueri. E, através, dos dois, eu cumprimento todos os prefeitos que, eu tenho a certeza, são os grandes beneficiários dessa medida do Mais Médicos. Mesmo porque são eles que estão mais próximos à população do nosso país, de Norte a Sul e de Leste a Oeste.

Queria cumprimentar também e agradecer as senhoras e os senhores reitores, a cada um deles, pela sua dedicação, seu apoio para que esse programa se tornasse realidade.

Cumprimentar os secretários estaduais e os secretários municipais de Saúde que serão nossos grandes parceiros, coordenados e liderados pelos prefeitos.

Cumprimentar os nossos jornalistas e as jornalistas, os nossos fotógrafos e os nossos cinegrafistas.

Meus amigos aqui presentes, hoje faz 120 dias que eu me dirigi ao Brasil através de uma rede de televisão para externar os cinco pactos que os governadores de todos os estados, junto com os prefeitos das capitais, junto com as lideranças e a representação dos poderes do Legislativo, do Congresso Nacional e de todos os poderes, juntamente com os movimentos sociais, tínhamos formulado. Eram cinco pactos que nós formulamos. Esses pactos, eles respondiam às demandas dos movimentos de junho, e convergiam com aquilo que o governo considerava que eram as grandes questões que precisavam urgentemente atenção do governo e do país.

Essas propostas, elas tinham a previsão de ações concretas. E eu queria, primeiro, dizer para vocês que nesses exatos quatro meses, o que propomos vem se tornando progressivamente realidade. Isso, para nós, é algo muito importante, porque significa que compromisso assumido tem que ser compromisso cumprido. E eu vou começar fazendo um rápido, muito curto, balanço dos pactos para chegar no pacto da Saúde.

O pacto pela responsabilidade fiscal, e por extensão com a estabilidade macroeconômica, é a mãe dos outros pactos, porque sem isso não há viabilidade para se exercer e se executar os demais pactos. Nesses quatro meses, ficou claro que o compromisso do governo com a robustez macroeconômica os indicadores da nossa economia mostraram que o Brasil passa essa crise com uma situação especial. Nós mantemos a inflação sob controle, o desemprego se encontra em um dos níveis mais baixos, e o orçamento fiscal está completamente sob controle e equilibrado.

Nós propusemos, também, um pacto pela reforma política. Esse pacto pela reforma política, ele visava tornar mais aberta e transparente a atuação de todos os entes políticos - partidos e instituições -, o próprio governo, enfim, todas as instituições. Algumas dessas medidas vêm sendo debatidas dentro do Congresso Nacional. Eu e o governo temos uma convicção de que é uma imposição dos tempos atuais, portanto, é inexorável o aprimoramento de nossas regras de representatividade política, de uso transparente do dinheiro público e de combate à corrupção. Eu vou continuar a defender uma ampla reforma política que aprimore as regras da representação e se faça por meio da mais ampla representação popular. Esse então é o segundo pacto.

Os outros três pactos que eu propus à Nação dizem respeito à qualidade dos serviços públicos. E eu tenho orgulho de dizer hoje que eles estão todos sendo bem encaminhados.

O pacto pela mobilidade urbana, por exemplo, com mais investimentos em transporte coletivo nas grandes e nas médias cidades brasileiras, está avançando. E nos pequenos municípios também. Nós destinamos R\$ 50 bilhões, além dos R\$ 90 bilhões que já tínhamos aplicado, para investir em metrô, para fazer a integração dos diferentes modais, VLT, BRT, quando é o caso, barcas, quando é o caso, transporte fluvial, e também, quando for o caso, as nossas exigências implicam em bilhete único de transporte. Esse pacto está bem encaminhado, e eu acredito que várias cidades já têm acesso aos recursos para melhorar a mobilidade urbana e melhorar o transporte público.

Quanto ao pacto pela Educação, é importante dizer que ontem nós... que ontem, não, que nós aprovamos, uns meses atrás, a lei que destinou 75% dos *royalties* do governo federal

para a Educação, e 25% para a Saúde. Daqui para frente, os *royalties* da área do pré-sal serão destinados integralmente, sejam eles, devidos ao governo federal, ao estado ou aos municípios. E aí é muito importante dizer que daqui para frente – é que aconteceu ontem. Ontem nós licitamos o campo de Libra. Talvez o maior campo de petróleo em processo de exploração do mundo, no momento atual.

Esse campo, ele vai permitir, de fato, os grandes recursos para a Saúde e para a Educação. No caso da Educação, o fundo social do pré-sal destina, para ser distribuído entre as duas áreas, em torno de mais de R\$ 300 bilhões. Isso é algo absolutamente significativo para o Brasil. Mesmo porque é bom lembrar que, com este modelo de partilha, a União, os estados e os municípios ficam com 85% das receitas, se você considerar também a Petrobras. É bom explicar que nesses 85%, 75% são da União, 10% correspondem à parte da Petrobras. Portanto, aqueles que falam em privatização, no mínimo desconhecem essas contas. Além disso, esse valor é importante porque mostra, de fato, que o passaporte para o nosso futuro é transformar essa riqueza perecível, finita, que é o petróleo, numa riqueza infinita, que é dar educação de qualidade para o povo brasileiro.

Eu tenho certeza que esse é um processo vitorioso. O Brasil, ontem, mostrou que sabe o que quer, e mostrou também que foi construído um dos maiores consórcios de empresas para explorar o pré-sal. E é sempre bom lembrar que esse campo de Libra é um dos, se a gente considerar que, este ano de 2013 nós produzimos 2,1 milhões barris/dia, esse campo, no seu pico, reproduzirá 1,4 milhão barris/dia, ou seja, 67% de tudo que nós produzimos hoje.

Então, é uma honra que o Congresso Nacional tenha aprovado e eu tenha sancionado esses recursos para a educação, porque é de fato o recurso do óleo excedente que constitui o maior volume de dinheiro para a Educação. Os *royalties* agregam valor a isso. Entre um e outro, para vocês terem uma ideia, existe uma diferença significativa: enquanto o óleo excedente - porque nós recebemos em excedente em óleo - o óleo tirado de lá, nós temos uma parte dele, nós comercializaremos esse óleo, teremos o acesso à mesma riqueza que as empresas têm, garantindo às empresas um lucro muito significativo. Mas o que eu quero dizer é que mudou o modelo. Antes você recebia um valor fixo, agora você recebe petróleo, e petróleo é petróleo. E nós vamos transformar petróleo em Educação, em livros, em conhecimento. Essa alquimia foi feita e eu agradeço ao Congresso Nacional. Essa alquimia de transformar petróleo em livros, em professores, em mais Educação para o nosso país. Eu agradeço porque ela sempre é feita com vontade política.

Bom, o pacto que nós hoje, que nós hoje, aqui, estamos tornado cada vez mais realidade, é o pacto pela melhoria da qualidade da saúde pública, por meio do aumento, primeiro e prioritariamente, por meio do aumento do número de médicos. Da formação também, como mostrou o ministro Mercadante, de novos profissionais qualificados. Do aumento também da especialização dos nossos médicos, porque hoje uma das coisas que me preocupam muito é que no Brasil faltam pediatras, e quando faltam pediatras, falta atendimento às crianças. Então, é urgente melhorar a formação de médicos especialistas e olhar também aquilo que é a demanda do país.

Eu queria dizer para vocês que nós tornamos, começamos cada vez mais a implantar esse pacto pela saúde pública com o Mais Médicos. Esse programa, que se transformou em lei, que o Congresso Nacional aprovou e que eu sanciono, é um programa que eu considero dos mais importantes do meu governo.

E eu quero manifestar aqui, publicamente, o meu agradecimento à Câmara e ao Senado, que, mais uma vez, demonstraram sua sensibilidade aos grandes problemas nacionais, e também uma capacidade de compartilhar decisões que são cruciais, que são importantes para o país, com o Executivo. Esse pacto, então, expresso no Mais Médicos é também, para mim, uma etapa para a gente continuar combatendo a exclusão, a exclusão que transforma o acesso ao médico numa forma de repartir uma parte, ou segregar uma parte da população, não lhe dando condições de ter acesso ao serviço público essencial.

E também esse programa é o nosso compromisso com o acesso a serviços públicos, no caso da saúde, um serviço público essencial. Nós demos grandes passos no Brasil para reduzir a desigualdade e reduzir a distribuição [concentração] de renda, que era uma distribuição de renda que alijava o nosso povo dos ganhos do desenvolvimento econômico. É fato que desde o início do governo Lula, nós demos passos significativos para reduzir a pobreza e acabar com a miséria no Brasil.

Nesse momento que nós comemoramos dez anos do Bolsa Família, nós podemos dizer que esses passos foram significativos. Todos os cadastrados no nosso Cadastro Único, que levantou todos aqueles que viviam abaixo da linha da pobreza, recebem hoje uma renda suficiente para que a gente afirme que desde 2011 nós tiramos os últimos 22 milhões que ainda estavam na pobreza.

Agora, nós temos certeza que esses 22 milhões, além daqueles outros que nós ainda não atingimos, porque não estão no Cadastro Único, mas todos aqueles que saíram da miséria e da pobreza extrema, têm um desejo. Esse desejo é ter acesso cada vez a melhores serviços, a serviços com mais qualidade, a produtos com mais qualidade, à saúde com mais qualidade, sobretudo ter acesso a médicos. E nós sempre soubemos que quando a gente cria participação e democracia, todo mundo vai exigir mais participação e mais democracia. Quando a gente amplia a inclusão social, as pessoas vão querer mais inclusão social. Por isso que a gente sempre afirmou que o fim da miséria no Brasil é apenas um começo, e é por ser um começo que esse Programa Mais médicos tem tanta importância no meu governo. Todas as pesquisas de opinião, todas as análises técnicas das universidades, mostram que o maior anseio da população brasileira é ter acesso a um atendimento médico, e que esse atendimento médico fosse humano, que o médico pegasse a pessoa, auscultasse, tratasse. E essa reivindicação é a reivindicação que nos vemos por trás do Programa Mais Médicos. O Programa Mais Médicos, assim, é essa compreensão profunda de que o fim da miséria é apenas um começo.

Nós sabemos que devemos atender a todos os brasileiros, mas devemos ter compromisso, sobretudo, com as populações mais pobres e mais fragilizadas do nosso país. E sabemos também – é bom que se diga isso e se reafirme –, como é entranhada e resistente a desigualdade no acesso ao serviço de saúde. Entranhada e resistente. Por isso, é preciso atacá-la com muita energia e absoluta prioridade. E é isso que faz e que exige a determinação e o compromisso que é o que caracteriza o Mais Médicos. Sabe, Padilha, não é coragem, não, é dever. Porque quando é o dever não pode haver nada

entre a gente e o objetivo que seja intransponível. E é isso que nós, hoje, estamos transpondo: essa distância que há, e essa diferença que há no acesso à saúde pública e aos médicos em nosso país.

Nós sabemos que a desigualdade começa, por exemplo, na oferta insuficiente de médicos nas periferias das grandes cidades. Padilha, aqui, relatou vários bairros de Salvador, um dos... o quarto maior estado em população do nosso país. Nós sabemos, também, que aparece nos estados da região Norte e Nordeste – o nosso prefeito de Granja se referiu a isso – aparece nas periferias das cidades, de estados, considerando os demais razoavelmente ricos, como é o caso, lá na prefeitura de Porto Alegre, que o prefeito Fortunati já relatou. E nos municípios do interior, como foi dito aqui pelo prefeito de Granja, nos municípios fronteiriços do nosso país, para as populações indígenas, para os quilombolas, enfim, para todas as populações excluídas do nosso país. Agora, nós queremos que eles tenham médicos. É isso e disso que se trata.

Eu quero dizer para vocês que também é importante lembrar o efeito que a ausência de médicos nos postos de saúde produz nas UPAs, produz nos hospitais, o que significa em aumento de filas, em aumento de custo para o próprio país. Não se trata, pura e simplesmente, de atender à questão da desigualdade, se trata, sobretudo, de atender a desigualdade, mas se trata, também, de estruturar essa grande conquista brasileira que é o Sistema Único de Saúde. Porque o Sistema Único de Saúde é algo que nós conquistamos, e é interessante que tenhamos feito isso justamente quando conquistamos a democracia, não é de graça que isso ocorreu. Então, resolver a questão do Mais Médicos é, de fato, reconhecer a importância do Sistema Único de Saúde e dar a ele cada vez mais força e coluna vertebral de sustentação. Mais médicos nos postos de saúde, mais médicos na atenção básica vai significar sempre menos doença, e é essa a equação política fundamental: mais médicos, menos doença.

E eu queria dizer para vocês que o Mais Médicos veio efetivamente para mudar esse quadro de distribuição desigual do acesso ao médico. Nós pretendemos que em torno de 1,3 mil médicos... nós pretendemos, não, nós afirmamos que cerca de 1,3 mil médicos já estão nos postos de saúde. No fim deste mês é que nós pretendemos atingir 3,5 mil profissionais, o que vai implicar no atendimento a mais 12 milhões de brasileiros. E isso é o começo. Nós vamos aumentar mês a mês este número. Até o final do ano, a nossa meta é atender 23 milhões de brasileiros. E, até abril do ano de 2014, nós pretendemos ter em torno de 13 mil médicos aqui no Brasil, participando do programa, entre médicos brasileiros e médicos formados no exterior. Com isso, nós chegaremos, em abril, a garantir cerca de 46 milhões de brasileiras e brasileiros com atendimento médico de qualidade nos municípios do nosso Brasil afora.

O ministro Mercadante já disse que o Mais Médicos também implica em uma visão da importância dos médicos jovens e das médicas, dos futuros médicos jovens e das futuras médicas jovens serem formados e terem oportunidade de se formar. Eu queria dizer que nós também sabemos que o Mais Médicos é composto de várias, várias ações, entre elas essa de formação de jovens médicos, de ampliação da residência. Mas também nós estamos ampliando a infraestrutura do nosso país. Estamos ampliando a infraestrutura, e tudo isso está sendo feito em parceria com os municípios. Essa infraestrutura, na qual nós estamos investindo quase R\$ 13 bilhões em postos de saúde e equipamentos, nós

estamos construindo em torno de 1,1 mil UPAs 24 horas e 10,6 mil postos de saúde, além dos 11 mil que estão sendo ampliados e reformados.

Eu também queria dizer que o Mais médicos é um reconhecimento à medicina e ao papel do médico, tanto do médico especialista quanto do médico da atenção básica, do médico da saúde da família. E é um pacto, é um pacto não só pela saúde, mas é um pacto que nós estamos fazendo com a classe média, com a classe médica, com os médicos que estão aqui nos ajudando, com os médicos recém-formados deste país, com o Brasil do Norte, com o Brasil do Nordeste, com o Brasil do interior. Sobretudo, esse é um pacto generoso e é um pacto humano, é um pacto em prol da Saúde da população. E, para nós, ele é fruto dessa parceria que hoje nós estamos fazendo com todos os médicos do nosso país, que atuarão nessa área, e com todos os médicos que vieram dos outros países, se formaram em outros países, e que vieram nos ajudar.

Eu queria destacar, para finalizar, o imenso esforço feito pelo Ministério da Saúde, em especial eu queria destacar a figura do ministro Padilha. O ministro Padilha, do lado do governo, enfrentou, de maneira obstinada, uma oposição. Muitas vezes, passou por situações similares à do Juan, e manteve a sua postura firme, uma pessoa que escutou tranquilamente as críticas, soube responder a elas com tranquilidade, demonstrou capacidade de diálogo, e ele não podia fazer isso se não tivesse, também, uma equipe sustentando a sua atuação. E eu queria agradecer à equipe do ministro Padilha em nome do Mozart, pelas – viu, Mozart? – pelas inúmeras horas de reunião, por toda a dedicação da equipe do Ministério da Saúde. E eu queria que todos soubessem aqui o quanto foi importante também a participação da Casa Civil da Presidência da República. Agradeço também à ministra Gleisi.

Enfim, às médicas e aos médicos brasileiros que já participam e aos que vierem a participar do Mais Médicos, sobretudo aqueles recém-formados que, a partir do início do ano, quiserem ter uma experiência fundamental que é essa proximidade com o nosso povo, com o povo brasileiro.

Mais uma vez eu finalizo agradecendo àqueles que vieram de outros países, que não trouxeram as suas famílias, que muitas vezes estão com saudade, estão aqui trabalhando, que demonstram um imenso carinho pelo povo brasileiro. Agradeço a eles. Eles vieram nos ajudar e nos apoiar. Agradeço a cada um e a cada uma. Este país vai ficar eternamente grato a vocês. Talvez essa participação de vocês seja a mais perfeita, a mais completa, não só forma de integração da América Latina e dos outros países, mas também é um atestado de cidadania brasileira.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração das Unidades Municipais de Educação Infantil e contratação de 44 novas unidades - Belo Horizonte/MG
Belo Horizonte - MG, 23 de outubro de 2013**

Primeiro eu queria cumprimentar o Geraldo. Dizer para o Geraldo que é uma maravilha a gente ver uma creche com essa qualidade. E agradecer, Geraldo Tassiano, pela dedicação de todos os trabalhadores que construíram o prédio, que é mais do que um

prédio. Eu estava lendo ali na escada, está escrito assim na escada uma coisa que eu achei muito bonita: “tem escolas que são gaiolas, tem escolas que são pássaros.” Essa escola aqui é uma escola pássaro. Uma escola que tem, até na sua arquitetura, ela induz as crianças a aprender e a aprender a voar. Eu acredito que poucas vezes a gente fica tão satisfeito quando a gente... nesse momento em que a gente visita uma escola com essas características. Aí você sente que o nosso Brasil está mudando mesmo e que essa é uma mudança inexorável, porque ela atinge as crianças. E aí nós temos certeza que, além da gente está construindo o presente, nós estamos construindo o nosso futuro. Por isso, eu queria começar dizendo isso para quem participou desse processo anterior, que é o processo de construção.

E aí eu tenho que cumprimentar aquelas pessoas responsáveis pelo voar.

Queria cumprimentar a diretora Vanessa Moreira; a vice-diretora Ana Flávia e a diretora Devanir Viana, lá da unidade de Minaslândia. E através dessas três mulheres, três professoras, eu quero cumprimentar todas as professoras e os professores, que são servidores públicos que o Brasil tem que valorizar. Uma vez eu li uma pesquisa mostrando os status, os diferentes status que no Brasil, em épocas diferentes, foi atribuído às profissões. E você percebe uma modificação: no início quem eram as pessoas que tinham mais status? Banco do Brasil e depois vinham professores. Uma moça que casasse com um funcionário do Banco do Brasil, estava muito bem casada. E professores também tinham status elevado. E depois isso vai evoluindo, com o passar do tempo, infelizmente, nós tivemos uma redução do status das professoras e dos professores. Por isso essa homenagem é porque é um grande desafio que nós vamos ter de melhorar, não só a remuneração, mas a qualificação dos professores. Mas, sobretudo, fazer com que a sociedade reconheça e dê a eles a importância devida.

Queria cumprimentar o nosso grande parceiro - que aí é o responsável por um projeto desses como é o projeto das UMEIs, as unidades municipais de educação infantil. Acho que eu estou falando a sigla certa, né? - o Márcio Lacerda, por quê? Porque as UMEIs são, como o projeto aqui da prefeitura de Belo Horizonte, um projeto no qual o governo federal tem o orgulho de participar. É um projeto de alta qualidade. Nós, ao visitarmos essa escola, a gente constata isso. Constata isso, não só por conta do prédio, mas constata isso, pelo cuidado com as crianças, pela forma como as salas estão organizadas, como o berçário está organizado. Eu até olhei para aquele berço que vocês adotaram aqui e falei: aquele berço ali, seu eu tiver outro neto, eu vou copiar. É um berço baixinho, do tamanho de um caixote grande, mas uma gracinha de berço, porque se a criança pular dali, ela não cai. Ela pula no chão, não tem consequência nenhuma. E é muito adequado para o tamanho dela. Então, eu já confesso aqui, viu, Márcio, que vou copiar o seu berço. Know how italiano, mas não tem problema, não. Vou copiar um mineiro aqui. Um mineiro que eu vi ali no chão. Gostei muito do berço.

Queria cumprimentar os ministros que me acompanham: o ministro Mercadante, que é o ministro da Educação, responsável, portanto, pelo nosso compromisso com as creches.

Queria cumprimentar o ministro da Agricultura, o mineiro Antônio Andrade.

Queria cumprimentar o Fernando Pimentel, ministro mineiro também, e hoje no Mdic, e ex-prefeito aqui da cidade. Que, como o Marcio disse, também participou desse compromisso generoso com as creches.

Cumprimentar nossa querida ministra Helena Chagas.

O secretário estadual de Desenvolvimento Social, o Cássio Antônio Ferreira Soares.

Cumprimentar os deputados federais: Miguel Correa e Reginaldo Lopes.

Cumprimentar a Sueli Maria Baliza Dias, secretária municipal da Educação, que me acompanhou nessa visita, me deu todos os esclarecimentos. Agradecer a ela por isso.

Mais uma vez cumprimentar o Geraldo Tassiano.

E dizer aos senhores e senhoras jornalistas, também, muito bom dia.

Cumprimentando também os fotógrafos e os cinegrafistas.

Quero dizer a vocês que uma creche, para um país como o Brasil, é isso. É... você consegue sintetizar qual é a sua visão de futuro do país. Se nós apostamos num país que nós queremos ver como uma nação desenvolvida, e não só como um país que a economia cresce e se desenvolve, mas um país em que também cresce junto com a sua economia a sociedade, e cresce, sobretudo, a nação. E aí a gente tem de discutir o que é isso. Isso é, sobretudo, olhar para o que significa algo sustentável em termos de sociedade avançada. O quê é uma sociedade avançada? O quê é um país com uma nação desenvolvida? Para mim é, sobretudo, um país que tem na educação a base fundamental da garantia de duas coisas: um país sem miséria e sem pobreza tem na educação a sua âncora. Um país com desenvolvimento científico, tecnológico e inovação, tem na educação, a sua âncora. Para todos os lugares que você olhar, a educação vai passar a ser condição de desenvolvimento.

Então, vir aqui e ver uma creche com essas características, mostra que tem muita força o que se está fazendo nessa área no Brasil, tem muita perspectiva, tem muito futuro, tem muita garra. Eu acredito nisso por quê? Porque muitas vezes perguntavam assim para gente: de onde vem os recursos? De onde nós vamos tirar o dinheiro para garantir que os professores sejam bem formados e bem remunerados? Porque não é fácil. A prefeitura, se não tiver uma fonte de recurso, não vai conseguir pagar melhor. O estado, se não tiver uma fonte de recurso, não vai conseguir pagar melhor. Nem tampouco a União.

Então, eu fico muito feliz com essa lei aprovada no Congresso. Porque essa lei aprovada no Congresso, ela diz respeito a duas coisas: de onde vem o dinheiro? É a primeira coisa. Então, o dinheiro vem dos royalties. É a coisa mais, vamos dizer assim, se alguém perguntar para vocês, vocês responderão: Vem dos royalties. Não vem só dos royalties, não, viu gente. Vem dos royalties e de uma coisa chata de explicar porque ela é nova, tudo que é novo é chato de explicar, porque tem umas voltinhas, tem uns detalhes. Vem de uma coisa que chama excedente em óleo. Vou explicar para vocês, tentar explicar para vocês o que é, porque também é novo para mim.

O royalty é uma parte que as empresas pagam por extrair petróleo no Brasil. Elas pagam para quem? Pagam para os municípios petrolíferos, pagam para os estados petrolíferos e pagam para União. Até então era assim. Aí veio o pré-sal. Com o pré-sal, nós mudamos a lei. A partir daí os royalties são pagos para um fundo social. Mas não é só royalties que é pago. Agora, o governo federal, e todo o Estado brasileiro - e aí inclui todos os entes federados - recebem um excedente em óleo. Ou seja, quando extrai o petróleo, uma parte fica para o governo, e uma parte fica para as empresas.

Então, nós mudamos. Como nós sabemos que ali tem petróleo. No pré-sal a gente sabe que tem petróleo, muito petróleo, e que é um petróleo de alta qualidade. Portanto, ele é

altamente lucrativo, criou-se um modelo que chama partilha. Partilha do quê? O que eu vou partir? Eu vou partir o óleo. Que antes ficava todo para as empresas, e agora uma parte dele fica para o governo. Que parte? 75% do óleo. 25% fica para as empresas, 75% fica para o Estado brasileiro. Isso que é o leilão de Libra. É essa parte que vai ser... que vai produzir uma receita muito significativa para o país gastar. E aí a lei é clara, e nós todos vamos ter de controlar isso. Todos quem? Nós, cidadãos. O que nós vamos controlar? Que essa receita seja gasta em educação. Pode ser gasta investindo e pagando custeio. Nós vamos ter de - para ter uma educação de qualidade - de gastar dinheiro e botar um bom dinheiro na formação de professores. Não tem como você dar uma boa educação se o professor não tem boa formação. Então, tem de dar boa formação para o professor. E a sociedade tem de reconhecê-lo como importante, porque senão, você não atrai os talentos. Então, para você atrair os talentos, você vai ter de pagar.

Por isso que essa lei é importante. Por isso que isso mudará o país. Para vocês terem uma ideia, só esse campo de Libra, que foi leiloadado segunda-feira, só ele traz uma receita estimada – estimada, porque eu não tenho como saber tudo que vai acontecer durante 35 anos. Eu estimo, dadas as condições do presente. Então, vai ter uma receita estimada de mais de R\$ 1 trilhão nesses 35 anos. Se você dividir, e fazer uma conta bem... aquelas contas de armazém – nada contra o armazém, mas aquela conta simplinha -, você divide esse 1 trilhão por 35, vai dar o quê? Uma coisa em torno de uns 20 bilhões/ano. É esse dinheiro que nós vamos ter de colocar 75% em educação. Fora o que veio antes e fora o que vai vir depois.

Por isso eu estou muito feliz de estar aqui, porque vai ser em creche. E vai ser em creche por quê? Porque creche é crucial para que nós tenhamos educação de qualidade no Brasil. Creche é o primeiro tijolo, que vai sendo construído até a pós-graduação. Mas é aqui que começa a educação. Aqui começa aquele menino que vai virar físico nuclear, aquele outro menino que vai ser um grande pesquisador de química, aquela outra menina que vai ser presidenta da República.

Isso porque uma vez eu estava no aeroporto, na minha campanha eu estava no aeroporto, parou uma menina perto de mim com a mãe, e a menina olhava para mim, mas não falava. A mãe disse: “ela quer te perguntar uma coisa”. Eu falei: O que você quer saber, queridinha? Ela me disse assim: “eu quero saber se mulher pode – bem séria – se mulher pode”. Aí eu levei uns 5 segundos para ficha cair. E eu falei: mulher pode o quê? Ela falou: “ser presidenta”. Eu falei: pode. Então, vai também a menina que vai ser presidenta, ou o menino.

Eu queria, finalizando, dizer uma coisa para vocês: é absolutamente imprescindível que nós, um país com tantas desigualdades, com tantas diversidade de oportunidades, tenhamos a generosidade de perceber que nós sabemos que cada um é diferente do outro, ninguém é igual, e essa talvez seja a coisa mais interessante da vida. Mas sabemos também que é absolutamente uma questão de justiça garantir oportunidades iguais. E as oportunidades iguais começam aqui. Dar às crianças oportunidades iguais é a prova de um país civilizado e de nação desenvolvida. E aí eu volto à questão da nação. Todos nós queremos um país sem pobreza, um país de classe média. Para a gente garantir esse país, ele tem de começar aqui. Por isso eu estou muito feliz e quero dizer

para o Márcio que eu fiquei bastante impressionada com o projeto dele também de PPP. Achei extremamente interessante essa formatação em que todas as atividades que não são educacionais ficam para iniciativa privada, mas as atividades educacionais e a alimentação é função estrita da prefeitura. Acho extremamente criativo esse fato e acho que vai melhorar bastante a gestão. De fato estou falando isso porque acredito que a gente tem de dar, sempre que possível, sublinhar e divulgar o máximo possível, boas práticas. Essa é uma boa prática. Então, eu quero dizer isso porque está sendo filmado pelos repórteres. Queria dizer que considero essa uma forma inteligente de ampliar o escopo das creches.

No mais, o governo federal tem esse compromisso com as 6 mil creches. Tem umas coisas entranhas, que eu sempre estou dizendo que é estranha. De repente, meu compromisso de 6 mil virou 8 mil, não sei muito bem de onde que apareceu os 8 mil. Mas quando aparece... ontem, outro dia eu disse: eu vivo perguntando para os meus botões quem são as fontes do Planalto, além das fontes de água, porque tem uma linda fonte de água. Mas as fontes do Planalto às vezes me intrigam. Porque de repente eu tinha na minha pauta 6 mil. Eu pergunto para mim mesma: Quem foi que aumentou para 8 mil? Eu estou assumindo meu compromisso com 6 mil, e espero que as fontes do Planalto se restrinjam as fontes de água. Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de formatura de alunos do Pronatec - Belo Horizonte/MG
Belo Horizonte-MG, 23 de outubro de 2013**

Boa tarde a todos. Apesar de a gente não ter almoçado, boa tarde.

Eu queria iniciar cumprimentando, aqui, cada uma das moças, das meninas e cada um dos moços e dos meninos que hoje se formam. Muitos são jovens, muitos são adultos. E vejo também que há um equilíbrio de homens e mulheres. Mas eu queria desejar a cada um aqui presente, a cada uma aqui presente, os parabéns meus e do governo. E dizer para vocês que hoje começa um dia novo, mas também, sobretudo, uma jornada nova para cada um de vocês, um caminho novo, uma trajetória que vocês vão construir.

E aí eu vou cumprimentar o Felipe Augusto Melo, que fez aqui o juramento e fez também uma oração, e eu agradeço por essa oração. E também o Brian Batista, orador da turma. E agradeço também a cada um dos empresários que aqui assinaram a carteira de trabalho.

Agora eu também dirijo um cumprimento especial aos professores e às professoras que tornaram esse evento possível. E cumprimento a cada um desses professores e dessas professoras.

Quero também dirigir um cumprimento especial ao prefeito Márcio Lacerda, que nos recebe aqui em Belo Horizonte, e com quem nós inauguramos uma creche e assinamos contratos para outras creches. E, aliás, vou fazer uma pergunta, o Márcio me sugeriu uma pergunta e eu vou fazer essa pergunta, porque me interessa. Quem aqui de vocês hoje, formandos do Pronatec, esteve em uma creche em criança? Levanta o dedo. Da próxima vez, daqui a 15 anos, quando um presidente da República perguntar isso, vocês todos levantarão os dedos, porque é isso que nós queremos no Brasil. Daqui a 15 anos, quando

esse pessoal que está lá na creche for fazer curso de formação profissional, nós teremos concluído esse processo que nós estamos vivendo hoje, que faz com que a educação brasileira seja, cada vez mais, o foco das nossas atenções, o foco da nossa dedicação e o foco da atenção de vocês e da dedicação de vocês.

Queria agora cumprimentar os ministros que vieram comigo para essa formatura: o ministro da Educação, Aloizio Mercadante; o ministro, mineiro, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Antonio Andrade; o ministro Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; e a ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social.

Queria cumprimentar os deputados federais que estão nos acompanhando: Miguel Corrêa, Reginaldo Lopes.

E os deputados estaduais aqui presentes: cumprimentar o Durval Ângelo, o Evair Nogueira, o Leonídio Bouças, o Paulo Guedes, o Paulo Lamac, o Rogério Correia e o Ulysses Gomes.

Um cumprimento muito especial eu vou dirigir à secretária municipal de Educação, que esteve conosco lá na inauguração e na assinatura do convênio de creches, a Sueli Maria Baliza Dias.

E agora eu queria saudar e agradecer os parceiros do Pronatec: o Teodomiro Diniz Camargos, presidente em exercício da Fiemg. Muito obrigada, Teodomiro, pela parceria que nós estabelecemos com o sistema da Fiemg e também com o Senai.

Queria agradecer o professor Hélio Campolina Diniz, reitor da Universidade Federal de Minas Gerais e, portanto, responsável junto com o professor Adriano Borges Cunha, que é o diretor-geral do Colégio Técnico, por essa parceria que a Universidade Federal faz com o Pronatec.

Queria também agradecer o diretor-geral, regional, aliás, do Senac, o Luciano de Assis Fagundes. Nossos agradecimentos, Luciano.

Queria também cumprimentar os formandos que tiveram suas carteiras assinadas: a Brenda, a Brenda Sena, o André Abu Abdala e o Brian Roberto de Oliveira Batista. A todos eles eu queria dizer o seguinte: agora nós temos certeza que a bola está com eles, a bola está com cada um dos formandos. E eu acredito que vocês saberão fazer o gol. O jogo começou e vocês saberão fazer o gol.

Queria também cumprimentar os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Queria também começar pedindo para que se levantem todos os formandos pelo Senai que estão de camisa vermelha, se eu não me engano, e quero que nós todos demos uma salva de palmas para eles. Eu quero agora que o pessoal de azul do Senac se levante, e da mesma forma, vamos aplaudi-los. E, por fim, o pessoal aí de branco do Coltec.

Mais do que eu, vocês sabem o quanto é uma grande conquista a formatura de vocês. Cada passo que vocês deram nessa direção da formação profissional é um passo na construção da vida de vocês, na vida da família de vocês, na vida dos filhos e na vida dos netos daqui a alguns anos. Mas, sobretudo, hoje é um dia de realização para vocês, e um dia de realização também tem que ser um dia de meditação. Muitos de vocês fizeram um curso e agora chegam ao primeiro emprego, como a Brenda. Outros já tinham emprego e estão se aprimorando. E outros vão mudar de profissão e estão se aperfeiçoando

novamente. A cada um de vocês eu quero dizer que vocês encontraram um caminho e começaram a percorrer.

Na vida, a gente encontra várias oportunidades e vários caminhos. E eu quero dizer para vocês que a formação técnica, a formação profissional é um grande caminho. Um grande caminho porque um país como o nosso, para crescer, para se desenvolver, para se transformar em uma nação rica, precisa qualificar tecnicamente seus trabalhadores e trabalhadoras. Mais do que isso: precisa dar importância para eles, porque não existe país desenvolvido sem trabalho técnico qualificado. E vocês tiveram uma oportunidade.

E eu quero dizer para vocês uma coisa: nós vamos continuar fazendo cursos técnicos profissionalizantes. Nós vamos continuar oferecendo uma diversidade de cursos, e vocês têm que olhar isso e ver que terão novas oportunidades, e sempre vocês devem buscar se aperfeiçoar. Primeiro, porque isso é uma conquista para vocês, significa sempre salários melhores, sempre o aperfeiçoamento técnico traz salário melhor, mas também porque vocês são brasileiros, e nós, o Brasil, precisa de formação técnica qualificada, para indústria. E aí eu quero dizer para vocês que o Senac, que o Senai, que formam trabalhadores para a indústria, e o Sistema S, dão os melhores cursos profissionalizantes do Brasil, e muito nos orgulha disso, ser oferecido aqui dos melhores cursos do país. O Senac, também do Sistema S, dá os melhores cursos para a área de serviços, para o setor financeiro, para o setor do comércio varejista, para os supermercados, enfim, para uma área importantíssima para o Brasil. Nós somos um grande mercado, nós precisamos de bons técnicos formados nessa área.

A mesma coisa eu digo do Coltec, que é o Colégio Técnico de uma das melhores universidades do nosso país, a UFMG. Então, eu quero dizer que uma das características do Pronatec é a qualidade, e essa qualidade, ela depende, é óbvio, do Sistema S e do Coltec, mas, sobretudo, ela depende de cada um de vocês. É a garra de vocês, é a determinação de vocês, é a vontade de vocês de ter um outro horizonte na vida e de realizar os sonhos que cada um sonhou que faz essa qualidade desse programa do qual eu muito me orgulho, que é o Pronatec.

Eu estive numa formatura... Já estive aqui em Uberlândia, estive no Rio Grande do Sul, estive no Rio Grande do Norte, estive em vários lugares. Num desses lugares, o orador da turma foi fazer um agradecimento e foi falar para a turma... um agradecimento aos seus colegas, aos seus professores, e falou para a turma o seguinte: Nós somos a “geração pronatequiana”. E eu acho que essa fala dele foi uma fala muito precisa, porque nós não tínhamos uma “geração pronatequiana” no Brasil. Não teve Pronatec no Brasil nessa proporção, até agora, nesse tamanho, até agora.

Nós vamos querer formar oito milhões de brasileiros, e vamos continuar formando. O Brasil não pode parar com isso. Esse programa de formação e capacitação técnica é um programa que eu quero dizer para vocês que veio para ficar, é uma conquista. Por isso, esse rapaz que falou, ele tinha razão, aqui tem uma “geração pronatequiana”, como daqui a 15 anos nós vamos ver uma geração das creches, que se formou com creches, se formou com educação em tempo integral, aqueles meninos pequenos que pegam um *tablet* e com um dedinho vai lá e sabem mais do que eu, por exemplo, que não sou dessa geração. Cada geração avança em relação à outra. E eu quero dizer para vocês que eu espero esse avanço de vocês.

Hoje, hoje é o dia de vocês. Hoje é o dia dos parabéns, é o dia da festa, é o dia da comemoração. Mas, um pedacinho deste dia eu pedia que vocês guardassem para se comprometer com o futuro. Por exemplo, se eu perguntasse aqui: quem é Cruzeiro? Legal para vocês. Quem é Atlético? Agora eu vou perguntar: quem é que torce pelo Brasil? Ah! E é isso que é... cada um de nós tem seu time aqui, tá? Nós... tem o pessoal do Cruzeiro, o pessoal do Atlético. Agora, todos nós torcemos por um time só, um só. Não, pode ser Corinthians, Internacional, do Rio Grande do Sul, pode ser Vasco, no Rio, enfim, pode ser o time que for aqui. Agora, o maior... a maior manifestação foi Brasil, gente, e é isso que nós vamos torcer aqui. Nós torcemos pelo Brasil e essa torcida pelo Brasil é a torcida Pronatec, é a torcida que faz com que nós tenhamos esse compromisso em garantir ensino e capacitação técnicos de qualidade para brasileiros e brasileiras.

Quero dizer para vocês também uma outra coisa. Nesses meses de curso, vocês puderam escolher entre várias profissões, entre várias profissões, e isso significou um avanço para o Brasil. Eu quero dizer por que. Nenhum país do mundo tem um desenvolvimento mais elaborado, oportunidades de trabalho mais bem remuneradas se a gente não forma ou não dá oportunidade. Por isso nós temos de formar e dar oportunidade. Agora, é bom dizer o seguinte. Por exemplo, na Alemanha, onde está localizada uma das melhores e mais sofisticadas indústrias de equipamento, indústrias de equipamentos de precisão, um país que tem uma enorme capacidade de inovação, como é a relação entre ensino técnico e ensino universitário? A relação é a seguinte: o país precisa de mais ensino técnico do que universitário, é um para dez. Isso diminui o ensino universitário? De jeito nenhum. Isso qualifica também o ensino universitário. Mas mostra a relevância que uma formação técnica de qualidade tem em um país. Onde que se faz a diferença? Em todos os processos de trabalho, em todas as áreas de atividade que nós podemos imaginar, o técnico tem um papel muito importante.

Por isso, eu queria dizer para vocês: valorizem o que vocês conquistaram, busquem melhorar cada vez mais. O futuro... e existe futuro na formação técnica profissional. Muitos de vocês vão poder querer ir para a universidade, nada contra, mas para aqueles que optarem para se desenvolver, ou por se desenvolver, numa profissão técnica, eu gostaria de dizer, para cada um de vocês: insistam, teimem, vão lá, busquem nova formação, sempre se preocupem em melhorar. Todos nós, eu, presidenta da República, sou uma pessoa que tenho todos os dias que estudar. Não pensem que é mole, não. Todos os dias eu sou obrigada a aprender, todos os dias eu tenho que estar aberta para aprender. Isso acontece, tem que acontecer com vocês. Não deixem e nunca permitam que vocês acreditem que não haja o que aprender na profissão de vocês.

E, finalmente, eu queria dizer uma coisa para vocês: o Brasil vai dar, cada vez mais, grandes passos no sentido da construção de uma nação desenvolvida, de uma nação onde a Educação seja a grande riqueza que cada um de nós carrega consigo para onde for. Isso vai significar que os governos terão que investir muito em Educação, aprimorando cada vez mais. Por isso aquele menino tinha razão com "geração pronatequiana". Nós teremos que fazer grandes investimentos na Educação.

A boa notícia que eu vou terminar dando para vocês é que esse dinheiro existe, e eu digo para vocês onde esse dinheiro está, porque vocês vão ter que ficar de olho nesse dinheiro. Esse dinheiro é o dinheiro do petróleo. A lei que foi passada no Congresso

atribui à educação os *royalties* do petróleo e os pagamentos que as empresas terão que fazer ao governo brasileiro, ao Estado brasileiro, por conta do petróleo. O nosso cálculo é que nesse campo de Libra seja, em uma estimativa nos próximos 35 anos, R\$ 1 trilhão. Portanto, o Brasil deu passos firmes em direção ao acesso a uma educação de qualidade. Quando tem dinheiro... vocês podem falar para mim assim: “basta ter dinheiro?” Eu vou falar para vocês: não. Tem, além de ter dinheiro, tem que ter vontade política de realizar e de melhorar a educação do país, compromisso com a educação deste país e, sobretudo, compromisso com um grande aplaudido hoje, que é o professor. Por que é que tem que ter compromisso com o professor? Porque educação de qualidade é igual a professor de qualidade. Então, o professor no Brasil terá de ser bem remunerado e terá que ser, além de bem remunerado, bem formado. Para as duas coisas, eu tenho certeza que chegou a hora do Brasil.

Ontem eu disse, lá no Palácio do Planalto, que a gente tinha descoberto uma alquimia. A alquimia, que era transformar qualquer metal em ouro, a nossa não é em ouro que nós queremos transformar. Nós queremos transformar petróleo em conhecimento, petróleo em mais educação, petróleo em professor mais remunerado, e, sobretudo, aqui, neste dia de hoje, petróleo em mais formação profissional, mais formação profissional para os brasileiros e brasileiras deste país.

Assim – e eu, aí, termino –, quando daqui a 15 anos aquele presidente que vai perguntar “quem fez creche?”, perguntar “quem está fazendo um curso de capacitação profissional?” num estádio de futebol, a grande maioria vai levantar a mão.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio do resultado da seleção de saneamento e pavimentação do PAC2 – Brasília/DF

Palácio do Planalto, 24 de outubro de 2013

Queria cumprimentar o nosso querido presidente da Câmara dos Deputados, o deputado Henrique Eduardo Alves.

Cumprimentar as senhoras e senhores ministros aqui presentes cumprimentando o ministro Aguinaldo Ribeiro, das Cidades; e a ministra Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão, responsáveis pela seleção, pela avaliação e pela organização desse programa de saneamento e de pavimentação.

Cumprimentar também a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil.

E agradecer a todos os funcionários desses ministérios que participaram nessa seleção.

Cumprimentar os governadores presentes, o governador Confúcio Moura, de Rondônia; o governador em exercício do Ceará, Domingos Filho; o governador em exercício do Distrito Federal, Tadeu Filippelli.

Cumprimentar os senhores senadores aqui presentes: José Pimentel, líder do governo no Congresso; Benedito de Lira; Ciro Nogueira; Randolfe Rodrigues; Valdir Raupp, Vicentinho Alves.

Cumprimentar as senhoras e os senhores deputados federais cumprimentando nosso líder do governo na Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia.

Queria cumprimentar os senhores prefeitos de capitais: o prefeito Roberto Cláudio Bezerra, de Fortaleza; Zenaldo Coutinho, de Belém; Mauro Mendes Ferreira, de Cuiabá; Luciano Cartaxo, de João Pessoa; Firmino Filho, de Teresina; Carlos Eduardo Alves, de Natal; Alcides Bernal, de Campo Grande.

Um cumprimento todo especial à nossa prefeita de Nova Bandeirantes, a prefeita Solange Souza Kreidloro.

Queria cumprimentar também o presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Hereda e o vice-presidente do Banco do Brasil, Roberto Ricci, parceiros nos projetos de saneamento e de pavimentação do PAC 2.

Cumprimentar os senhores jornalistas e as senhoras jornalistas, os senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Como disse o nosso ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro, essa semana de fato começou com um acontecimento histórico para o Brasil: o bem-sucedido leilão de Libra. Na última segunda-feira o Campo de Libra foi leiloado. O Campo de Libra é um dos maiores campos do pré-sal até então descobertos. É um campo do governo federal, nós, em 2007 ou 2008, contratamos a Petrobras para fazer perfurações neste campo e descobrimos petróleo de alta qualidade. O petróleo, ele é medido por um indicador que se chama API, e esse petróleo é um petróleo de alto valor, quase sem enxofre, com 27º API. E ele faz parte de uma mudança na forma de organizar a questão do acesso ao petróleo no Brasil.

Qual é a modificação? A modificação é muito simples e fácil de ser entendida. O modelo de concessão é um modelo que ele enseja muito risco para você descobrir petróleo. Quando enseja muito risco para descobrir petróleo, o modelo é concessão. Você não sabe onde está o petróleo, você não sabe se tem petróleo e a taxa de sucesso é baixa, em torno de 20%. Aí é modelo de concessão, ou seja, você concede tudo que resultar do achado para quem achar. Esse é um modelo.

Tem um outro modelo, que chama de partilha. Nele nós sabemos que ali tem petróleo, nós conseguimos saber quanto de petróleo que tem, nós conseguimos saber a qualidade do petróleo que tem, e nós conseguimos estimar o que é que vai produzir. Nesse modelo, não é concessão, não é entregue para ninguém tudo o que foi descoberto. Aliás, tem uma outra repartição, a repartição deste modelo do Campo de Libra é o seguinte: 75[%] para o Estado brasileiro, 25[%] para as empresas que vão explorar. Por quê? Porque não tem risco, sabe-se que tem petróleo, não tem taxa de sucesso de 20%. O risco é desse tamanhinho, por isso que se muda o modelo de leilão, não se muda porque alguém acordou de manhã e resolveu mudar. Se muda porque, do ponto de vista econômico, do ponto de vista do interesse nacional, o modelo de partilha, que é o modelo, aliás, que todas as empresas internacionais conhecem, porque ele é praticado em vários países, principalmente quando tem reservas similares a essa, do Campo de Libra, se muda porque não há o menor sentido em tratar do mesmo jeito coisas diferentes.

E, mais, nós sabemos o que esse campo vai gerar em 35 anos. Em torno de R\$ 1 trilhão é o que ficará para a União. Por isso, de fato, foi um sucesso. Além disso, por que foi um sucesso? Porque as maiores empresas do petróleo, que vão arcar com o desenvolvimento desse Campo de Libra estão presentes aqui. Entre as maiores empresas. Por exemplo, as duas chinesas são grandes empresas internacionais de

petróleo. E é bom que se diga no Brasil, para acabar com uma absurda xenofobia, grandes parceiras das empresas internacionais, grandes parceiras. Porque controlam... São as maiores importadoras de petróleo, portanto, controlam os fluxos comerciais de petróleo, e têm muita reserva. Da mesma forma as empresas, as duas empresas privadas que participam desse consórcio são grandes empresas produtoras de petróleo.

Então, quem vem fazer aqui a atividade de extrair o petróleo do Campo de Libra tem competência tecnológica e financeira, tecnológica no que se refere à extração de petróleo em águas profundas, e financeira no que se refere à capacidade de sustentar os imensos investimentos que serão necessários. Agora, uma coisa é importantíssima que se diga: a grande parte, a maioria da receita do Campo de Libra vai ser destinada para o Brasil e os brasileiros. Nós, de fato, com o Campo de Libra, nós vamos dar mais uma contribuição àquilo que foi aprovado no Congresso, que é a destinação dos 75% para educação, e dos 25% para a saúde, dos recursos do petróleo, sejam eles royalties, mas sejam eles, sobretudo o excedente em óleo. Porque nós seremos pagos em petróleo.

Então, tanto como as empresas que querem receber petróleo, o governo federal também quer petróleo, nós seremos pagos em excedente em óleo comercializável pela Petrobras para a nação brasileira, e, portanto, isso será transformado em educação e saúde de qualidade, sobretudo para o nosso o país em educação de alta qualidade. Nós todos sabemos aqui, estamos aqui, governadores e prefeitos e a Presidência da República, e nós sabemos que todas essas prestações de serviços na área de saúde e educação vão exigir novos investimentos. E esses novos investimentos agora têm fonte, por isso que nós podemos falar e dizer que temos passaporte para o futuro, notadamente no que se refere à educação. Nós podemos garantir ao país, a partir desse campo e dos que virão, uma educação de alta qualidade.

Bom, além disso, eu queria dizer para os senhores que para mim também foi um momento excepcional a aprovação do Mais Médicos. Nós – e aí eu agradeço também ao Congresso – nós conseguimos, entre a divulgação do programa e a aprovação da lei, nós fizemos isso em torno de três meses. E isso vai significar um melhor atendimento aos municípios e aos estados no que se refere à saúde do país. Levar médicos para a periferia das grandes cidades, para todo o interior do Brasil, para o Norte e Nordeste, para as regiões de fronteira, para as populações de indígenas, de quilombolas, que não tinham acesso à saúde pública é algo que é um passo a frente na questão da saúde. Nós sempre temos de olhar que os passos à frente, para nós todos, tem de ser sempre um começo. Nós não... Quando nós esgotamos uma etapa, nós temos de começar outra, sempre será assim no que se refere à qualidade dos serviços públicos.

E aqui eu queria me referir, hoje, a essa questão do saneamento, e contar uma história que eu sempre conto. Estávamos ainda sob a égide do Fundo Monetário Internacional, e era 2004 ou 2005, não, tinha de ser 2005, era já depois de junho de 2005, que foi quando eu fui para a Casa Civil da Presidência da República. Pois é, nós lutávamos, dia sim outro também, para aumentar o investimento – não, é, Miriam? – o investimento na área de saneamento. A gente tinha consciência que o Brasil não tinha investimento na área de saneamento, os problemas eram imensos e não tinha, e brigávamos, dia sim e outro também, para conseguir o recurso.

Aí chega um companheiro de governo, que era da área fazendária, e me diz o seguinte: “Hoje eu conversei com o Fundo Monetário e tenho uma ótima notícia”. Perguntei para ele: “Qual é a notícia?” Ele disse pra mim: “Liberamos R\$ 500 milhões para investir em saneamento no Brasil inteiro”. Era essa a realidade, era R\$ 500 milhões para investir em todo o Brasil, não é num município, porque hoje nós investimos R\$ 500 milhões num município. Era em todo o Brasil. Essa era a realidade do saneamento. Por quê? Se o governo federal não tinha dinheiro, se o estado não tinha dinheiro, se o município não tinha dinheiro, era por isso que não tinha projeto, não tinha engenheiro e não se fazia obras.

O que eu acho importante desse processo é que é um processo que, de fato, não pode olhar e nem deve olhar se nós vamos deixar ou não uma obra com grande volume e magnífica na sua aparência. Esgoto não é magnífico na aparência, esgoto tem de estar enterrado no chão e tem de ser bem tratado, bem coletado e, de fato, tem de se traduzir em projetos técnicos de alta qualidade.

Eu acho importante que nesses dois anos e meio, ou um pouco mais, 2 anos e 10 meses agora, nós tenhamos investido R\$ 39 bilhões, e vamos continuar investindo sistematicamente, porque essa... tanto o tratamento de esgoto sanitário como o acesso à água de qualidade, que é o problema do saneamento básico, são duas questões essenciais para o país. Isso impacta na saúde pública, impacta na qualidade de vida nas cidades, impacta na melhoria, inclusive, do acesso da nossa população àquilo que é essencial para vida, que é a água.

Por isso, eu queria dizer aos senhores que esse é um volume expressivo de recursos. E também que o governo federal considera o investimento em pavimentação legítimo. Como disse o Aguinaldo e a prefeita, e o nosso governador, um calçamento de rua não é algo que a gente acha que adorna a cidade. Adorna, mas ele é, sobretudo, um local no qual você garante, primeiro, que as crianças que brincam nesses passeios, nessas calçadas não vão brincar misturadas com esgoto, não vão brincar misturadas com a água da chuva. É fundamental que, ao par da calçada e ao par do asfalto, venha também melhoria das condições urbanas.

O governo federal, então, está fazendo isso para 1.198 municípios. E aí eu queria concordar, também, com a prefeita e dizer: olha, município com menos, com até 50 mil habitantes tem de ser olhado no Brasil, tem de ser olhado porque lá estão mais de 90% dos municípios deste país. E como eu prometi na reunião e no encontro dos novos prefeitos e também na reunião com os prefeitos, que participaram os prefeitos, que tem até 50 mil habitantes, nós temos um olhar para esses prefeitos, um olhar que está expresso que haverá recursos para esses prefeitos nesses programas de pavimentação. Assim como nós liberamos o kit - a motoniveladora, a retroescavadeira e o caminhão-caçamba. E quando o prefeito é do Nordeste, região do semiárido ou região que foi reconhecida como um município que entrou em situação de emergência, agrega-se a esses três uma pá carregadeira e um caminhão-pipa.

Eu acho que esse é um programa fundamental, porque ele dá autonomia para os senhores prefeitos e para as senhoras prefeitas. Autonomia para quê? Autonomia para tratar municípios como esse da prefeita, com 400 quilômetros de extensão de uma ponta à outra. Em todas as reuniões e em todos os eventos que eu participei, que os prefeitos

receberam o seu kit, eu perguntei para o prefeito: “Prefeito, vem cá, qual é a extensão das suas estradas vicinais, se a gente fizer uma estimativa?” Vai de 300, 200, 400, tem até menores, tem 80, mas tem prefeituras que vai a 1000 e 1200, 1500 km lineares de estrada vicinal. Então, eu estou aqui dizendo para vocês que é fundamental para nós, para o governo federal, essa parceria com os prefeitos de cidades até 50 mil habitantes.

Mas temos de reconhecer a importância das metrópoles. O fato de que nas metrópoles deste país se concentram a população deste país, principalmente aquela que vive as condições do que é a questão urbana. Se a questão urbana é mobilidade urbana, mas a questão urbana também é saneamento, é acesso à água, é ter um padrão de vida nas cidades, um padrão de vida mais humano, mais próximo do que as pessoas querem para si mesmas, para as suas famílias, para os seus netos.

Então, hoje, ao trazer os 1087 municípios, nós também temos de saudar os projetos nas capitais deste país, nas cidades grandes e das metrópoles e nas cidades médias.

E com isso eu finalizo dizendo o seguinte. Nós, das 310 propostas, aprovamos... aliás, nós aprovamos 310 propostas, no total de 10 bilhões e 500 milhões, e essas propostas de saneamento vão beneficiar muitos municípios pelo nosso país afora. Nessa seleção, 58% dos recursos de saneamento virão do Orçamento-Geral da União, e como a questão do esgotamento sanitário, ela é crucial, 74% dos recursos para saneamento são para esgotamento sanitário.

Eu queria destacar isso porque o Brasil está muito aquém na questão do saneamento. Fiquei muito feliz com o número apresentado aqui pelo governador, que tira Rondônia dessa situação, elevando o percentual de saneamento para 64... é 64, né, Confúcio? 64.

E aí eu queria finalizar dizendo o seguinte. De fato, o novo neste nosso país é e tem de ser sintetizado assim: o novo é uma visão que o Brasil precisa, simultaneamente, atacar várias áreas, mas tendo um foco. São várias áreas, vai de saneamento até petróleo, vai de médico até pavimento, pavimentação. Mas tem um foco e o foco é que nós temos de garantir qualidade de vida, e isso significa serviços públicos, infraestrutura para nossa população. Nós não fazemos isso olhando a quantidade, que é imensa, 18 plataformas, a quantidade de cimento, tijolo. Nós temos de fazer... ou de aço. Nós temos de fazer isso olhando um indicador: a melhoria de vida da população brasileira.

Por isso que nós temos de assegurar, tanto do saneamento quanto no serviço de saúde, nós temos de assegurar o melhor que pudermos dar e utilizar o recurso deste país rico, deste país que, de fato, foi abençoado por Deus, nós temos de usar esses recursos em prol dessa população.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de anúncio de investimentos do PAC Mobilidade Urbana - São Paulo/SP
São Paulo-SP, 25 de outubro de 2013**

Bom dia a todos, quase boa tarde.

Queria cumprimentar, e dizer do meu orgulho e honra de estar aqui em São Paulo.

Cumprimentar o nosso governador Geraldo Alckmin.

Dirigir um cumprimento todo especial para a minha querida amiga, senhora Lu Alckmin, primeira-dama.

Cumprimentar o presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo, deputado Samuel Moreira e, por intermédio dele, eu saúdo e cumprimento todos os deputados estaduais.

Cumprimentar o ministro Aguinaldo Ribeiro, que me acompanha aqui nessa viagem hoje a São Paulo. O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad. O Senador Eduardo Suplicy.

Cumprimentar aqui os deputados federais, cumprimentando o meu líder no governo na Câmara Federal, Arlindo Chinaglia.

Cumprimentando o deputado Beto Mansur, o deputado Carlos Zarattini, a deputada Janete Pietá, deputado Paulo Maluf, deputado Vicente Cândido e Gilmar Tato. Queria cumprimentá-lo. Ao cumprimentar o Gilmar Tato, eu cumprimento também os secretários municipais da prefeitura e queria aproveitar e cumprimentar todos os secretários estaduais que são parceiros nesse processo.

Cumprimentando os nossos queridos prefeitos aqui da região: Roberto Hamamoto, de Caieiras, Acir dos Santos, de Ferraz de Vasconcelos; Francisco Daniel Celeguim de Moraes, de Franco da Rocha; Sebastião Almeida, de Guarulhos; Mamoru Nakashima, de Itaquaquecetuba; Donisete Braga, de Mauá; o Marco Aurélio Bertaiolli, de Mogi das Cruzes; Saulo Mariz Benevides, de Ribeirão Pires; Gabriel Maranhão, de Rio Grande da Serra; Carlos Grana, de Santo André; Juvenal Rossi, de Várzea Paulista.

E queria cumprimentar o prefeito Luiz Marinho, de São Bernardo do Campo, e presidente do Consórcio ABC. E o Márcio Cavalcanti Pampuri, de Mairiporã.

Cumprimentar as senhoras jornalistas, os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Nós sabemos que tem algumas imagens que são aquelas mais associadas ao Brasil. O Cristo Redentor é uma. Uma forte imagem que chama o Brasil. Outra são as Cataratas de Iguçu. A Floresta Amazônica é outra. Mas tem uma imagem que sempre foi associada ao trabalho, ao desenvolvimento e ao empreendedorismo, que é a imagem de São Paulo com suas largas avenidas, maior cidade do Brasil, da América Latina e quarta do Mundo, como sempre enfatiza o nosso governador. E essa imagem é uma imagem de uma cidade viva, indo e vindo com pessoas e com carros, associada a veículos, enfim, associada ao, eu diria assim, é o símbolo do Brasil dinâmico. Nós não podemos deixar que a essa imagem se associe a imagem das dificuldades de trânsito, dos grandes congestionamentos. Nem podemos aceitar que esse Brasil dinâmico aqui tenha uma perda de tempo na vida de seus habitantes, dado pelo fato que as pessoas gastam esse tempo de forma indevida no transporte de sua casa para o trabalho, de sua casa para os estudos, e dos estudos, do trabalho, das suas atividades de volta a casa.

Hoje, mais uma vez, se unem prefeitos, governador e governo federal para dar conta de cumprir e saudar um déficit, que é histórico, e que vem do fato de o Brasil ter passado um grande tempo sem poder ter uma política de mobilidade coordenada entre os três níveis de governo.

Nos anos 80, nos anos 90, era considerado inadequado fazer metrô, dado o custo elevado do investimento. Essa inadequação estava ligada também ao fato de o Brasil passar por um momento muito difícil, que durou muito tempo. E eu sempre recordo a alegria de um funcionário do governo brasileiro, em 2005, que chegou na minha sala e disse assim: “nós temos R\$ 500 milhões para investir em saneamento em todo o Brasil.”

R\$ 500 milhões... eu sempre falo essa história. É o que a gente coloca em uma obra de uma cidade na área de saneamento. E isso porque naquela época a gente tinha que pedir autorização para o Fundo Monetário [Internacional] para investir em saneamento. Por isso foi tão bom, né, governador, a gente ter pagado a dívida com o Fundo Monetário, que não supervisiona mais as nossas contas.

Hoje, então, nós podemos chegar aqui e anunciar uma parceria que no passado era inconcebível, essa parceria. Uma parceria do governo federal, mais uma, de [R\$] 5,4 bilhões. Essa parceria com esse volume, o significado dela é justamente essa unidade de ação que permite que prefeitos, que permite que a Presidência da República e o governo do estado tenham uma ação coordenada e comum no sentido de atacar um dos mais graves problemas que tem nas nossas das grandes cidades, que é a mobilidade urbana. Reconhecer que isso é um problema não nos desmerece, pelo contrário, mostra que crescentemente as autoridades no nosso país convergiram para um diagnóstico comum. E eu tenho muito orgulho de estar aqui hoje anunciando um determinado tipo de investimento: metrô, trens urbanos, terminais de trens metropolitanos. Por que é que eu tenho essa alegria? Principalmente depois, inclusive, da fala do governador, que evidencia isso. Porque investir em metrô para as nossas cidades é absolutamente essencial, no mínimo por dois motivos, no mínimo. Para não falar dos outros motivos. Primeiro, porque garante um transporte sem interrupção do trânsito, com uma capacidade de escoamento absolutamente diferenciada, rápida, eficiente e segura. Segundo, porque o metrô é o grande eixo de integração de modais em qualquer sistema de transporte do mundo inteiro, principalmente em áreas conurbadas, ou áreas metropolitanas adensadas, como é a Região Metropolitana de São Paulo, a maior região metropolitana do nosso país, da América Latina, e acredito que se somar tudo, nós estaremos num dos primeiros lugares no mundo.

Então, esses investimentos, eles fazem parte de um processo de amadurecimento de todo o nosso país, no sentido de abandonar o complexo de vira-lata, que é aquele que o Nelson Rodrigues se referia quando o pessoal começou a achar que ia perder a Copa do Mundo, aquela que a gente ganhou. Na véspera tinha gente dizendo: "Vão perder, olha lá que vão perder." Esse complexo tem que ser superado no caso dos transportes. E nós hoje reconhecemos – o governo federal, os estados e os municípios – que é estratégico para o país, não só para São Paulo, mas todas as regiões metropolitanas extremamente adensadas que podem vir a se tornar outra São Paulo, é estratégico o investimento em mobilidade urbana baseado no metrô, na integração de modais, BRTs, VLTs, mon trilhos, inclusive usando o transporte fluvial, como é o caso, por exemplo, do Rio e de Pernambuco, Recife.

Por isso, fazer hoje e autorizar a parte do governo federal na expansão da linha 2 do Metrô, viabilizando, entre Vila Prudente e Vila Formosa, viabilizando um investimento juntamente com o governo do estado, para nós é um momento especial e faz parte desse esforço que o governo federal vem fazendo, desde o início de 2011, na qualificação da mobilidade urbana em todo o país. Geralmente essas obras são de alto custo. Obviamente que [R\$] 4 bilhões não é um valor pequeno. São obras de alto custo e por isso elas exigem parceria, exigem ação coordenada. Nós usamos tanto, dependendo da configuração da obra, parte do orçamento geral da União. Ou seja, tiramos o dinheiro do

nosso orçamento, e parte nós financiamos. Houve críticas ao fato de o governo federal financiar essas obras porque ampliava o gasto dos estados e dos municípios. Mas nós, eu quero dizer que nós iremos continuar financiando obras de mobilidade urbana. E é importante que se diga, são financiamentos que viabilizam a obra. O Brasil, para fazer metrô, tem que ter financiamento de 30 anos, que é o que nós damos, com 5 anos de carência e com taxas de juros subsidiadas. Ou seja, a diferença entre essa taxa de juros e o que o mercado cobra, o Tesouro Nacional banca. Juros subsidiados é isso.

Sem esse tipo de financiamento, que pode ser criticado por aí, não sai obra de longo prazo no Brasil, nem obra que exija esse volume de recursos. Daí porque nós temos a decisão política de participar, sim, e junto com esse esforço que os prefeitos botam um pouco, nós botamos outro pouco e o estado bota outro pouco. É essa, justamente, a ideia. E eu quero dizer que também, além dessa obra do metrô, é importante essa outra obra, aliás esse conjunto que é contemplado pelo [R\$] 1,340 bilhão que nós estamos também liberando hoje, que é a expansão da linha 9 para a zona sul de São Paulo; e a implantação da linha 13, que liga a zona leste até o aeroporto; e a modernização de 19 terminais das linhas 7, 10, 11 e 12, e do terminal de Franco da Rocha que vai beneficiar os municípios aqui presentes, e também eu acho que alguns ausentes – que é Ferraz de Vasconcelos, Campo Lindo Paulista, Caieiras, Franco da Rocha, Mauá, Ribeirão Pires, Itaquaquecetuba, São Paulo, Santo André, Mogi, Várzea Paulista e Rio Grande da Serra. Nós já vínhamos investindo, tanto é que se você somar o que nós estamos investindo em São Paulo em mobilidade urbana, nós chegaremos a um valor muito expressivo de [R\$] 21 bilhões. Somando isso que nós estamos anunciando hoje. E é interessante que nós já estivemos aqui anunciando, lá com o prefeito Fernando Haddad, nós anunciamos obras aqui de corredores em São Paulo que vão, justamente, fazem parte desse processo de construção de vários modais e de integração de todos eles. E o objetivo final disso é também a modicidade tarifária, é o bilhete único, é a racionalidade do transporte urbano para quem usa e para quem gasta.

Uma outra coisa que eu considero importante relatar aqui para vocês, é o fato de que nós, antes desses [R\$] 50 bilhões, tínhamos já decidido um investimento em torno de mais de R\$ 90 bilhões. Então, somando no Brasil esses [R\$] 90 [bilhões], que é antes de junho, com mais [R\$] 50 [bilhões], são R\$ 140 bilhões que o Brasil coloca em mobilidade urbana em todo o país.

Para se ter uma ideia, nós estamos construindo, ampliando, recuperando 2.846 km de vias para transporte coletivo urbano. Desses, 578 km, aliás, desculpa, 2.257 km e 578 km se repartem entre metrôs, monotrilhos, trens, e também uma parte para BRTs. Eu acredito que será uma revolução na estrutura de transporte urbano do nosso país.

E aí eu queria dizer que nós, com isso, estamos fazendo um grande esforço. Eu estive já lançando a segunda etapa dos [R\$] 50 bilhões, igual estou fazendo hoje aqui, em Porto Alegre, estivemos em Salvador, agora aqui, ah, estivemos no Rio de Janeiro lançando um trecho também na Baixada Fluminense, terça-feira nós fazemos Curitiba e, na sequência, vamos cumprir, até o fim o ano, esperamos, todas as principais capitais. Isso faz parte do pacto que nós fizemos com os governadores e os prefeitos de capitais, de investir em mobilidade urbana e concluir os cinco pactos.

E eu queria falar aqui, rapidamente, porque eu estou em uma das mais importantes cidades do país, queria dizer para vocês mais ou menos o resultado desses cinco pactos, vou falar de uma forma não muito profunda, mas eu queria dizer o seguinte: primeiro, o primeiro pacto pela estabilidade fiscal e controle da inflação, nós viemos sistematicamente, desde o início do governo, garantindo. Porque não é possível fazer quatro pactos e quebrar a estabilidade fiscal, o controle da inflação e o montante de reservas que nós temos.

O segundo pacto é pela reforma política. Eu continuo sendo uma defensora e uma lutadora pela reforma política com grande participação popular, porque eu acho que isso vai ser muito importante para o país, né. Eu sei que tem vários projetos transitando na Câmara, mas eu acredito que esse seja um tema que nós temos de atacar porque ele é essencial. Mas eu queria me deter mais nos três pactos de serviços, e vou concluir pelo de mobilidade.

Eu queria dizer para vocês que o pacto pela qualidade da saúde pública, nós estamos dando passos decisivos com a aprovação na Câmara Federal e no Senado da República. A semana que passou eu sancionei a lei do Mais Médicos. Quero dizer aos senhores que até o final desse mês serão 3.800 entre médicos brasileiros formados no Brasil e médicos formados no exterior, em torno de 3.800 médicos, o que, pelo cálculo do Ministério da Saúde, vai significar o atendimento de mais 14 milhões de brasileiros. Até o final do ano nós pretendemos elevar essa participação até a metade da meta que nós queremos atingir em abril, que são 13 mil médicos. E, quando chegar abril, nós queremos atingir 46 milhões de brasileiros já assistidos por essa política que leva o médico até onde não tem, que é periferia das grandes cidades, interior do Brasil, as cidades do Norte e do Nordeste, a fronteira e também as cidades médias desse país também. Então, esse é um processo que, para nós, iniciou, está andando adequadamente e pretendemos vê-lo atingido nas nossas metas e nos nossos prazos.

O segundo dos cinco pactos de melhoria da qualidade de serviço é o pacto pela educação, e acho que nós demos grandes passos. O primeiro passo foi aprovar a lei que atribui 75% dos recursos dos royalties de concessão do pré-sal à Educação, e 25% à Saúde. Mas, também, um outro fato que é muito desconhecido ainda, que é a aprovação de metade do fundo social do pré-sal para Educação, e 75[%], 25[%], Educação e Saúde. Por que é que eu falo que é desconhecido? Porque todo mundo sabe o que é que são royalties, o dinheiro do Fundo Social não era usual no Brasil. Por quê? Ele vem do modelo de partilha. E ele vem do fato de que no modelo de partilha nós cobramos pelo fato de explorarem petróleo no Brasil, nós cobramos em petróleo, chamado excedente em óleo, que obviamente é a parte do leão. Ganhar em petróleo é a parte do leão. Por que é que eu falo que é a parte do leão? Porque os modelos são diferentes por um motivo muito simples. Em um modelo, que é o de concessão, você não sabe onde está o petróleo, é provável, possível, uma taxa de sucesso só de 20%, que ele esteja ali, não é garantido, portanto, risco enorme. Portanto, quem achar fica com o que achar. Qual é a grande vantagem de achar? É porque se tiver petróleo, a comercialização dele é de fato extremamente vantajosa quando você considera o custo da exploração.

No modelo de partilha tem uma diferença fundamental: eu sei onde está o petróleo, sei quanto tem lá dentro e sei qual é a qualidade do petróleo. No modelo de concessão eu

não sei qual é grau, ou seja, qual é a qualidade do petróleo. Porque essa qualidade é medida por uma coisa que chama graus API. Um petróleo, por exemplo, que se descobria nas nossas concessões, ele tinha um grau API baixo, era petróleo pesado. Petróleo do Campo de Libra tem 27º API, é considerado petróleo leve e sem enxofre. A troco de quê quem achar fica com tudo? Ora, a troco de que quem achou fomos nós, quem achou foi o Estado brasileiro e que contratou a Petrobras para explorar o seu campo.

Portanto, quando a gente explica que ali é possível que tenha entre 8 a 12 bilhões de barris equivalentes de petróleo, quando a gente diz que no pico pode ter 1,4 milhão de barris/dia, o que é que nós estamos querendo dizer? Ali tem o equivalente a 67% do petróleo. Por isso é que é aceitável para grandes empresas privadas internacionais, como a Shell, a Total, e as duas chinesas, que só uma xenofobia – e toda xenofobia, vocês me desculpem, é burra, não tem xenofobia inteligente. Empresa internacional de petróleo, qualquer uma, sabe o que é que significa uma empresa chinesa. Significa o seguinte: são os maiores importadores de petróleo, portanto, os maiores controladores do fluxo comercial. É de uma extrema tolice considerar e ter prejuízo contra empresa chinesa de petróleo. Uma delas é a 2ª do mundo, a outra deve ser a 4ª. E as duas outras estão entre as grandes empresas internacionais de petróleo que têm todo o interesse em fazer parceria com empresas chinesas. Pensar diferente disso é de uma ingenuidade absurda. Eu prefiro a ingenuidade do que a xenofobia. A ingenuidade tem cura, a xenofobia não.

E mais uma coisa: isso é muito importante para o Brasil, porque nós podemos transformar essa riqueza dada pela partilha em um passaporte para o futuro do Brasil. Nós podemos transformar petróleo em conhecimento, petróleo em educação, petróleo em garantia que o nosso país não será um país rico com uma nação pobre. A única condição para a gente ter um país rico, uma nação rica é a gente usar essa riqueza, que é finita, não é renovável, que é o petróleo, para garantir que as futuras gerações e as atuais tenham acesso à melhor educação que nós pudermos dar, à melhor que nós pudermos dar. É creche, é alfabetização na idade certa, é educação em tempo integral, é educação profissionalizante, é educação superior de qualidade e é acesso também aos melhores centros de formação internacionais para os nossos brasileiros e brasileiras.

E, portanto, esse é o terceiro... o segundo dos pactos de qualificação do serviço público. O terceiro é mobilidade urbana. Por isso que eu fico muito feliz de estar aqui, porque eu acho que tem certos pactos que eles são estratégicos para o país. Esses três são, porque são estratégicos para a qualidade de vida da população. Os outros dois são pré-condições para esses três, né. Tanto a reforma política, quanto mais a gente melhorar as instituições políticas do país, quanto mais nós combatermos a corrupção, quanto mais formos transparentes e éticos, melhor para o país. A mesma coisa no que se refere à estabilidade macroeconômica. Agora, nós temos de dar conta dos três, dos três de serviços públicos.

Nós sabemos que não é responsabilidade desses prefeitos, do governador, não é responsabilidade a situação de investimento em mobilidade urbana. Agora, a acumulada pelo passado, agora é responsabilidade minha, do governador e dos prefeitos, é responsabilidade demonstrar a vontade política de modificar essa situação, de transformar essa realidade, de garantir que a vida das pessoas na cidade seja mais humana, que a situação do transporte público seja com mais segurança, mais qualidade.

Essa é responsabilidade nossa, e nós vamos prestar e temos obrigação de prestar contas disso.

Por isso eu fico muito feliz de estar aqui. Eu escutei do governador todas as parcerias que nós temos em conjunto aqui no estado. E eu queria destacar um ponto que eu acho essencial. É o fato de que muitas das obras aqui anunciadas, elas têm projeto, elas vão ter um começo e uma rapidez maior. Até porque nós sabemos o quanto é difícil. O governador falou lá do prato que achou, né, o prato, o tal do prato. Eu lembro da sapa do Lula, da perereca do Lula. Lá na, lá no... não, não, era no Rio de Janeiro, no Arco Rodoviário do Rio de Janeiro. Nós andamos, todos nós, viu, governador, achando cada coisa que o senhor nem imagina. A gente acha umas plantas que só dão ali, entendeu? Eu acho que isso também é algo que o Brasil vai ter que, cada vez mais, amadurecer. Porque no Brasil, antes, tinha milhões para fiscalizar e poucos para executar.

Eu sempre conto que, quando eu cheguei no Ministério de Minas e Energia, tinha 25 motoristas e 3 engenheiros. Esse era o sinal dos tempos. Eu fiquei muito feliz quando o ministro Mercadante me deu uma informação, me disse que, pela primeira vez, os engenheiros tinham passado os advogados, nada contra os advogados, porque a minha família é cheia de advogado, minha filha, meu genro, etc. Até um dia, talvez, até o Gabriel queira ser. Mas o Brasil precisa de engenheiro. E esse fato de a gente ter muita gente para fiscalizar, com melhor salário, e pouca gente para executar e uma lista... Eu não estou querendo que tenha flexibilidade na fiscalização. O que eu estou querendo é que não tenha absurdos. É fundamental que o Brasil trate a questão dos seus investimentos com seriedade, exigindo critérios, mas também é verdade que não se pode, de jeito nenhum, aceitar que certas coisas sejam obstáculos. Nós viemos aqui para resolver, tanto nós como o governador e os prefeitos. E quando se trata de resolver, o que nós temos é de ter muito diálogo.

Eu agradeço aqui. Quero dizer mais uma vez, governador, que o Brasil também mudou, no fato de nós, hoje, termos condições de estabelecer parcerias que são suprapartidárias. E essas parcerias, elas permitem que a gente execute o trabalho que nos cabe. Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de premiação “As empresas mais admiradas no Brasil” - São Paulo/SP
São Paulo-SP, 28 de outubro de 2013**

Boa noite.

Meu caro Mino Carta, diretor de redação da revista Carta Capital; meu caro Luiz Gonzaga Belluzzo, conselheiro editorial; minha cara Manuela Carta, *publisher* da revista Carta Capital, por intermédio dos quais eu cumprimento todos os colaboradores, todos os funcionários, a diretoria da revista.

Prefeito de São Paulo, Fernando Haddad,

Ministros de Estado que me acompanham: Guido Mantega, da Fazenda; Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Senhor Franklin Martins, ex-ministro da Comunicação Social.

Senadores Aécio Neves, Eduardo Suplicy e Roberto Requião.

Queria cumprimentar o deputado Paulo Teixeira.

As senhoras e senhores representantes de empresas agraciadas e empresários mais admirados do Brasil.

Queria cumprimentar, também, os governadores que se retiraram, mas estavam aqui presentes, Jaques Wagner e Cid Gomes.

Senhoras jornalistas, senhores jornalistas. Senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Boa noite a todos. Eu gostaria de dizer que, para mim, é um prazer participar de mais uma celebração das empresas mais admiradas do Brasil, promovido pela cada vez mais admirável, Mino, Carta Capital. Desde logo eu quero ressaltar o papel fundamental que essa publicação tem desempenhado no debate econômico e na informação de qualidade, ao longo de toda a sua existência. Saúdo a toda a equipe da revista, na pessoa deste extraordinário jornalista, meu amigo Mino Carta, baluarte da imprensa livre e do combate democrático no nosso país. Obrigada, Mino, por tudo que você tem feito, e ainda fará, pelo Brasil.

Gostaria de parabenizar a todos os premiados, as empresas e líderes, pelo sucesso em seus negócios. Eu vou, aqui, pedir a licença dos senhores, mas eu gostaria muito de homenagear as mulheres que receberam os prêmios. Acho que é muito importante que os homens tenham sido premiados. Mas como é muito... foi muito difícil para muitas mulheres chegarem até aqui, eu gostaria de homenageá-las, a todas as que receberam prêmio: a Luiza, a Graça, as outras queridas mulheres que estiveram aqui e que receberam prêmio, o que demonstra que, no país, nós estamos cada vez mais ganhando posições. Parabéns, meninas.

Mas, cumprimentando a todos, eu queria dizer que o desempenho vitorioso de cada um de vocês orgulha o Brasil, orgulha o país, e também mostra porque a nossa economia tem lugar de destaque no mundo, apesar de todas as dificuldades internacionais e das turbulências que ocorreram nos mercados financeiros, nos últimos anos.

Em tempos de crise internacional, conquistar o reconhecimento e a admiração, em um prêmio promovido por uma revista da qualidade de Carta Capital, tem um valor especial e deve ser motivo de orgulho.

Sem sombra de dúvida, e eu acho que esse é um fato inegável, que apesar de todos os problemas, 2013 tem se mostrado um ano bem melhor para a economia brasileira. Tivemos uma aceleração do crescimento na primeira metade do ano, com uma expansão de 3,6% sobre os seis meses anteriores. Foi um dos melhores desempenhos entre as 20 maiores economias do mundo.

Mas há outros e importantes dados indicadores, que reforçam a avaliação positiva que faço. A taxa de desemprego se mantém nos níveis mais baixos da nossa história, com a renda dos trabalhadores retomando a trajetória de alta, ou seja, o nosso mercado interno continua dinâmico e atraente para quem quiser investir.

A inflação, que no início do ano se mostrava alta e incomodava a todos, foi enfrentada sem tréguas. Hoje, o IPCA se mostra bem mais comportado e com um recuo, na taxa acumulada em 12 meses, protegendo a renda da população. Os índices de inadimplência têm mostrado tendência de redução, abrindo espaço para os bancos retomarem a oferta de crédito em níveis mais elevados. Continuamos trabalhando para manter uma situação

fiscal sólida. Nunca é demais lembrar que o Brasil tem, sistematicamente, apresentado um dos melhores desempenhos fiscais do mundo, já ao longo de alguns anos. Enquanto diversas economias têm visto suas dívidas líquidas aumentarem, a nossa cai ano após ano. Mas é sempre bom ressaltar que não descuidamos e que perseguimos, incessantemente, uma boa gestão fiscal.

O cenário externo dá sinais de que se move positivamente, mas a velocidade da melhora da economia mundial – e todos nós vivenciamos isso – e mesmo a estratégia de saída das políticas de estímulo, em especial nos Estados Unidos, trazem ainda incertezas que devem ser permanentemente monitoradas por todos nós. Felizmente nós construímos os instrumentos e os fundamentos necessários para enfrentarmos qualquer eventualidade.

Estamos ainda no início do quarto trimestre de 2013, mas ele se mostra encorajador, com tendência de expansão mais forte, após a natural acomodação do terceiro trimestre.

No plano interno, temos o importante desafio de acelerar ainda mais a expansão dos investimentos. Para isso, estamos colocando o nosso esforço no Programa de Aceleração do Crescimento e, sobretudo, no grande programa de concessões de infraestrutura e energia, que já está sendo implementado e se mostra bem sucedido.

Como todos sabem, o leilão do campo de Libra, realizado na semana passada, foi um sucesso. Foi formado um forte e eficiente consórcio, com a participação da Petrobras e de outras quatro grandes empresas do setor no mundo, capazes de explorar essa enorme riqueza de nossas águas profundas. Competência tecnológica e recursos financeiros são os traços principais desse consórcio.

Com esse leilão, nós demos um grande passo para a exploração do petróleo do pré-sal, usando um novo modelo, o chamado “modelo de partilha”. Libra é um dos maiores campos de petróleo já descobertos até hoje, e lá tem muito, mas muito petróleo, mesmo. São entre oito a doze bilhões de barris de petróleo de excelente qualidade.

Para que se tenha uma ideia da grandiosidade desse campo, toda a reserva de petróleo, toda a reserva provável de petróleo do Brasil, é de pouco mais de 15 bilhões de barris. Então, só em um campo, o de Libra, temos quase todo o petróleo que conseguimos descobrir nos últimos 80 anos. E o modelo de partilha permite que a maior parte deste petróleo, da sua receita, fique com o Brasil.

Por esse novo modelo de partilha, que adotamos na exploração do campo de Libra, o país fica com 75% das receitas derivadas do petróleo, e as empresas com 25%. Como a Petrobras está no consórcio, no consórcio que venceu, e venceu a Petrobras com 40%, 40% de 25[%], na verdade, a Petrobras fica com 10%. Portanto, 10% somados aos 75% que ficam com o Estado brasileiro, ou seja, os estados, os municípios e a União, significa que no país ficam 85% das receitas derivadas do petróleo. E isso é o que ocorre depois de tudo somado.

Daí porque é possível estimar que Libra vai render mais de R\$ 1 trilhão para a nação, nos próximos 35 anos, sem contar os tributos. Vamos transformar toda essa riqueza em Educação, em Saúde, em desenvolvimento e criação de empregos para o povo brasileiro. A exploração de Libra vai mobilizar investimentos da ordem de US\$ 180 bilhões, nos próximos 35 anos – bilhões de dólares. E o efeito multiplicador disso, sem dúvida, é enorme. Toda a cadeia produtiva de petróleo e gás será mobilizada, com a orientação de

uma política industrial que busca aumentar o conteúdo tecnológico e agregação de valor em toda a extensão da nossa indústria.

A nossa exigência de conteúdo nacional para Libra, ao longo dos 35 anos, é de, em média, entre 56 a 59% dos equipamentos que serão usados na produção, e a exigência é que esses equipamentos, esses materiais sejam fabricados aqui no Brasil. Só de plataformas serão necessárias entre 12 e 18 plataformas. Para construir cada uma dessas plataformas, são necessários em torno de cinco mil trabalhadores, durante, aproximadamente, dois anos.

Isso sem contar com o mundo de gente que vai trabalhar nas empresas fornecedoras de materiais, equipamentos e peças. As indústrias de aço, de móveis, de plástico, de alumínio, de tinta, enfim, várias indústrias serão dinamizadas por esse atrativo da indústria de petróleo e gás. As empresas que venceram o leilão de Libra terão de encomendar, por exemplo, barcos de apoio. Estamos falando da construção de, pelo menos, 70 embarcações grandes aqui, no Brasil. Precisamos ainda de sondas de perfuração e em torno de aproximadamente 300 km de gasoduto terão de ser construídos. Para fazer tudo isso, as indústrias vão contratar centenas de milhares de trabalhadores.

Tenho visto pela imprensa, e em várias ocasiões, indagarem por que resolvemos aplicar o modelo de partilha no pré-sal. Eu vou explicar. Primeiro, no pré-sal nós sabemos que tem petróleo, e, no caso de Libra, sabemos até onde ele está e se deposita. Segundo, sabemos também a quantidade. Está comprovado que o pré-sal é uma das maiores reservas de óleo do mundo, e Libra, como eu disse antes, tem muito petróleo. Terceiro, sabemos mais, sabemos que esse petróleo é de muito boa qualidade: 27o API, muito acima da média do óleo normalmente encontrado em nosso país, que fica ali em torno de uns 12, 14 e, se a gente rezar muito, uns 16. Resumindo e concluindo: tem petróleo, sabemos onde está o petróleo, tem muito e é de boa qualidade. Daí decorre a quarta e principal razão: trata-se de uma área de baixo risco e, portanto, de muita receita monetária.

Essas quatro razões explicam o novo modelo de partilha para o pré-sal. Nele, a maior parte, a maior parte da receita do petróleo fica com o Estado brasileiro – União, estados federados e municípios – e, também, com a Petrobras, portanto, fica com o povo brasileiro.

Quando não se sabe onde está o petróleo, nem quanto de petróleo há, o modelo adotado é outro, é o modelo de concessão. Neste, como o risco de não encontrar petróleo é alto, as empresas que o assumem pagam royalties e participações especiais para o governo federal, para os estados e para as prefeituras, e ficam com todo o petróleo. Agora, repito, não é assim. Oitenta e cinco [por cento] ficam para o país, e 15 [%] ficam para as empresas, e isso é extremamente lucrativo, e é o modelo encontrado em todos os lugares onde se sabe que há petróleo e que é de boa qualidade.

Mas, repetindo, o modelo de concessão é um modelo justo, pois a taxa de sucesso costuma ser de apenas 20%, que não é caso do pré-sal. Isso no melhor dos casos, nos casos em que a empresa conhece bem a nossa plataforma marítima, como é o caso da Petrobras.

Enfim, o modelo de partilha, que adotamos no pré-sal, garante um equilíbrio justo entre os nossos interesses, ou seja, os interesses do povo brasileiro, os interesses da Petrobras e os interesses das empresas nacionais e estrangeiras, que também vão investir na

exploração dos campos de petróleo, e que é absolutamente justo que obtenham um lucro daí derivado.

Na sua plenitude, o campo de Libra produzirá mais de 1,4 milhão de barris por dia, volume que representa cerca de 67% de toda a produção atual de petróleo no Brasil. É importante que se diga que um consórcio forte, um consórcio em condições, terá também maior rapidez na exploração.

Nossa balança comercial será beneficiada com a exportação do petróleo e dos seus derivados, se não consumirmos aqui. Todo o rendimento da partilha, ou seja, o chamado “excedente em óleo”, que integra o Fundo Social e que vier para o país, será canalizado, como eu disse, para este Fundo Social, metade... foi aprovada uma lei no Congresso que atribui 75% para a Educação e 25% para a Saúde.

Eu quero repetir, aqui, uma coisa que eu tenho dito: o Brasil está realizando uma alquimia, uma prodigiosa alquimia, ao transformar recursos naturais não renováveis em investimento naquele que é o principal ativo de qualquer povo: a Educação. Garantir formação educacional adequada, da creche ao pós-graduação, é este o principal legado do nosso modelo de exploração do petróleo, modelo de partilha, além de todos os outros ganhos que mencionei.

Fica claro que nosso governo tem um compromisso inarredável com o futuro deste país e o está cumprindo. E tem uma estratégia também clara: buscar as parcerias entre o setor público e o setor privado, onde quer que elas possam ser feitas, com o objetivo de gerar riqueza, lucro, investimento, oportunidade para os empreendedores, empregos, em especial para os mais jovens, e retornos para toda a sociedade, sobretudo para os mais pobres.

Enfatizo que é nesse espírito de parceria que estamos também fazendo concessões de rodovias, ferrovias, portos e aeroportos, em um programa de mais de US\$ 240 bilhões para os próximos anos. Vamos promover um salto na qualidade e na amplitude da nossa infraestrutura logística e energética. Como é sabido, dar esse salto é essencial para atingirmos o nível de competitividade que se espera de uma economia das dimensões da nossa e que ficou tantos anos sem investimento.

Estou segura, até porque é bom sempre lembrar: a partir de 2007 é que nós iniciamos o Programa de Aceleração do Crescimento. Até então, várias atividades nunca tinham visto um centavo de investimento do governo federal. Estou segura de que, já em 2014, começaremos a sentir claramente os efeitos desse programa na atividade econômica do país. Vamos acelerar ainda mais, e tenho certeza, que se a recuperação da economia internacional ajudar e se consolidar, como todos nós esperamos, nós teremos uma melhoria ainda maior.

Vamos aumentar, com esses recursos, o número de escolas com educação em tempo integral, com os recursos do pré-sal. Vamos também aumentar o número de creches. Vamos garantir que o país tenha, somando creches com educação em tempo integral, alfabetização na idade certa, que não condene nossas crianças, aos dez anos, não ter proficiência em um texto, em redigir um texto pequeno, interpretá-lo ou lê-lo. E não ter, também, proficiência nas quatro operações.

Vamos continuar com a nossa política relativa à ampliação e à consolidação do ensino técnico, tanto para jovens, como complementação do ensino médio, como para a

capacitação dos trabalhadores. Aliás, essa é uma parceria muito bem sucedida entre o governo federal e o Sistema S. Nós já temos cinco milhões de pessoas formadas nesse... nos cursos nossos mais de curto período. E vamos continuar, também, investindo na ampliação e na qualificação das nossas universidades, e, tanto levando para o exterior pós-graduados, como estudantes em graduação nesse programa, que é o Ciência sem Fronteiras.

Eu queria aproveitar esse momento e falar rapidamente de dois assuntos. Um, é a questão da Saúde. Na Saúde, além do esforço que nós estamos fazendo para ampliar postos de saúde e unidades de pronto-atendimento, nós estamos investindo em infraestrutura, nos últimos dois anos e meio, em torno de R\$ 13 bilhões. Mas eu queria dizer que o Programa Mais Médicos é um passo importante na qualificação do Sistema Único de Saúde, ao assegurar que uma parte expressiva da nossa população tenha acesso a atendimento médico, especificamente nas periferias das grandes regiões metropolitanas e das capitais e cidades médias, no interior do Brasil, no Norte e Nordeste, nas regiões de fronteira e para as populações indígenas e quilombolas.

Nós pretendemos assegurar a chegada de médicos. Até o final deste mês serão 3,5 mil, e até abril de 2014 nós teremos 13 mil médicos, chegando ao atendimento de praticamente 1/4 da nossa população, ou seja, 46 milhões de brasileiros que até então não tinham acesso nem continuidade a esse programa.

Pois muito bem, eu sei que... todos nós aqui presentes sabemos também, que o Brasil tem enfrentado e vencido grandes desafios em sua história recente. Nós sabemos que saímos do período autoritário, todos aqueles que são da minha geração sabem o que significava, no Brasil, um período autoritário. E nós, muitos daqui participando diretamente, construímos uma das maiores e mais sólidas democracias do mundo.

Nós vencemos a inflação, estabilizamos as contas públicas, pagamos nossa dívida externa, saímos da supervisão do Fundo Monetário, e emergimos, neste século, como uma das maiores economias do planeta. Enfrentamos a desigualdade social, a desigualdade social que, se não fosse enfrentada, nos últimos dez anos, teria provocado, aí sim, efetiva turbulência e divisão na nossa sociedade. Trouxemos cidadania, trouxemos mais mobilidade social. E criamos um mercado de consumo, ao termos uma política efetiva que, nessa semana, comemora dez anos, com o Bolsa Família, ao tirarmos mais de 36 milhões de brasileiros, em menos de uma década, da miséria, façanha sem igual em relação a qualquer outro país do mundo e reconhecida internacionalmente. Tudo isso nós fizemos – e devemos nos orgulhar – no marco da legalidade institucional e no marco do respeito aos contratos e às normas vigentes.

E acho que uma das características marcantes desse período inteiro é o fato de que sempre feito fruto de um consenso que gradualmente se formou, e eu acredito que gradualmente sempre forma, em torno dos objetivos nacionais e resulta em ações conjuntas do governo com a sociedade, com os empresários, com os trabalhadores e com toda a sociedade. Foi assim até agora, continuará sendo assim daqui para frente. Esse é o caminho que nós construímos juntos, em todo esse processo da nossa história recente, cada um dando a sua contribuição. Tem a contribuição dos últimos dez anos, dos últimos 15, dos últimos 20, tem a contribuição de todos os que lutaram e construíram a democracia neste país.

Nós estamos hoje em mais um momento de desafio e de construção do consenso, que já se molda. Aqui, hoje, nós vimos, em vários discursos, que se molda, por exemplo, em torno a um dos objetivos que eu acredito que deva ser formulado nos próximos anos, que é dotar o Brasil das condições de competitividade necessárias a seu papel de nação líder deste século.

Disse um compositor e poeta da minha terra natal, Minas Gerais, em verso inspirado, que “se muito vale o já feito, mais vale o que será”. Pois eu encerro afirmando que eu estou segura de que o Brasil do futuro será exatamente do tamanho dos nossos sonhos de hoje. Vamos construí-lo juntos e sonhar grande. Mãos à obra.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração conjunta da Linha de 500 kV entre Villa Hayes e a subestação de energia da margem direita de Itaipu Binacional – Hernandárias/Paraguai
Hernandárias-Paraguai, 29 de outubro de 2013**

Excelentíssimo senhor Horacio Cartes, presidente da República do Paraguai,
Senhor Juan Afara, vice-presidente do Paraguai,
Senhor Julio César Velázquez, presidente do Congresso Nacional do Paraguai,
Senhor Antonio Fretes, presidente da Corte Suprema de Justiça do Paraguai,
Senhor Juan Bartolomé Ramírez, presidente da Câmara dos Deputados,
Senhoras e senhores ministros de Estado e integrantes das delegações do Paraguai e do Brasil,

Senhor Víctor Raúl Romero Solís, presidente da Administração Nacional de Eletricidade do Paraguai – ANDE,

Senhor Jaime Spalding e senhor Jorge Miguel Samek, diretores-gerais da Itaipu Binacional, respectivamente, do Paraguai e do Brasil,

Senhoras e senhores jornalistas, senhoras e senhores fotógrafos e cinegrafistas,

Com grande alegria retorno ao Paraguai para, em companhia do presidente Cartes, inaugurar o terceiro maior projeto de infraestrutura, depois de Itaipu e Yacyretá, da história do Paraguai. Esta linha de transmissão de alta tensão, que conecta Itaipu à Villa Hayes marca o início de uma nova etapa do desenvolvimento deste querido vizinho do Brasil, o Paraguai. A um custo aproximado de US\$ 550 milhões, este é o maior projeto já realizado com recursos do Focem, o nosso querido Fundo de Convergência Estrutural do Mercosul, reforçado por contribuições voluntárias do meu país. Contou ainda com aportes da ANDE paraguaia e de Itaipu Binacional.

Esta linha de transmissão cobrirá, como disseram os presidentes de Itaipu Binacional, cobrirá mais de 25% da demanda por eletricidade do Paraguai e terá, sem dúvida, papel de indutora do processo de industrialização. Uma energia limpa, uma energia renovável, produzida por uma das maiores usinas de geração de energia elétrica do Planeta, e que necessitava dessa interligação para garantir a internacionalização dessa energia no Paraguai. Empresas brasileiras aumentarão seu interesse em investir no Paraguai. Empresas latino-americanas farão o mesmo. O aumento desses investimentos promoverá uma aceleração virtuosa dos fluxos de comércio entre nossos países e em toda a região.

As empresas, brasileiras e paraguaias, que se instalarão ao longo da linha de transmissão gerarão empregos, pagarão impostos, aumentarão a renda disponível, concorrendo para o desenvolvimento diversificado do país e de toda a região. Será, assim, potencializada ainda mais a taxa de crescimento econômico expressiva do Paraguai em 2013. Sem dúvida, tudo indica, a maior da América do Sul.

Essa impressionante obra, presidente Cartes, deve servir ao objetivo de integração das nossas cadeias produtivas, que é a forma mais equilibrada de integração nesta região, beneficiando nossos povos, levando ao desenvolvimento, à geração de empregos e também à melhoria das condições de vida aqui na região.

Isso é prova de que o Mercosul está forte e não se limita ao comércio, mas promove o desenvolvimento buscando a superação das assimetrias entre os países da região. O Focem é a expressão desse compromisso solidário, desse compromisso que busca, justamente, superar essas assimetrias, que são perversas.

Na nova América do Sul que estamos construindo, é preciso conceber as relações entre os países, a relação entre o Brasil e o Paraguai, entre nós e nossos vizinhos, como parte de um projeto maior. Nossas economias são e serão, cada vez mais, interdependentes. Devemos complementar nossa ação bilateral com iniciativas estruturadas em âmbito regional. Cabe ao Mercosul e à Unasul alavancar o potencial de desenvolvimento de nossos países para estabelecer um mercado ampliado, para garantir marcos regulatórios comuns, para criar condições de desenvolvimento em todos os países, em uma relação de ganha-ganha, que é crucial para a estabilidade da região.

Com essa visão de integração Sul-Sul, baseada não na exploração de uns pelos outros, mas baseada no interesse recíproco, na responsabilidade compartilhada e na integração de nossos países, é que alcançaremos nosso objetivo maior, nosso objetivo conjunto: a promoção do desenvolvimento social e a melhoria da qualidade de vida de nossas populações.

Querido amigo presidente Cartes,

Nós, que em menos de dois meses já estamos nos encontrando pela quinta vez, temos um compromisso com nossos povos. E eu queria, aqui, reafirmar o compromisso do governo brasileiro de apoiar seu governo na luta contra a pobreza. Podemos e queremos cooperar nessa área, porque o Brasil desenvolveu, nos últimos anos, uma tecnologia social que temos orgulho de transmitir a todos os países da região, em especial aos países amigos.

Conforme ressaltamos em nosso último encontro, os programas brasileiros Bolsa Família e Brasil Sem Miséria, e o programa do Paraguai *Creando Oportunidades*, mostram que trilhamos o mesmo caminho no tratamento da questão social. Uma forte parceria nesta área permitirá que nossos países possam reduzir ainda mais as desigualdades e construir uma nova realidade social para nossos povos.

Quero, aqui, reafirmar a nossa disposição de, através das relações bilaterais e através das relações multilaterais, no âmbito do Mercosul e da Unasul, poder iniciar a construção de várias obras de infraestrutura. Queria, em especial, nomear a segunda ponte sobre o Rio Paraná, entre Foz do Iguaçu e Presidente Franco. Esta ponte será mais do que uma ponte, um elo concreto entre nossos países, e tornará mais fluido o transporte de cargas e auxiliará no escoamento das exportações do Paraguai.

Senhor Presidente,

O Paraguai é, e sempre será, parceiro estratégico para o Brasil. O governo e o povo brasileiro desejam um Paraguai forte, próspero e respeitado. A inauguração da linha de transmissão é passo fundamental nessa direção. Conte com o firme apoio do Brasil, Senhor Presidente.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio de investimentos do PAC Mobilidade Urbana – Curitiba/PR
Curitiba-PR, 29 de outubro de 2013**

Governador do Paraná, governador Beto Richa,

Vice-governador do Paraná, Flávio Arns,

Querido prefeito de Curitiba, Gustavo Fruet, e senhora Márcia Fruet,

Ministros de Estado que me acompanham aqui hoje: Aguinaldo Ribeiro, das Cidades; Gleisi Hoffmann, da Casa Civil, e paranaense; embaixador Luiz Figueiredo, das Relações Exteriores; ministro de Minas e Energia, Edison Lobão; Wellington Moreira Franco, da Aviação Civil. Vocês vejam que tem 5, 6, 2... cinco ministros me acompanhando aqui hoje, porque depois deste evento nós iremos para Foz do Iguaçu, faremos uma avaliação do terminal do Aeroporto de Foz, e iremos para o lado paraguaio de Itaipu inaugurar uma linha de transmissão muito importante para o Paraguai.

Queria também cumprimentar o ex-governador Orlando Pessuti,

Cumprimentar o senador Sérgio Souza,

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes: André Vargas, Angelo Vanhoni, Dr. Rosinha.

Cumprimentar o secretário nacional da Mobilidade Urbana, Júlio Eduardo dos Santos,

Cumprimentar o ex-ministro Reinhold Stephanes, agora secretário estadual,

Cumprimentar o Ratinho Júnior e o Pepe Richa e, através deles, eu queria cumprimentar, tanto as equipes estaduais, como as equipes municipais, que viabilizaram todas essas ações que nós anunciamos aqui, hoje.

Queria dirigir um cumprimento especial aos senhores prefeitos: Luiz Carlos Setim, de São José dos Pinhais; Luizão Goulart, de Pinhais, presidente, também, da Associação dos Municípios da Região Metropolitana de Curitiba.

Cumprimentar também o prefeito Luiz Lázaro Sorvos, de Nova Olímpia, que é presidente da Associação dos Municípios do Paraná. E, por meio dele, eu cumprimento todos os prefeitos aqui presentes e todos os prefeitos do Paraná.

Queria cumprimentar a vice-prefeita de Curitiba, a Mirian Gonçalves,

Cumprimentar o vereador Paulo Salamuni, presidente da Câmara Municipal de Curitiba.

Cumprimentar o presidente da Urbanização de Curitiba S/A, o Roberto Gregório da Silva.

Queria cumprimentar o Sérgio Pires, presidente do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores empresários.

As senhoras e os senhores representantes dos movimentos sociais.

Cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu acredito que todos nós que aqui estamos hoje sabemos que melhorar o transporte urbano é algo que é do interesse de toda a população das cidades, tanto das regiões metropolitanas como as cidades médias de todo o nosso país, e das pequenas cidades também. E essa só pode ser uma ação em que os esforços sejam unificados e que esses esforços sejam feitos em prol do povo que nos elegeu, sem levar em conta nenhuma das questões partidárias ou de definições de programas políticos, enfim, olhando, sobretudo, o interesse da nossa população. Por isso, necessariamente, exige a união de esforços das três esferas de governo: a prefeitura ou as prefeituras, o governo estadual e a União. Eu tenho certeza que aqui hoje nós estamos, mais uma vez, fazendo uma aliança entre nós para viabilizar algo que é fundamental: transporte público de qualidade para a população de uma das grandes capitais brasileiras. Por essa razão, eu começo saudando o nosso prefeito Gustavo Fruet e o governador Beto Richa, que, junto com o governo federal, viabilizam investimentos tão importantes para a população de Curitiba e do estado do Paraná.

Todos nós sabemos e vivemos isso – eu até pedi uma maquete do “ligeirinho” pelo significado histórico do “ligeirinho” para o Brasil –, todos nós sabemos que há anos – e aqui está o ex-prefeito Cassio Taniguchi... queria lembrar também do nosso querido e criador do “ligeirinho”. Então, todos nós sabemos que Curitiba é uma cidade-símbolo da excelência no planejamento da mobilidade urbana. Seu pioneirismo foi a integração do transporte coletivo e uma ideia, que é uma ideia aparentemente simples, mas de grande resultado, que era a segregação em canaletas, e a construção disso que depois chamou-se BRT. Enquanto eu estive ligada a questões urbanas em prefeituras, todos nós chamávamos de “ligeirinho”, de uns dez, cinco anos para cá, é que chamou-se BRT. Mas, na verdade, a gente não pode esquecer que essa é mais uma criação, é mais uma criação de brasileiros, como foi o caso – se mal comparando – com Santos Dumont, mas lá também, muitas vezes, não deram ao Santos Dumont o necessário reconhecimento. Mas o “ligeirinho”, a gente tem de lembrar, e dar o reconhecimento a quem de direito. Serviu de modelo para muitos países, tornou Curitiba conhecida no mundo inteiro. Quando se falava em qualidade do transporte urbano público, sempre vinha o nome do Lerner. E a gente deve reconhecer esse fato. Bogotá, Santiago, Los Angeles, várias cidades do mundo adotaram esse sistema.

Então, aqui nasceu o BRT, chamado “ligeirinho”, porém uma cidade cresce, ela muda, ela é dinâmica, ela é um organismo vivo, e todas as vezes que isso ocorre, exige do poder público que se olhe e que se faça novo planejamento, que se mudem as propostas. Então, Curitiba também precisa de aprimoramento em seu sistema de transporte coletivo, e aí eu cumprimento o Gustavo Fruet por ser a liderança nesse processo e nessa parceria que nós estamos anunciando hoje. Essa parceria tem como base um investimento no metrô. São 17 km, um pouco mais de 17 km, que nós iremos, aqui, em conjunto, aportar os recursos, aportar, cada um, as nossas condições para criar uma linha subterrânea, e isso exige investimento, exige investimento e exige dinheiro. São R\$ 4,5 bilhões.

O governo federal vai dar a sua contribuição, a nossa contribuição para o metrô é constituída, primeiro, de recursos do Orçamento Geral da União, portanto, recursos a fundo perdido, aqueles que não são reembolsáveis, em torno de R\$ 1,8 bilhão. Depois... o

que significa mais ou menos uns 39, 40% do investimento total. Depois nós vamos aportar R\$ 1,4 bilhão, que será financiamento federal. Financiamento federal esse que é feito em condições absolutamente diferenciadas, absolutamente diferenciadas. Não se encontra esse financiamento no mercado. Trata-se de um financiamento em 30 anos, com cinco anos de carência e um juro bastante razoável, de TJLP + 2,5%. Sem essa estrutura de financiamento, nós não conseguiríamos fazer uma obra desse porte. Obra de um determinado porte no nosso país – é sempre bom a gente ter consciência disso – exige financiamento adequado, senão é insuportável, não dá para ser paga.

Isso explica por que, durante muito tempo, não se fez metrô em nosso país, porque não tinha linha de financiamento do governo federal. Eu não me espanto de que, nos últimos 20 anos, não tenha havido investimentos suficientes do governo federal aqui em Curitiba. Também não tinha linha de financiamento, muito menos a disposição do governo federal de colocar recursos a fundo perdido.

Então, hoje, nós estamos diante de uma situação diferenciada e histórica. Quando nós resolvemos investir em mobilidade urbana – bem antes das manifestações de junho de 2013. Isso nós decidimos no início do governo, lá em 2011 –, nós destinamos em torno de R\$ 90 bilhões na primeira leva. Desses R\$ 90 bilhões, para vocês terem uma ideia, desses R\$ 90 bilhões, eu vou dizer para vocês que nós fizemos projetos, primeiro nas grandes e médias cidades do país, porque elas que vivem o dramático problema do transporte urbano. Porque o transporte urbano é uma questão essencial. Ele diz respeito à vida das pessoas, porque não é só porque é a qualidade e a segurança do transporte, mas é a quantidade de tempo que as pessoas gastam da sua casa para o trabalho, do trabalho para casa. A quantidade de tempo que os nossos jovens e crianças que usam o transporte coletivo, gastam para ir para a escola e voltar.

Essa é uma questão essencial, e aí eu quero dizer para vocês que esses R\$ 93 bilhões e o fato de que eles significam 578 km de transporte sobre trilho, 1.510 km de corredor de ônibus, igual ao do “ligeirinho”, 589 km de BRTs e 158 km de vias urbanas, além de 11 km de transporte fluvial, eles foram o primeiro passo que nós demos.

Daí nós fizemos os cinco pactos de junho. Os cinco pactos de junho, nós fizemos com os movimentos sociais e com os outros poderes e, sobretudo, com os governadores e prefeitos. Essa participação dos governadores e dos prefeitos para a construção dos cinco pactos foi muito importante porque algumas questões foram muito enfatizadas. Eu acho que a grande questão era a questão da mobilidade urbana. Daí nós destinamos, além desses R\$ 90... é 92, 93 [bilhões]. Além deles, nós destinamos mais R\$ 50 bilhões, e são esses R\$ 50 bilhões que nós destinamos em junho, que nós estamos hoje aqui com o governador e com o prefeito, colocando à disposição os recursos.

Hoje eu li no jornal uma coisa interessante, que era muito súbito isso, muito súbito. Muito súbito, não, mostra uma grande eficiência, porque isso foi em junho. Hoje nós estamos aqui anunciando, e uma coisa me chamou a atenção na fala do prefeito. O prefeito disse que ele fez um PMI, que é uma manifestação de interesse para saber quem se interessa por fazer o metrô, e mais, qual é o projeto conceitual. Então, isso significa que o prefeito estava adiantado, significa que tinha elementos, significa que essa obra que nós estamos anunciando aqui, hoje, não só ela é factível como ela vai começar. E aí, prefeito, eu acho que isso tem que ser comemorado.

Nós que vivemos o dia a dia das administrações, sabemos que aquilo que nós temos que cobrar é justamente isso: que as coisas aconteçam, que elas ocorram, que saiam do papel e que tenham efetividade.

O Brasil, durante muito tempo, não tirou nada do papel, porque também não tinha, como eu disse, financiamento, não tinha dinheiro do OGU. Eu sou da época – e sempre conto essa história, e vou continuar contando – que, em 2004, eu era... não, 2005, eu era ministra, já era ministra-chefe da Casa Civil, que nem a Gleisi, chegou no meu gabinete um funcionário da Fazenda e me disse: “hoje nós conversamos com o Fundo Monetário” – naquela época, o Fundo Monetário mandava em nós. Nós tínhamos recebido ele mandando e estávamos fazendo o maior esforço possível para que ele parasse de mandar, para isso nós tínhamos de pagar a dívida, e pagamos. No final desse ano, ou no início de 2006, eu ainda... eu não tenho ainda... eu não tenho certeza da data, mas entre esse ano ou 2006, nós conseguimos pagar a dívida e nos livramos deles mandando em nós. Mas, naquela época, naquela época eles ainda mandavam. E esse funcionário da Fazenda veio me dizer o seguinte: “Olha, uma boa notícia: consegui que o Fundo Monetário liberasse R\$ 500 milhões para a gente investir no Brasil, em saneamento”. Para vocês terem uma ideia do que esses R\$ 500 milhões significam, hoje nós investimos R\$ 500 milhões em uma cidade do Brasil, e não no Brasil todo.

Então, nós mudamos sim. Nós mudamos, e mudamos muito. Mudamos porque hoje somos capazes de responder mais rápido, porque o Brasil vem de um esforço de retomar investimento desde 2007, desde 2007 nós começamos. Isso significa recuperar a capacidade de planejar, recuperar a capacidade de ter projeto, a capacidade de repensar algumas coisas e, sobretudo, temos que ter os recursos adequados ao projeto que a gente quer fazer. Ninguém consegue pagar R\$ 5 bilhões com financiamento de cinco anos, não consegue fazer isso, a equação não fecha. Aí eu considero esse momento um momento especial, justamente porque... por isso que o prefeito falou. Além de a gente estar colocando os recursos, eu saúdo a capacidade das prefeituras e dos governos de serem capazes de realizar os investimentos nesses prazos.

Eu estive em várias cidades lançando a mesma coisa que nós estamos lançando aqui hoje, e eu noto isso em várias outras cidades do Brasil, essa retomada da capacidade de investimento. Eu tenho certeza que vocês todos sabem que esse investimento, que além aqui do metrô, está baseado também em BRTs e está baseado tanto em novos como em recuperação dos existentes, num total de R\$ 5,3 bilhões, eu tenho certeza que vocês sabem que isso vai melhorar – e vai melhorar e muito – as condições de mobilidade aqui da região metropolitana.

Eu quero dizer também que nós estamos fazendo investimentos em outras cidades, como Fortaleza, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Brasília e Porto Alegre, no que se refere a metrô. Eu destaco essas obras porque elas fazem parte do nosso pacto por mobilidade urbana. Eu quero dizer que o PAC... o pacto, aliás, não só está em andamento, esse pacto não só está bem articulado e bem azeitado, como esses investimentos, que são elevados, estão sendo viabilizados por nós.

Eu considero importantíssima a carteira de investimentos que nós temos aqui também no Paraná, porque ela atinge, com o que nós estamos anunciando hoje, R\$ 6 bilhões, porque também somos parceiros de três prefeituras: Londrina, Maringá e Foz do Iguaçu. Nossa

prioridade é garantir qualidade ao sistema e gerar incentivos para que a população deixe o carro em casa e passe a usar o transporte coletivo e, com isso, todos nós vamos ganhar tempo para nossas vidas.

Considero que os outros pactos são muito importantes. Queria falar de dois outros antes de encerrar este pronunciamento. Um é o pacto pela saúde, o pacto que deu origem ao Mais Médicos. Nesse fim de semana, com a ajuda da FAB, com ajuda da Aeronáutica, nós fizemos a maior operação de transporte humano fora de situações de guerra, que foi transportarmos os médicos que vieram para o Programa Mais Médicos, distribuindo-os pelo Brasil. Aqui no Paraná, se eu não me engano, vieram 77 médicos.

Nós sabemos como é importante a presença desses médicos, principalmente naquelas regiões das periferias das grandes metrópoles e das grandes cidades médias, além do interior do nosso país, nas áreas mais remotas e do Norte e do Nordeste, e das populações indígenas e quilombolas. Nós sabemos que uma parte da nossa população não tinha acesso permanente, constante, ou mesmo, em alguns casos, algum, de qualquer tipo, acesso ao médico. Eu gostaria de dizer para vocês que, até o final deste mês, serão 3,5 mil médicos, que já estarão nas diferentes localidades, não só a que pleitearam, mas que atendem às exigências sobre a distribuição, que é ter um grau de presença e de população assistida pelo SUS elevado e, além disso, ter uma situação maior de pobreza e de concentração populacional.

Além disso, eu queria também fazer aqui uma avaliação sobre como é que nós pretendemos, até abril de 2014, colocarmos 13 mil médicos e atender em torno de 46 a 47 milhões de brasileiros, permanentemente, com esses médicos. Com isso, nós temos certeza que, somado aos investimentos em postos de saúde e unidades de pronto atendimento, nós teremos uma política consistente, que é aquilo que as pessoas pedem: “nós queremos um médico que nos atenda, que nos examine, que, de fato, permita que resolvamos nossos problemas”. E todo mundo sabe que uma parte fundamental dos problemas de saúde da população, em torno de quase 80% dos casos, a gente resolve no posto de saúde ou na UPA. E isso significará menos fila nos hospitais, significará mais espaço de atendimento naquilo que se chama média e alta complexidade.

Na questão da Educação eu queria, rapidamente, falar para vocês que nós demos mais um passo para assegurar, para a educação no Brasil, os recursos necessários para que nós tenhamos uma educação de qualidade da creche à pós-graduação, que é ampliação de creches, ampliação da educação em tempo integral. Nós chegamos a 50 mil escolas. Teremos de tornar todas as nossas escolas, escolas de tempo integral, até porque a gente sabe que nenhuma nação chegou a ser uma nação desenvolvida sem investir em educação de qualidade e em tempo integral. Junta a creche com educação em tempo integral e a gente tem um resultado... uma resultante fantástica, que é alfabetização na idade certa.

Nós não podemos admitir, como nação que busca o caminho do desenvolvimento, que as nossas crianças, aos dez anos, e uma parte expressiva delas – em alguns estados da Federação chega a 35% – não tenham... não sejam alfabetizadas adequadamente, e por alfabetização adequada nós entendemos saber ler um texto simples e interpretar, saber escrever de forma muito simples e operar as quatro operações aritméticas. Este país não pode aceitar isso.

Além disso, nós temos que garantir a ampliação e a interiorização do ensino universitário, a garantia sistemática de acesso ao ensino técnico, tanto para os jovens do ensino médio quanto para a capacitação de trabalhadores, quanto para uma saída sustentável e permanente da miséria. E, além disso, temos que continuar garantindo para os nossos jovens, a exemplo do que estamos fazendo, mas em proporção ainda maior, o acesso às melhores universidades do mundo, como fizemos com o Ciência sem Fronteiras, garantindo bolsas de estudo para graduados e pós-graduados em torno de 101 mil jovens.

Então, qual é a questão que foi encaminhada a sua resolução? Eu vou sintetizar para vocês: recursos. Nós licitamos o campo de Libra. Libra é um dos maiores campos de petróleo licitado nos anos recentes. E nós licitamos.

E qual foi o resultado do leilão de Libra? Foi que, de todos os recursos do petróleo gerados por Libra, 75% é do governo federal, estadual, e dos municípios – 75% -, e 25% é das empresas. Aí alguém aqui me pergunta: “mas por que aceitaram isso?” Eu respondo: porque em Libra nós sabemos, primeiro, que há petróleo; segundo, que há muito petróleo; terceiro, que o petróleo é de qualidade. Sabemos onde está, que é muito e é de qualidade. Consequência? Baixíssimo risco de quem explora e alto retorno financeiro, grande receita monetária. É isso que explica que nós tenhamos mudado o modelo de concessão para partilha, porque no modelo de partilha, o que você parte? Você parte e fica assim: sabe aquela brincadeira “quem parte e reparte fica com a maior parte”? Pois é, no petróleo é igual: quem parte e reparte fica com a maior parte. Por quê? Porque ao saber onde tem petróleo, você reduz o risco, o risco fica desse tamanhozinho. Além disso, ao saber que é de boa qualidade e que tem muito, se sabe com certeza que esse petróleo está lá e pode ser tirado, há tecnologia para retirá-lo.

Então, o modelo de partilha faz o quê? Faz uma discussão. Eu não quero receber só royalties, eu quero receber uma coisa que se chama o petróleo, que é o que todo mundo quer, todo mundo quem? Todas as empresas querem, o governo também quer receber em petróleo. Então, o excedente em óleo, no caso do modelo de partilha, vai para um Fundo Social, e o Congresso aprovou que metade desse fundo, 75%, vá para educação. Isso permite uma riqueza muito grande. Nós calculamos que, em 35 anos, Libra gere R\$ 1 trilhão. Em torno, se você quiser converter para o dólar de R\$ 2, de US\$ 500 bilhões, um campo. Isso significa que o Brasil tem um passaporte para o futuro, que é usar todos os recursos que o governo federal recebe de royalties do passado, juntar com todos os recursos que ele recebe de royalties no futuro, juntar com 75% do que ele recebe da metade do Fundo Social, que, no mínimo, estará em torno... entre R\$ 600 e R\$ 700 bilhões. Isso conduzirá a uma receita permanente e constante deste país para investir em educação, e aí nós vamos fazer uma alquimia, que é transformar petróleo em sala de aula, petróleo em conhecimento, petróleo em ciência, tecnologia e inovação. Transformar o Brasil, garantindo que as pessoas que saiam da miséria, saiam de forma permanente, através do único método conhecido, que é a educação.

Eu quero lembrar que o regime anterior, o regime de concessão, ele é justo para aquelas regiões em que há petróleo, mas que não se sabe onde ele está ou, aliás, não se sabe com certeza nem que ele seja comercializável. Para vocês terem uma ideia, em tudo que não é Libra, a regra é a seguinte: pode ter ou pode não ter. A taxa de sucesso é 20%. Por

isso eles pagam royalties, pagam participações especiais e ficam com o petróleo. Obviamente porque o risco é altíssimo. Aliás, eu não sei se vocês sabem, mas Libra foi licitada antes de agora, e ganharam, e começaram a explorar, e pararam de explorar 1,5 mil metros antes de achar o reservatório, para sorte do Brasil e dos brasileiros, porque Deus é brasileiro.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante celebração dos 10 anos do Programa Bolsa Família – Brasília/DF
Brasília-DF, 30 de outubro de 2013**

Boa tarde a todos.

Eu queria iniciar cumprimentando essa extraordinária pessoa, esse brasileiro fantástico, presidente Luiz Inácio Lula da Silva,

Cumprimentar o nosso vice-presidente, Michel Temer,

Cumprimentar o presidente do Senado, senador Renan Calheiros; o presidente da Câmara dos Deputados, deputado Henrique Eduardo Alves,

Cumprimentar todos os chefes de missões diplomáticas, senhoras e senhores, aqui presentes,

Cumprimentar os ministros de Estado, ao cumprimentar a nossa querida ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello,

Cumprimentar os ex-ministros do Desenvolvimento Social e Combate à Fome aqui presentes, Patrus Ananias e Benedita da Silva,

Cumprimentar os senhores governadores Agnelo Queiroz, do Distrito Federal, a senhora Ilza Queiroz; cumprimentar o governador da Bahia, Jaques Wagner; o governador em exercício de Sergipe, Jackson Barreto; o governador do Acre, Tião Viana; o vice-governador do Tocantins, João Oliveira,

Queria cumprimentar, também, os senhores senadores aqui presentes: senadora Ana Rita; senador Eduardo Suplicy; senador Humberto Costa; senador Lindbergh Farias; senadora Vanessa Grazziotin,

Queria cumprimentar os senhores e as senhoras deputados federais, ao cumprimentar o líder do governo na Câmara dos Deputados, o deputado Arlindo Chinaglia,

Queria cumprimentar, aqui, os prefeitos de capitais: Edvaldo Júnior, de São Luís; Roberto Cláudio, de Fortaleza; Raimundo Negreiros, prefeito em exercício de Palmas,

Queria cumprimentar o senhor Jorge Hereda, presidente da Caixa Econômica Federal, e que nos ajudou muito nessa questão do Bolsa Família, e vem nos ajudando, porque nos dá suporte de infraestrutura.

Queria cumprimentar o senhor Hans-Horst Konkolewsky, secretário-geral da Associação Internacional de Seguridade Social, e agradecer pelo prêmio.

Quero dirigir um cumprimento especial para a Cida, a Odete, a Maria e a Iolanda e, por meio das quatro, eu queria cumprimentar a cada um dos homens e das mulheres, dos 50 milhões de brasileiros e brasileiras que, direta ou indiretamente, são beneficiários do Bolsa Família.

Quero, também, cumprimentar e agradecer pela beleza da sua interpretação do nosso Hino Nacional, o quarteto da Orquestra Criança Cidadã dos Meninos do Coque e dizer, de

fato, como ele cresceu. Era, de fato, pequenininho. Agora, eu não vi se ele estava, de fato, flertando, viu presidente. Isso eu não posso assegurar. Mas acredito que, bonitinho assim, estava.

Queria cumprimentar os jornalistas aqui presentes, as senhoras e os senhores, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Um país, uma nação, ele se constrói com ações e com símbolos. Ações e símbolos são a massa, o componente básico que constrói um país. Quando uma ação já nasce símbolo, e um símbolo vira um multiplicador permanente de ações, nós temos a centelha de uma verdadeira transformação.

Hoje nós estamos aqui para comemorar dez anos de uma transformação social, política, e porque não dizer, também, em que todos nós colocamos nossos corações, porque não dizer apaixonada, que tem ajudado a transformar o nosso país. Estamos aqui para comemorar os dez anos do Bolsa Família. Em 2003, há dez anos, quando a mais grave questão social do Brasil foi enfrentada pelo ex-presidente Lula, quando ele teve a ousada ideia de criar e construir o Bolsa Família, nós criamos ali uma ação e um símbolo. O símbolo da transformação pacífica que mudou e está mudando o Brasil. A ação de transformação, a ação transformadora, que muda vidas, que muda milhões de vidas pelo Brasil afora. Como toda transformação pacífica, a energia que a faz mudar é vida também, e sua base são os brasileiros e as brasileiras, até então esquecidos e desassistidos, e os brasileiros e brasileiras que por eles lutaram, lutam e lutarão. Exatamente por isso, eu tenho a felicidade de enxergar aqui, neste auditório, centenas de pessoas que participaram deste grande movimento transformador. E eu vou cumprimentá-las ao cumprimentar o ex-ministro Patrus Ananias. Todos eles estão vivos, firmes e atuantes.

Cumprimento também a Ana Fonseca, ex-secretária executiva do Ministério, do MDS. Estão vivos, firmes e atuantes e apoiando sempre o Programa. Cumprimento cada um deles. E como vivos, firmes e atuantes estão milhões de outros combatentes da paz e da vida, espalhados pelo nosso território e que não estão aqui presentes. Tenho certeza que todos eles estão empolgados pelo muito que fizeram e pelo muito que ainda podem fazer. Agora, entre todos eles se destaca a figura, aqui, do nosso lado, do grande autor e inspirador de tudo isso, o nosso querido e insuperável presidente Lula.

Querido Presidente,

A minha geração chegou a acreditar que só era possível fazer transformações com as armas na mão. Com o senhor, muitos da minha geração, que tiveram oportunidade, aprendemos que a verdadeira transformação é feita unindo nossas mãos, as mãos de nossas irmãs, de nossos irmãos. E com o senhor descobrimos que a energia pacífica que emerge daí é a grande força motriz da história. Foi assim que, em apenas uma década, nesse diminuto tempo, nesse diminuto espaço histórico, que delimita uma geração, nós conseguimos fazer aquilo que a ministra Tereza sempre repete, com que 36 milhões de brasileiros saíssem da miséria. É assim que, em breve, vamos varrer a miséria absoluta do nosso território. É assim, também, que com muito júbilo, porém com muita humildade, reconhecemos que o fim da miséria é apenas um começo.

Por isso, minhas amigas e amigos aqui presentes, o Brasil – a gente pode afirmar isso – se tornou mais Brasil, depois do Bolsa Família. Tornou-se mais Brasil porque começou a

unir territórios díspares, desiguais e isolados. E fez isso criando um ambiente de esperança, um ambiente em que o futuro era possível, um futuro de oportunidades, mas, sobretudo, porque atacou, no presente, a desigualdade.

Nosso país, que vem de um longo processo de desigualdade fundado na escravidão, em um processo em que a elite brasileira fechou, quase um século, seus olhos para o tráfico, tinha acordado, este país tinha aberto os olhos e visto, e encarado a existência da miséria e da pobreza. Essa é a primeira grande obra do Bolsa Família: ter reconhecido que o Brasil precisava superar a pobreza extrema e a pobreza. Sem esse reconhecimento, nós jamais chegaríamos aqui hoje, aonde nós chegamos, que é naquela faixa azulzinha ali, que nós temos uma grande implicância com ela, e vamos – eu asseguro aos senhores – por essa implicância, por rejeitá-la, nós vamos, de todos os jeitos, procurar extingui-la.

Nós sabemos que o Bolsa Família nunca veio para ser o fim do caminho, mas sim uma ponte; nunca veio para ser o topo da escada, mas o primeiro degrau. Veio, como já disse o presidente Lula, para ser a porta de saída da miséria e a grande porta de entrada em um mundo com futuro e com esperança. O Bolsa Família funciona e funcionou porque une duas palavras com muita força, duas palavras com um poder muito grande: simplicidade, é um programa simples; e invenção, é um programa em que se usou a cabeça, em que se pensou o que nós queríamos fazer.

É assim que nascem as tecnologias mais sofisticadas. E é bom que se diga: o Bolsa Família é uma tecnologia sofisticada. E é por isso que o Bolsa Família ajudou o Brasil a desenvolver essa sofisticada tecnologia social, que nos faz admirados por vários países do mundo. O Bolsa Família funciona também porque teve continuidade. Nós não chegaríamos aonde chegamos se não tivéssemos os oito anos construídos, de forma cuidadosa, por todos os ministros e pelo presidente Lula. Por isso é que nós dissemos: mesmo tendo nascido ótimo, essa continuidade conseguiu fazer que ele fosse sendo melhorado, ampliado, aperfeiçoado, pelo empenho e a criatividade de todos os que contribuíram para isso.

Depois do Programa Brasil sem Miséria, temos hoje um Bolsa Família renovado, que mantém sua essência e a força transformadora que sempre lhe caracterizou desde o primeiro momento, mas que ganha cada vez mais novas adições, melhorias de conteúdo, pelo fato de que nós aprendemos com ele, nós aprendemos fazendo. Isso só tem sido possível porque nós tivemos esse tempo todo para construí-lo, aperfeiçoá-lo, tivemos experiência acumulada e tivemos vontade política para manter o rumo da política social implantada lá no governo do presidente Lula, e fizemos ela avançar, ampliando seus benefícios, jamais descuidando do seu norte e alcançando um número cada vez maior de brasileiros.

Seja por qualquer ótica que a gente fizer a análise, qualquer uma, o Bolsa Família tem muitos êxitos e muitos resultados positivos. Como raramente acontece, ele consegue, conseguiu e, tenho certeza, cada vez mais, conseguirá produzir mudanças individuais, mudanças que atingem a vida das pessoas, que atingem a vida de cada um dos beneficiários, mas também produz resultados coletivos. Portanto, ele produz resultados coletivos e resultados individuais, o que eu tenho certeza que é muito importante, porque nós não podemos fazer política sem pensar que melhoria concreta vai produzir na vida de uma pessoa, se vai melhorar aquela vida, se vai melhorar a família, se seus filhos vão ser

melhor atendidos, se a pessoa terá acesso a uma renda melhor, o que acontecerá com ela. Só assim é possível também olhar o programa na sua dimensão global e coletiva.

E isso fez com que mudasse a política social no nosso país. Não mudou só a política, mas também mudou a forma de fazer a política porque, para conseguirmos fazer transferência de renda direta, na veia, bem na veia dos mais pobres, nós, primeiro, unificamos todas as ações do Estado e varremos as políticas clientelistas centenárias no nosso país, centenárias.

Quando nós criamos o Cadastro Único e colocamos todos os entes federados – a União, os estados e os municípios – trabalhando de forma integrada, e aqui eu devo reconhecer a presença fundamental dos municípios nesse processo, nós aderimos a uma prática republicana. Para ser mais clara, uma série de práticas republicanas, e colocamos o Estado ao lado do cidadão comum, a serviço do cidadão comum. Conseguimos colocar todo o aparato do Estado brasileiro envolvido no atendimento às famílias do Bolsa Família, sem que isso criasse relações de dominação do Estado sobre os cidadãos.

Esse é um fato fundamental. Nós fomos capazes de mobilizar o conjunto do Estado brasileiro para atender às pessoas mais pobres deste país. E, ao contrário do que ocorria durante muitos anos neste país, a transferência direta de renda, por meio de um cartão magnético, pessoal e intransferível, permitiu ao Bolsa Família romper com a longa tradição brasileira de programas assistencialistas, em sua maioria, de baixa efetividade e que tinham vigência nas proximidades das eleições. E aí cabe uma observação. O que leva alguém a pensar que depois que o cartão foi dado para uma família, para uma mulher de uma família, alguém pode discutir qual é o destino que ela dá àquele dinheiro. Só quando você cria relações clientelistas e de subordinação, é que você pode se imiscuir, porque implica em uma visão de subordinação, de criar um vínculo no qual quem decide o que a pessoa compra não é ela, seria o Estado brasileiro, o que seria um absurdo. Então, por trás de algumas críticas tem, de fato, o velho preconceito clientelista e assistencialista.

E é justamente por isso que ele não é esmola, ele é uma transferência de renda de nós, todos os cidadãos que pagamos impostos, para aquela parte da população que o Estado brasileiro e, portanto, todo o povo brasileiro tem uma dívida. Então, Bolsa Família não é esmola, não é caridade, e sim é uma tecnologia social de distribuição de renda e de combate à desigualdade. E aí é que está a questão, renda é poder de compra, e o poder de compra é de quem ganha o Bolsa Família, que tem autonomia para decidir o que compra.

Daí porque renda, ao significar poder de compra, significa direito de escolha, significa poder de decisão sobre o que é melhor para si e para a sua família. O Bolsa Família, portanto, oferece algo que não é usual em quem tem uma cabeça voltada para o assistencialismo, que é o livre arbítrio, o direito de escolha, transfere autonomia para o cidadão. À medida que o Bolsa Família transfere renda, dessa forma ele gera liberdade de escolha, ele gera liberdade de cidadania, ele gera a consideração e a instituição daquela pessoa que recebe como cidadã brasileira. Por isso, o Bolsa Família, a gente pode dizer que ele é um programa emancipador, ele é emancipador porque, ao invés de fortalecer o poder do Estado, ele transfere o poder ao cidadão, o Bolsa Família transfere poder, e o melhor de tudo é que constrói – e aqui vocês me permitam dizer que é uma

coisa que eu considero fundamental –, ele constrói um poder feminino. Noventa e três por cento dos titulares dos cartões do Bolsa Família são mulheres que, graças ao programa, ganharam força, ganharam autonomia dentro de suas casas ao prover suas famílias, e também ganharam esse poder nos espaços públicos. É um reconhecimento do Estado brasileiro da importância da mulher no núcleo familiar, uma importância que as mulheres conquistaram e o Estado só fez reconhecer o que as mulheres conquistaram.

Esta talvez seja uma grande mudança promovida pelo Bolsa Família, no perfil da nossa sociedade: reconhecimento objetivo e concreto do papel fundamental da mulher. E eu posso dizer isso sem preconceito, porque eu sou testemunha, porque muito me honra ter sido ministra no governo do presidente Lula, e é muito importante que todo mundo saiba que foi a sensibilidade de um homem, pelo reconhecimento do papel que sua mãe desempenhou na sua vida, que leva a esse reconhecimento do poder feminino. Sensibilidade do presidente Lula, que foi um homem que percebeu a importância que a mulher tem no núcleo familiar, e a reconheceu. Portanto, o Bolsa Família, dessa forma, promoveu o aumento do poder feminino, e eu fico muito feliz de ter recebido vocês quatro aqui em cima, hoje, porque vocês representam perfeitamente o espírito do Bolsa Família.

A mulher tem, e eu tenho certeza que vocês que representam, aqui, todas nós, mas, especialmente, as mulheres do Bolsa Família, têm poder para priorizar os filhos no uso do dinheiro recebido pelo programa. E também – e aí é uma coisa que eu vou afirmar aqui, alto e bom som –, e também para, com o dinheirinho que sobrar, comprar um esmalte ou um batom, para ficar mais bonita e sedutora. Poder também para se libertar de uma relação afetiva quando ela é baseada pura e simplesmente na subordinação econômica. Poder de ter direitos de existir como cidadã. Eu acho belíssima aquela imagem que a Odete pega o alicate e a câmera foca nas unhas absolutamente lindas e esmaltadas da Odete. Nós vamos – não é, Odete? – para a construção civil, mas de unha pintada.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil sem Miséria fez do Bolsa Família o seu principal instrumento de transformação social. Para conseguir isso, transformou o Bolsa Família em um grande integrador, em um entroncamento de programas sociais os mais distintos, todos essencialmente programas emancipatórios. O Bolsa Família passou a ser uma espécie de coração, que faz circular o sangue por diversas veias, ampliando a energia vital do Brasil. Temos a veia do Pronatec – não é, ministro Mercadante? – a veia do Pronatec, que, junto com a educação, com a ministra do Ministério do Desenvolvimento Social, a Tereza, já fizemos 800 mil matrículas de beneficiários do Bolsa Família em diversos tipos de cursos profissionalizantes.

Temos uma outra veia, que é o Programa Crescer, que já concedeu empréstimos a 1,2 milhão beneficiários do Bolsa Família, transformando-os em microempreendedores – não é ministro da... o nosso querido ministro, aqui presente, que é responsável pelas pequenas empresas –, porque, se tem uma coisa importante também para usuários do Bolsa Família, é quererem ser microempreendedores. E isso transforma, sem sombra de dúvida, as perspectivas das pessoas que participam do Bolsa Família.

Nós temos também uma outra veia, a veia do Água para Todos, que está instalando cisternas para consumo humano e animal. Temos a veia da assistência técnica, que dá assistência técnica para 266 mil famílias. Temos o Bolsa Verde, que é outra Bolsa, que beneficia milhares de famílias que ajudam a preservar o meio ambiente. Temos a veia do

Brasil Carinhoso, que investiu no cuidado de 400 mil crianças em três mil municípios. Por isso, só não entende o Bolsa Família quem não o conhece, ou quem, de forma muito obstinada, se recusa a não entendê-lo. Seus efeitos podem ser medidos, podem ser contados e isso pode ser feito de várias maneiras.

Aqui, eu vou dizer algumas, que já foram até ditas, uma parte pela Tereza, outra pelo presidente Lula. Primeiro, pelo número de beneficiários: 1/4 da população brasileira, próximo de 50 milhões de habitantes; pelos índices extremamente vigorosos e que nos orgulham, de redução da extrema pobreza; pelo acesso que nós demos, por exemplo, no microempreendedor, Afif. Pelo acesso que demos a vários programas sociais do governo; pelo impacto econômico positivo, quando se transforma R\$ 1,00 investido no Bolsa Família em algo como R\$ 1,78 na economia, e dois vírgula pouco no consumo, ou seja, no mercado de consumo, de varejo.

Os efeitos do Bolsa Família estão expressos em todos aqueles dados da educação que a Tereza mostrou e que elimina, aqueles dados têm um poder imenso, porque ele também elimina o preconceito com o Bolsa Família, que, aliás, a gente viu se repetir no ProUni, porque diziam que no Prouni os alunos do ProUni não teriam um bom desempenho, os alunos mais pobres, e o que se provou é justamente o oposto. Enfim, pelas milhões de crianças que nós estamos salvando da desnutrição, da doença e do abandono. Pelos 46% de redução da mortalidade por diarreia e, sobretudo, pela autoestima, pela dignidade, pela esperança que oferece a milhões de brasileiros e brasileiras. Essa transformação pacífica, a custo de firme decisão política é reconhecida no mundo inteiro. A ONU recomenda para muitos países sua adoção, mais de 60 nações mandaram emissárias e emissários ao nosso país para estudar esse Programa.

Agradecemos aqui o reconhecimento da Associação Internacional de Seguridade Social pela distinção que faz ao Bolsa Família. E queria dizer para vocês que mesmo se um pequeno grupo – é bem pequeno – insiste ainda em desqualificar e ameaçar o Bolsa Família, isso não nos impede de levá-lo à frente e de nos comprometermos com esse que eu acho um dos maiores objetivos do meu governo, como foi também do governo do presidente Lula, que é a eliminação da pobreza. Nós temos, de fato, que ter esse compromisso, a meta nos faz agir. E eu queria aqui solicitar, ainda mais uma vez, o apoio dos prefeitos, dos governadores, de todos aqueles que podem nos ajudar na busca ativa. Nós sabemos que o ódio dos críticos do Bolsa Família é um ódio anacrônico, é uma posição antiga e obscurantista. Nosso espírito democrático... por espírito democrático, nós devemos ter paciência e devemos escutá-los, porém jamais, não só rejeitar as suas consequências, rejeitar as suas posições, mas jamais concordar com ele ou aceitar qualquer redução no ritmo do Bolsa Família.

Ninguém que governou de costas para o povo tem legitimidade para atacar o combate à desigualdade que nós fizemos. Muitos dizem que eles se conduzem assim porque não entendem nem a vida dos pobres e também porque nunca quiseram enxergar a pobreza. Nos últimos tempos, eu queria acrescentar ao que falou o presidente, que muitos gostam de repetir que o Bolsa Família tem que concluir, tem que acabar porque já durou demais. Repetem também aquela história que o Bolsa Família vicia e acomoda. Agora a pergunta é a seguinte: como é que já durou demais? Seria possível acabar em uma década com a miséria que foi construída durante séculos, em uma década? E foram séculos de

descaso, foram séculos de não enxergar a pobreza. Como vicia e acomoda as pessoas, já que os fatos demonstram, e mostram, e repetem o esforço e os resultados conseguidos pelos beneficiários para alcançar autonomia econômica e financeira?

O Bolsa Família, eu quero reiterar aqui, presidente Lula, o Bolsa Família vai existir enquanto houver uma só família pobre neste país. Ao contrário do que dizem, o Bolsa Família não acomoda nem vicia, ao contrário, mostra que é possível superar a miséria, que é um caminho, que é uma ponte capaz de unir esses dois mundos, que a política equivocada de séculos e séculos separou. Que, de fato, é possível comprar o perfume, ter um carro, ter acesso à aviação, que é possível usufruir do fogão, da máquina de lavar automática. O Bolsa Família mostrou ou mostra que o Brasil tem um grande futuro, e esse futuro significa necessariamente, para ser grande, para ser grande, um futuro com menos pobreza e menos desigualdade e para todo o povo brasileiro. Só assim o Brasil será um país grande e vitorioso. Vai mostrar a todos, sem exceção, que aquela frase que nós adotamos, “o fim da miséria é só o começo” é a grande verdade desse programa e da nossa concepção do Bolsa Família.

O fim da miséria é só um começo, e ainda por cima é bom dizer: um começo pequeno, porque depois vem melhor emprego, melhor salário, depois vem faculdade para os filhos, escola técnica, mais curso técnico, e significa, também, o acesso das pessoas a todos os bens de consumo que todo mundo quer. Não há por que tratar uma parte da sociedade brasileira como se fosse diferente da outra parte. Por isso, o fim da miséria é apenas um começo.

Muito obrigada e parabéns a vocês.